

MACK B. STOKES



**AS CRENÇAS
FUNDAMENTAIS
DOS METODISTAS**

serviço

AS CRENÇAS FUNDAMENTAIS DOS METODISTAS

Mack B. Stokes

São Paulo
1992

Do original: *Major United Methodist Beliefs*

Copyright 1992, Imprensa Metodista

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73

- 1ª edição em português - 1962

- 2ª edição em português - 1992

Tradução: *Charles W. Clay e Duncan Alexander Reily*

Copidesque e Revisão: *Cristina Paixão Lopes*

Outros Livros da Coleção Metodismo

- o Momentos Decisivos do Metodismo, *Duncan A. Reily*
- o A vida vocacional na tradição wesleyana, *Steve Harper*
- o João Wesley, o evangelista, *Francis Gerald Ensley*

ÍNDICE

Apresentação

Prefácio

- I. O Significado Permanente do Metodismo
- II. Cremos na Bíblia
- III. Cremos em Deus
- IV. Cremos em Jesus Cristo
- V. Cremos no Espírito Santo
- VI. Cremos nas Pessoas
- VII. Cremos na Cruz
- VIII. Cremos no Perdão dos Pecados
- IX. Cremos na Vitória por meio da Vida Disciplinada
- X. Cremos na Centralização do Amor
- XI. Cremos na Conversão, na Certeza e na Perfeição Cristã
- XII. Cremos na Igreja
- XIII. Cremos no Reino de Deus
- XIV. Cremos na Vida Eterna
- XV. Algumas Atitudes Metodistas

APRESENTAÇÃO

A Igreja Metodista coloca nas mãos do povo metodista a obra *As crenças fundamentais dos metodistas*, de autoria do Bispo Metodista Mack B. Stokes. A primeira edição foi publicada há alguns anos, porém, por sua riqueza, foi logo esgotada.

A reedição do livro *AS CRENÇAS FUNDAMENTAIS DOS METODISTAS* vem num contexto onde a Igreja Metodista experimenta, à luz dos ensinamentos bíblicos e na perspectiva de sua tradição, um novo momento que está sendo marcado por uma consciência missionária que envolve todos os segmentos da vida e missão da Igreja.

Colocar à disposição da Igreja Metodista esta obra significa resgatar um pouco da tradição que determina a forma de ser do povo metodista. Seu conteúdo coloca-nos frente aos elementos básicos e doutrinários da Igreja Metodista. Por sua riqueza doutrinária pode ser entendida como princípios norteadores da doutrina cristã. Nos seus quinze capítulos o autor nos motiva a ler e refletir sobre as bases doutrinárias da Igreja Missionária a serviço do povo, através dos Dons e Ministérios.

AS CRENÇAS FUNDAMENTAIS DOS METODISTAS é grande contribuição para preparar e capacitar a Igreja ao pleno exercício de Dons e Ministérios.

O conteúdo do livro pode ser aproveitado assim:

1. Escola Dominical. A forma metodológica dos capítulos do livro pode ser usada como material curricular destinado às faixas etárias da Escola Dominical.

2. Estudos Doutrinários. O material pode ser utilizado como estudos doutrinários nas atividades que a igreja realiza no decorrer da semana nas comunidades.

3. Formação do Discipulado Cristão. A forma clara e objetiva como são apresentadas as lições, calçada nos ensinamentos bíblicos, pode constituir um material indispensável para a formação do discipulado cristão que busca responder com maturidade os desafios diários da vida.

4. Classe de Catecúmenos. Apresentado com lições básicas para as pessoas que desejam unir-se a Jesus Cristo, como Senhor e Salvador, por intermédio da Igreja Metodista. Através da classe de catecúmenos o recém convertido recebe com clareza os fundamentos da Igreja Metodista - uma Igreja Missionária.

5. Estudos em Acampamentos. Nossa tradição histórica nos mostra que a Igreja Metodista firmou sua visão missionária através de acampamentos, que devem constituir-se em momentos de desafios para a vida de seus acampantes.

Este livro pode ser fonte de estudo e inspiração para as pessoas que fazem parte dos acampamentos.

A criatividade na maneira de estudá-lo individualmente, em grupo ou através de encenações deverá ser fruto de sua imaginação.

As reflexões desta obra precisam ser conhecidas e estudadas pela Igreja. As sugestões oferecidas são apenas o início do que você pode realizar. Por outro lado, não podemos descartar a riqueza do material que deve ser estudado a partir de uma reflexão pessoal, tendo a Bíblia para consultar os textos bíblicos indicados.

As crenças fundamentais dos metodistas é uma obra pertinente e visa dar elementos que ajudem o povo metodista a analisar a nossa prática cristã, a fim de corrigir certos desvirtuamentos e, na medida do possível, manter-nos dentro do espírito de evangelização e da tradição metodista: povo de coração aquecido e visão missionária.

É nosso desejo e oração que este livro possa contribuir para a renovação da Igreja Metodista. Igreja Missionária. A apresentação é nossa. A criatividade é toda sua. Deus seja louvado!

Agosto de 1992

Bispo Geoval Jacinto da Silva

PREFÁCIO

Acreditamos na religião revelada, na religião experimentada e na religião social.

A religião revelada está baseada na Bíblia como Palavra viva de Deus para a nossa resposta.

A religião experimentada é uma religião pessoal. É algo muito mais amplo que as formas exteriores, as cerimônias e a religião secundária. Significa que acreditamos que Deus nos perdoa porque Cristo morreu por nós. Significa o novo nascimento: a vida transformada pela graça e pela fé. Significa a certeza interior de que somos filhos de Deus hoje e que estamos a caminho dos céus.

A religião social nos reúne com nossos companheiros cristãos em culto público, estudo bíblico e na oração uns pelos outros. Significa alcançar os outros ao falarmos do que Cristo fez por nós e ao agirmos com amor e misericórdia. Significa, pela habitação do Espírito Santo, “santidade interior” que leva à “santidade exterior”.

Oro para que este livro, em sua nova edição, continue a oferecer discernimento e inspiração às pessoas de nossas igrejas locais. Oro, também, para que abra caminho a uma apreciação mais profunda de nossa herança wesleyana, através da qual possamos ouvir, mais uma vez, o chamado de Deus a “reformatar a nação” e a “espalhar a santidade bíblica por toda a terra”. Acima de tudo, oro fervorosamente para que todos aqueles que o lerem e estudarem, sintam a presença de Deus de uma maneira nova, e se juntem uns aos outros para dar testemunho da graça redentora do nosso Salvador.

Mack B. Stokes
Faculdade de Teologia Candler Universidade de Emory
Geórgia, EUA.

CAPÍTULO I

O SIGNIFICADO PERMANENTE DO METODISMO

Não há nada que passe mais facilmente despercebido do que aquilo que está sempre perto. O ar que respiramos está sempre presente. Por isso, raras vezes paramos para pensar sobre ele. As liberdades que gozamos estão sempre conosco. Por isso, poucas vezes apreciamos o seu valor. O mesmo se dá com a nossa herança metodista. Estamos tão próximos dela que freqüentemente perdemos a sua glória e o seu significado permanente.

Além disso, a mente aberta, de que tanto nos orgulhamos, muitas vezes nos leva a achar que o Metodismo não tem nada de especial a oferecer.

O Metodismo enquanto organização é relativamente recente. Ele se reporta a João Wesley (1703-91), Philip William Otterbein (1726-1813), Francis Asbury (1745-1816), Jacob Albright (1759-1808) e seus contemporâneos. Por que, então, falar do seu significado permanente? Justamente porque o Metodismo é uma força poderosa dentro da comunidade cristã.

Não existem doutrinas exclusivamente metodistas. Porque, apesar de termos algumas ênfases próprias, não temos afirmativas que não sejam também aceitas por outros grupos cristãos. Por isso, algumas pessoas perguntam: que lugar o Metodismo ocupa se não tem uma mensagem própria?

Não existem doutrinas exclusivamente metodistas. Porque, apesar de termos algumas ênfases próprias, não temos afirmativas que não sejam também aceitas por outros grupos cristãos. Por isso, algumas pessoas perguntam: que lugar o Metodismo ocupa se não tem uma mensagem própria?

A resposta é clara. Enquanto o Metodismo repudia qual quer sectarismo estreito, traz à comunidade dos crentes as suas dádivas especiais. E quais são elas? Duas palavras-chave contam a história: vitalidade e equilíbrio. O Metodismo é o cristianismo com um equilíbrio vital. E esta é a sua contribuição permanente ao mundo cristão.

Mas como foi que ele veio a expressar este equilíbrio vital? Primeiramente por causa da liderança de Wesley e daqueles que seguiram nesta linha de cristianismo evangélico. Pense em Wesley por um momento. Ele uniu o coração abrasado à mente consagrada. Ele não foi um pedaço tosco de madeira escorregando pela corrente da história. Era de material bem polido. Neste sentido seguia a linhagem de Moisés, o líder mais bem preparado do Velho Testamento, e de Paulo, a mente mais adestrada do Novo Testamento.

João Wesley bem sabia que o cristianismo está sempre em risco de tornar-se desvitalizado ou fanatizado. Por isso, o Metodismo que ele fundou foi um dos maiores esforços no sentido de pregar e ensinar um cristianismo vital e equilibrado. E Philip William Otterbein, estudioso, mestre em hebreu e grego, compartilhou do espírito de Wesley em tudo isto.

I. O Metodismo é um cristianismo vital

O Metodismo é vital porque nos faz voltar ao fato supremo de nossa religião: a graça de Deus nos corações das pessoas. Ele nos pede que retornemos à glória do cristianismo do primeiro século para que possamos nos sentar aos pés dos apóstolos e aprender com eles o verdadeiro significado da nossa religião. E quando o Metodismo permanece fiel à sua origem, convence o mundo a experimentar aquele mesmo tipo de religião vital. Este é o altar em torno do qual a Igreja se levanta. Assim, tudo mais deve ser compreendido como um meio para promover um cristianismo apostólico no mundo de hoje. As doutrinas cristãs, a Bíblia, os sacramentos, os programas da Igreja — tudo isso existe para levar as pessoas a uma comunhão viva com Deus.

1. Cristianismo vital: mais do que são doutrina

Alguns dizem que devemos procurar o cristianismo verdadeiro onde quer que haja uma doutrina sã. E afirmam que nós, metodistas, com o nosso discurso acerca da experiência vital da graça, nos afastamos da verdadeira posição da Igreja através dos séculos.

Acreditamos na importância da doutrina sã. E sabemos que sem grandes crenças nossas almas desfalecem e morrem. Mas sabemos, também, que o córrego de vida é mais profundo que as doutrinas. O rio de Deus flui muito mais profundamente que as nossas crenças. A religião vital não é em si mesma uma questão do que acreditamos, mas em quem acreditamos. "Até os demônios crêem, e tremem". A experiência cristã pressupõe crenças básicas e vai além delas.

2. Cristianismo vital: mais do que a crença Bíblia

Outros dizem que encontraremos o verdadeiro cristianismo ao aceitarmos literalmente as verdades da Bíblia. E afirmam que nós, metodistas, colocamos a experiência vital da graça, com sua influência na conduta cristã, acima da Bíblia.

Creemos na Bíblia e a exaltamos como o Livro dos livros, mas insistimos, ao mesmo tempo, que uma pessoa pode conhecer a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, e crer em todas as suas sentenças, mas continuar bem longe do Reino. Porque não somos salvos pela Bíblia, mas pelo Salvador de quem ela fala.

Por exemplo, por que temos os quatro Evangelhos? Porque não podemos, hoje, estar na presença do Jesus histórico no mesmo sentido em que se encontravam os primeiros cristãos. Por isso lemos sobre ele em Mateus, Marcos, Lucas e João. Estes Evangelhos contêm outras coisas além de informações acerca do que Jesus fazia e dizia. Eles possuem interpretações e a proclamação das boas novas de Deus. Mas são tão competentes em retratar e redescobrir o Jesus histórico que também nós nos lembramos de Jesus tal qual os discípulos. Os quatro Evangelhos existem, portanto, para nos ajudar a sentir aquilo que os discípulos sentiram quando andaram pelas estradas com Jesus (veja João 20:31).

E, de um modo ou de outro, a Bíblia existe, primeiramente, para nos apresentar ao Salvador.

3. Cristianismo vital: mais do que um meio de graça

Mais uma vez, existem aqueles que encontram o verdadeiro cristianismo no poder dos sacramentos do batismo e da Santa Comunhão ou nos cultos e nos ministros da Igreja. Alguns enfatizam o batismo. Outros enfatizam a Ceia do Senhor. Os nossos amigos católicos romanos vêem o centro do cristianismo na Missa, onde o eterno sacrifício de Deus na Cruz é revivido. Outros afirmam que o verdadeiro cristianismo está no culto público, onde todos se unem em oração, adoração e inspiração. Alegam, assim, que nós, metodistas, estamos perdendo algo quando depositamos nossa confiança diretamente no Salvador e na certeza que adquirimos pelo testemunho do Espírito.

Nós, metodistas, nos unimos a todos os cristãos na ênfase dos dois sacramentos, dos cultos da Igreja e do hábito da oração e da meditação. E estamos convencidos de que tudo deve ser feito "com ordem e decência" (1Co 14:40). Mas somos forçados a afirmar que o cristianismo apostólico não consiste de cerimônias e manifestações exteriores.

Nem ministros nem sacerdotes — mesmo com toda a sua proximidade da Bíblia e dos sacramentos — podem, num sentido literal, dar ou negar a graça abundante de Deus em Jesus Cristo. Porque o ministro e o leigo, o sacerdote e aquele que confessa, estão eqüidistantes da graça de Deus. E estão igualmente próximos. A nossa certeza e o nosso crescimento na graça vêm diretamente do Espírito e através da comunidade de fé e oração.

4. Cristianismo vital: mais do que boas obras

Outros, ainda, encontram o cristianismo vital nos preceitos morais e nas boas obras. Assim sendo, nos dizem, o Metodismo perde a essência da questão quando enfatiza a graça de Deus ao invés das boas obras.

Nós, metodistas, cremos na vida de moral cristã. Não temos sido ativistas por mera coincidência. Mas o nosso ativismo é fruto da religião vital e não deve ser confundido com ela. O Metodismo é um cristianismo vital porque nele se encontram, numa união dinâmica, a vida moral e o poder do Espírito Santo. O dever, isoladamente, é de pequena monta. A moralidade em si é de relativa importância. Mas a bondade do ser humano assume grande significado através do poder do Espírito Santo.

II. O Metodismo é um cristianismo equilibrado

Quando se trata de religião, as pessoas estão em constante perigo de perder o equilíbrio. Nossos ancestrais metodistas sabiam disso. Por isso eles pregavam e ensinavam um cristianismo que, sem perder a sua vitalidade, mantinha o seu equilíbrio.

1. Um ponto de vista equilibrado sobre a Bíblia

Percebemos este cristianismo equilibrado, primeiramente, em nossa aproximação com a Bíblia. Unimo-nos a todos os cristãos ao afirmar as grandes doutrinas da Escritura. Reconhecemos diferentes interpretações em muitos pontos, mas apontamos quatro princípios para nos auxiliar durante a leitura da Bíblia.

Primeiro, a Bíblia deve ser compreendida como o livro da Igreja. Ela tem o seu significado na e para a comunidade de fé e oração. A Igreja autorizou-a, preservou-a, traduziu-a e usou-a. E a Igreja, durante século de estudo e reflexão, compreendeu seu significado principal como a revelação do amor redentor de Deus cumprindo-se em Jesus

Cristo. De um modo equilibrado, portanto, nós, metodistas, nos colocamos como intérpretes da Bíblia nas principais linhas da tradição cristã.

Segundo, não devemos aceitar qualquer coisa baseados em um só versículo ou em algumas passagens isoladas. Devemos basear nossas crenças na mensagem total da Bíblia. Esta visão abrangente, como a igreja a compreendeu, inclui como ponto essencial a revelação dos propósitos de Deus para a humanidade na criação, redenção e consumação. Deus se revelou na experiência da natureza — aquele reino de realidade conhecido por nós através dos sentidos. Mas, de um modo singular, Deus se revelou através da Bíblia — o reino do mundo espiritual da oração, louvor e graça.

Terceiro, a Bíblia deve ser compreendida como uma revelação a ser respondida. Podemos estudá-la como literatura, ou como história ou como alusão à exatidão científica. Mas do ponto de vista do significado moral e espiritual da Bíblia, estas ênfases não têm sucesso. Porque a questão é que a Bíblia é a palavra viva de Deus. A palavra existe para a comunicação. Esta Palavra viva é a comunicação de Deus, pedindo a nossa resposta. Assim, a palavra se torna útil quando começamos a perguntar: "O que Deus está tentando me dizer por meio desta passagem?" ou "O que Ele está me chamando a fazer?". Porque a Bíblia é uma revelação que pede uma resposta a Deus.

Um quarto princípio que dá equilíbrio à nossa crença metodista é este: a Bíblia deve ser compreendida por sua confirmação na experiência cristã. A própria Bíblia é, em grande medida, o testemunho de pessoas, ao longo dos séculos, sobre as coisas que Deus fez. Suas promessas, suas grandes passagens, suas mensagens e seus ensinamentos práticos — tudo isso é finalmente compreendido em seu sentido mais profundo na vida dos crentes. Isto impede que a Bíblia se torne um simples livro e a torna uma palavra dinâmica. Ela nos fala agora e em nossas circunstâncias particulares hoje.

Existe um equilíbrio maravilhoso no hábito de exaltar a Bíblia como um todo, tendo Cristo ao centro, como a autoridade para a nossa pregação, ensino e para o nosso viver. Ao mesmo tempo, quando lemos este livro como Wesley e nossos ancestrais o fizeram — instruídos pela esclarecedora tradução do cristianismo histórico — damos um sinal seguro do nosso equilíbrio de pensamento. Revelamos, também, uma marca de inteligência prática quando compreendemos a Bíblia, relacionando-a à nossa condição humana hoje e à nossa crescente experiência cristã. Porque a experiência nos mostra os nossos erros. Destrói nossas ilusões. Protege-nos do fanatismo. É a professora que buscamos todos os dias.

Assim, aquilo que Moisés, os profetas e os apóstolos falavam e faziam torna-se real em nossa experiência. E isto nos ajuda a compartilhar com eles e a adquirir uma compreensão essencialmente equilibrada da Bíblia.

2. Um ponto de vista equilibrado da conversão e da educação

Este equilíbrio do Metodismo pode ser visto, também, em nossa ênfase na conversão e na educação. Na vida estas duas coisas se misturam. Mas existe sempre o risco de perdermos uma ou outra. Algumas pessoas fazem do novo nascimento a coisa mais importante de todas. Se não entrarmos no Reino repentinamente imaginam que não poderemos alcançá-lo de modo algum. Enfatizam o entusiasmo, a emoção, a decisão crucial. Mas negligenciam o processo gradual de aprendizagem do significado de ser cristão.

Esta atitude é desequilibrada. Mas afirma uma grande verdade na qual acreditamos firmemente. A conversão tem um lugar de grande importância na vida. Quando nos

enxergamos como realmente somos, percebemos a necessidade de uma rendição total do nosso ser a Jesus Cristo. Precisamos nascer do Espírito.

Por outro lado, a nossa profunda preocupação com a educação pode ser identificada através do enorme investimento de talento e dinheiro em nossa literatura da escola dominical. Nós, metodistas, lamentamos a ignorância que hoje existe em torno da Bíblia. Estamos determinados a oferecer a todas as pessoas, em todo o mundo, a chance de conhecer este grande Livro. Isto é educação.

E percebe-se este profundo interesse pela educação do povo através das inúmeras escolas e universidades que foram fundadas e que funcionam sob os auspícios e a inspiração da Igreja Metodista. Estamos determinados a não permitir que o nosso povo perca a sua visão de Deus no meio dos seus estudos nas instituições de ensino superior. Por isso, procuramos meios cada vez mais eficazes para transmitir a Palavra viva de Deus ao mundo contemporâneo. E desejamos influenciar o pensamento de pessoas em todos os estágios e níveis de educação.

3. Uma visão equilibrada do cristianismo pessoal e social

Este equilíbrio pode ser encontrado, ainda, no interesse do Metodismo pela salvação pessoal e pela responsabilidade social.

Somente os indivíduos podem ser redimidos. Deus bate à porta das almas solitárias. Mas aquele que se salva precisa cumprir os seus deveres enquanto vive na Terra. Como disse Jesus: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia” (Jo 9:4).

Aquilo que prejudica o ser humano atinge a Cristo e desperta o cristão à ação. Por isso o Metodismo se preocupa com as guerras, os lares desfeitos, o preconceito racial, a corrupção política, o crime organizado, a promiscuidade sexual, a pobreza, a poluição, os problemas causados pela superpopulação, o alcoolismo, as drogas e todas as formas de desumanidade.

4. Uma visão equilibrada dos esforços denominacionais e ecumênicos

Nós, metodistas, cremos na Igreja ecumênica. Nos orgulhamos do Metodismo. Mas nos envergonhamos de não fazermos o máximo para unir todas as denominações numa fraternidade e ação mais íntimas. “Então haverá um rebanho e um pastor” (Jo 10:15).

Alegramo-nos com todas as forças que agem para unir os cristãos. Porque sabemos que precisamos da ajuda uns dos outros para lutarmos nos combates desta era. Nas grandes afirmações estaremos unidos. Nas pequenas coisas permitiremos diferenças. Nas questões práticas cooperaremos com os outros. Somente então poderemos começar a dizer: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo” (Ap 11:15).

5. Doutrinas equilibradas

Não há lugar em que este equilíbrio seja mais evidente do que em nossa visão das grandes doutrinas cristãs. Compartilhamos com os outros as afirmações básicas da revelação bíblica. Acreditamos em Jesus Cristo como Senhor e Redentor. Acreditamos no Espírito Santo como o poder e a presença de Deus, agindo constantemente para nos levar a dimensões de vida mais elevadas. Acreditamos que o ser humano é ao mesmo tempo uma criatura feita à imagem de Deus e um pecador, e que, com a ajuda divina, poderá escolher a quem servirá e como viverá. cremos na justificação pela fé. Acreditamos no novo nascimento. Acreditamos na santificação ou santidade, não apenas como um estado imutável

mas como um movimento dinâmico pelo poder do Espírito para concretizar os objetivos de Deus em nós. Acreditamos na Igreja como o povo de Cristo, a comunidade de oração e fé, onde a vida cristã é alimentada e compartilhada. Acreditamos em uma vida responsável no mundo, de modo que a sociedade seja transformada para a glória de Deus e benefício do povo. Acreditamos na vida eterna como uma aventura pessoal com Deus, que começa aqui e agora e que continua como uma aventura criativa com Deus e aqueles que participam com Ele no reino dos céus além da morte.

Em nosso modo peculiar propugnamos por uma interpretação equilibrada destas grandes doutrinas cristãs.

Assim, João Wesley e aqueles que construíram sobre os alicerces que ele firmou, fizeram bem o seu trabalho. Wesley foi um teólogo, um reformador, um santo. Talvez a sua maior habilidade tenha sido o seu gênio organizador. Mas sua dádiva mais preciosa foi o *cristianismo essencialmente equilibrado* que ele pregou e viveu. Analisemos mais de perto as crenças do Metodismo.

CAPÍTULO II

CREMOS NA BÍBLIA

A árvore do protestantismo tem suas raízes na Bíblia e somente floresce nesse solo. Cada vez que tentamos plantá-la em outra terra, ela murcha e morre. A Bíblia é o sustentáculo do nosso púlpito, o conteúdo das lições da escola dominical e o alicerce de nossa vida devocional. Quando a negligenciamos, o cristianismo vital sofre. Quando a exaltamos, o cristianismo vital floresce.

Nós, metodistas, compartilhamos, juntamente com todos os outros grupos cristãos, da visão da Bíblia como fonte e norma principais da crença e da conduta cristãs. Não nos voltamos a ela para melhorar nossa cultura, ainda que isso aconteça como uma das conseqüências do seu estudo. Lemo-la em espírito de oração, porque queremos conhecer a vontade e o propósito de Deus para as nossas vidas. No decorrer da vida, logo descobrimos que os tesouros humanos, como os nossos modismos, vêm e vão. Muitos livros saem do prelo e atingem a massa leitora, parando, finalmente, no grande oceano do esquecimento. Ficamos fascinados pelos momentos transitórios que a literatura do dia nos proporciona. Mas no meio de tudo aquilo que vem e que passa *descobrimos algumas coisas que não são novas nem velhas, mas eternas, pois provêm de Deus*. Assim é que a Bíblia, produto da inspiração divina, permanece. "Seca-se a erva e caem as flores, mas a palavra de Deus subsiste eternamente" (Is 40:8).

1. A Bíblia: eterna por suas narrativas e acontecimentos

Nós, metodistas, sabemos, em primeiro lugar, que a Bíblia é eterna por suas grandes narrativas e acontecimentos, através dos quais Deus falou no passado e continua a falar hoje

A Bíblia narra a história de Abraão que, como um antigo Cristóvão Colombo, saiu, por meio da fé, em uma longa viagem para descobrir um novo continente espiritual. Há, também, a narrativa de Jacó e sua visão em Betel, bem como a de José e seus irmãos. Lemos na Bíblia, também, a triste narrativa dos filhos de Israel escravizados no Egito.

Há, ainda, a carreira inesquecível de Moisés. Lemos sobre a criança salva da chacina pela astúcia de sua mãe, sendo adotada pela filha do Faraó. Vemos o pequeno príncipe gozando de todos os prazeres e vantagens do palácio real. Depois observamos o jovem que percebe a aflição do seu povo e mata um egípcio. Então acompanhamos o atemorizado Moisés em fuga até Midiã, onde se defronta com Deus enquanto cuida do rebanho de Jetro. Mais tarde, vemos Moisés como homem de Deus, o maior vulto do Velho Testamento, conduzindo seu povo para fora do Egito e governando-o no deserto. Vemos o legislador sob o peso da responsabilidade da vida na comunidade e sob a inspiração de Deus, descendo do Monte Sinai com os imortais Dez Mandamentos. E,

finalmente, lemos a triste narrativa de como Moisés avistou, melancólico, a terra de Canaã, e sua morte, talvez, no talude solitário do Monte Nebo, onde Deus o sepultou, sendo que ninguém achou “até hoje a sua sepultura” (Dt 34:6).

Lemos, com fascinação, as histórias de Débora — profetisa, juíza e mãe em Israel — Ana, mãe de Samuel, e Rute, que amava o Deus de Israel.

Nós, metodistas, voltamo-nos às narrativas eternas dos reis. Lemos sobre Saul, cuja história tem um começo feliz, mas um triste fim; ele exemplifica, em sua vida e morte, os frutos amargos da desobediência. A Bíblia nos fala de Davi, o jovem pastor de coração puro que venceu o gigante Golias. Também nas suas páginas lemos sobre Davi, o poderoso rei, o pecador miserável e o homem angustiado, cantando salmos de arrependimento que se tornaram imortais.

Depois temos o relato de muitos reis que “fizeram o que parecia mal aos olhos do Senhor” e que permanecem como constantes lembretes da corrupção do poder e da queda dos poderosos.

Examinamos com satisfação as histórias dos profetas. Desde Amós, o rude profeta da justiça, até Jeremias, que penetrava os mistérios das coisas espirituais mais profundas, vemos o poder de Deus operando através desses instrumentos humanos. A vida possui suas tragédias e suas derrotas, porém sempre existiu a glória do refugio, da esperança que se arraiga em Deus e do Messias prometido.

E, é claro, nunca nos cansamos de ler a história de Jesus. Há o relato sobre o canto dos anjos, do ouvir dos pastores e da busca dos reis magos. E há a linda história do menino Jesus, nascido em um estábulo e deitado em uma manjedoura, enquanto os pastores e os reis magos vão até lá para lhe homenagear.

Depois há a história do menino de doze anos que gostou do templo de tal maneira que ali permaneceu para fazer e responder perguntas.

Há, ainda, as palavras de Jesus, o severo mas atraente mestre e grande médico. Ele instruiu os ignorantes, curou os enfermos, abençoou as criancinhas, favoreceu as mulheres e anunciou as boas novas aos pobres. Essa foi a sua missão (veja Lc 4:18-19). Finalmente, há o relato de como ele foi traído e preso; como foi esbofeteado, cuspidado, ridicularizado, julgado falsamente e crucificado como criminoso entre dois ladrões. E há a triste cena de Jesus, sangrando e sofrendo, mas orando: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34).

E no final, há a inefável beleza do túmulo vazio e do Cristo ressurreto, que quebrou os grilhões do pecado e esmagou a morte.

Mais uma vez, há a história do Pentecoste e da autorização dada aos apóstolos e a outros para a evangelização do mundo. Há a história de Saul confrontado pelo Senhor ressurreto e recebendo o novo princípio de poder através de Cristo.

2. A Bíblia: eterna por sua revelação dos propósitos de Deus

Nós, metodistas, sabemos que a Bíblia é eterna porque através de suas grandes personagens e acontecimentos Deus revelou o propósito para o qual nos criou.

Podemos descobrir muitas coisas por nós mesmos. Podemos alcançar alguns discernimentos acerca de sua vida por meio da experiência e da reflexão. Mas não há fonte como a Bíblia para revelar o propósito de Deus para a nossa criação. A ciência e a tecnologia são muito importantes. Mas elas não nos revelam o motivo pelo qual estamos aqui. As explorações na lua, e possivelmente em outros planetas, podem estar entre as nossas maiores realizações. Mas elas nada revelam acerca do significado e do propósito para as nossas estranhas vidas neste pequeno e lindo planeta. Os estudos psicológicos e sociais são importantes, mas não oferecem uma compreensão do significado e propósito principais. A cultura e a civilização nos contam alguma coisa sobre a vida e suas direções, mas lhes faltam clareza e profundidade.

Podemos passar por todos os viadutos do mundo, ou navegar por todos os seus canais, ou voar por todas as rotas aéreas, e jamais descobrir o motivo pelo qual estamos aqui. Mas a Bíblia, corretamente compreendida, revela o significado e o propósito da vida humana. Ela nos ensina que Deus nos criou para um propósito. Não é suficiente afirmar que Deus nos criou. Precisamos nos remeter ao seu ensino bíblico para a descoberta de um objetivo supremamente valioso. Deste modo, o movimento dinâmico de Deus na busca de seus objetivos torna-se visível. O propósito é a idéia chave em relação à ação criativa de Deus.

A Bíblia não apenas ensina que Deus nos criou para um propósito sublime. Ela revela qual é este propósito, isto é, para praticar valores morais e espirituais em comunidade. As palavras “em comunidade” são importantes. Deus agiu *no e através do povo* de Israel. Falou por intermédio de Moisés e dos profetas no contexto da comunidade. A aliança foi feita com o povo de Israel. Jesus introduziu o tema da salvação pessoal na religião. Ele amou e serviu às pessoas individualmente. Mas ele também ensinou sobre o *Reino* de Deus e conclamou o povo a entrar no reino dos céus. Tudo isto significa que Deus quer realizar valores morais e espirituais em nossas vidas em meio ao nosso envolvimento com nossos companheiros humanos. Por esta razão, não foi por acidente que, pelo poder do Espírito Santo, a Igreja nasceu naquele primeiro Pentecoste cristão. Era a *comunidade* de fé, o *povo* de Cristo. Este princípio é ilustrado mais adiante pelo fato de que quando Deus nos criou ele nos colocou, desde o início, num ambiente familiar, com relacionamentos comunitários. A totalidade da nossa existência em sociedade, com suas dimensões políticas, econômicas, educacionais, recreativas e culturais, ilustra a preocupação de Deus com a realização dos valores em comunidade.

A Bíblia também ensina que todos estes valores atingem sua mais alta realização sob a liderança de Jesus Cristo. Seu amor e bondade mostram o caminho. Todas as aquisições, por maiores que sejam, perdem a sua glória, a menos que estejam voltadas para o bem-estar das pessoas com as quais Jesus se preocupava. Todos os valores ideais, tais como amizade, humor, bondade, beleza, verdade e culto têm o propósito divino de servir à vida. E onde quer que Jesus Cristo seja Senhor, esta é a direção para a qual se voltam todos os esforços humanos; isto é, para beneficiar os seres humanos para a glória de Deus.

Assim, a Bíblia, na revelação dos propósitos para os quais Deus nos criou, nos dá o senso de direção que precisamos. Isto nos orienta nesta vida e abre a porta aos avanços criativos do futuro na vida após a morte. Pois Deus tem a delicada preocupação de nunca abandonar as valiosas criaturas que Ele formou à Sua imagem e por quem Cristo morreu.

3. A Bíblia: eterna por suas grandes afirmações

Sabemos que a Bíblia é eterna pelas suas grandes afirmações. Vivemos numa era de secularismo. E por secularismo me refiro à idéia de que se Deus existe, isso não tem importância; não faz qualquer diferença. Muitas coisas seculares são boas, muitas são ruins. Mas o secularismo é uma tragédia da nossa era, quando olhamos com ansiedade para o século 21.

Em contraste com essa atitude, há as grandes afirmações bíblicas. Mas quais são essas grandes crenças?

Primeiro, a Bíblia nos fala de tudo o que precisamos saber sobre Deus. De maneira maravilhosa, ela nos revela um Deus criador de todo o universo e Senhor de todas as coisas. Comparado a essas majestosas afirmações bíblicas, o secularismo é reduzido à trivialidade.

Segundo, a Bíblia nos conta tudo o que devemos saber sobre nós mesmos. Ela insiste em que jamais conheceremos a nós mesmos até que enxerguemos à luz de Deus. Por quê? Porque na pura luz divina três fatos majestosos ficam claros. O primeiro fato é que somos criaturas; somos eternamente dependentes de Deus. O segundo é que somos criaturas especiais, pois fomos criados à imagem de Deus (Gn 1:26). Isso quer dizer que Deus nos criou para coisas elevadas, nobres e, acima de tudo, nos criou para Si mesmo. O terceiro fato é que também somos pecadores. A Bíblia nos revela que temos dentro de nós certas forças que tendem a nos afastar de Deus e de nossos melhores ideais. Temos paixões e anseios que estão em guerra com os planos que Deus tem para nós. E a Bíblia afirma que no meio dessas inclinações e anelos temos o poder de escolher qual o caminho a seguir; se seguirmos a Deus ou partiremos em nosso próprio caminho. Fomos criados para vencer o mal, com a ajuda de Deus; porém, o mal nos vence. Do começo ao fim a Bíblia nos responsabiliza por termos nos afastado de Deus.

Finalmente, a Bíblia nos diz aquilo que precisamos saber sobre o nosso encontro com Deus. Pois o tremendo poder redentor de Deus é oferecido livremente a todos nós em Cristo Jesus.

Assim, a Bíblia é um livro que fala de Deus. Fala sobre nós. E fala do encontro entre Deus e nós. Ela jamais permitirá que nos esqueçamos de que Deus nos criou para Si.

Nós, metodistas, nos gloriamos na afirmação bíblica de que Deus *tomou a iniciativa por amor a nós*. Não pode haver pensamento mais belo que este. Muito antes de pensarmos em Deus, ele pensou em nós. E isto está lindamente registrado naquele simples e pequeno versículo que até nossos filhos recitam: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4:19).

O mais glorioso de tudo é que o amor redentor de Deus é oferecido graciosamente a todos os que se arrependem e se unirem ao Salvador pela fé. É por isso que falamos da graça de Deus, pois seu amor é dado de graça a todos os que confiam nele. A Bíblia declara a glória de Deus e nos fala da sua obra maravilhosa em Cristo Jesus. Oferece libertação a todos, não pelo poder humano mas sim pela graça de Deus em Cristo Jesus. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

4. A Bíblia: eterna pelo seu ministério às necessidades humanas

Nós, metodistas, sabemos que a Bíblia é eterna, porque por seu intermédio Deus vem de encontro às nossas necessidades mais profundas. Para cada necessidade premente

do coração humano há uma passagem correspondente na Bíblia. Como o mundo satisfaz o anseio humano pela beleza estética, assim é a Bíblia em relação à fome pela verdade espiritual. Ela nos satisfaz, qualquer que seja nossa disposição emocional. Segue-nos onde quer que as tentações nos levem, e confronta-nos com os nossos pecados. Nas horas solitárias da noite, a imensa beleza de suas passagens canta para nos fazer dormir.

Quando a tristeza atravessa o nosso caminho, pegamos este Livro e ouvimos a voz de Deus. Quando andamos pelo vale da sombra da morte, que muitas vezes é pior que a própria morte, lemos a Escritura e nos certificamos de que não estamos sós.

Quando grandes responsabilidades são colocadas sobre nossos ombros, recorremos à Bíblia e encontramos a força de que precisamos. Quando somos chamados a realizar grandes obras para Deus, e vacilamos, pegamos no Livro Santo e descobrimos o que deve ser feito. Quando o fardo do sofrimento humano pesa sobre nós, lemos sobre Aquele que negou-se a si mesmo, e voltamos alegres a nossa tarefa, jubilosos porque compartilhamos da obra de Deus.

Aqueles que desejavam a pureza voltaram-se para a história de José. Os que buscavam paciência aprenderam com Jó. Os líderes políticos que sentiram que o amor ao poder estava ameaçando o seu caráter voltaram-se para Moisés e aprenderam a como ser majestoso em autoridade e humilde em espírito. Muitos que tiveram sua consciência adormecida sentiram suas forças morais restauradas ao lerem os livros de Oséias e Amós. Aqueles que perderam a coragem contemplaram o semblante de Estevão e voltaram a ser soldados da cruz. Os que se esqueceram de fazer o bem, retraçaram as longas e difíceis jornadas do apóstolo Paulo, ouviram-no cantar: “Não fui desobediente à visão celestial” (At 26:19). E, finalmente, aqueles que tinham sede e fome de perdão e vida eterna ajoelharam-se ao pé da cruz e contemplaram o semblante do seu Redentor.

5. Observações finais

Com este pano de fundo, acreditamos na imensa importância do Livro sagrado. Ele não apenas tem orientado a Igreja mas também tem dado uma qualidade especial à nossa cultura ocidental. O próprio fato de ter este Livro como base da nossa crença e prática significa que enxergamos além da natureza, além da civilização e além de nós mesmos, para Deus, nossa esperança e nosso destino últimos.

Conta-se a história de um líder árabe a quem perguntaram o motivo pelo qual o povo não podia confiar nos líderes comunistas da Rússia. Ele respondeu: “Porque eles não têm um livro sagrado”. Assim, a presença da Bíblia na Igreja e nas nações comunica algo sobre o nosso desejo de viver no mundo sob o governo de Deus. Podemos até não viver de acordo com ela, mas ela é, no mínimo, o fundamento declarado de nossa crença e conduta (veja Stokes, *The Bible in the Wesley Heritage*, Abingdon Press, 1979).

CAPÍTULO III

CREMOS EM DEUS

Os metodistas compartilham com todos os cristãos da crença em Deus. cremos que o único e verdadeiro Deus é o fundamento e o Senhor deste universo. Por trás do céu estrelado, debaixo da terra, nas energias de todo o universo e no interior de nossa vida está o Deus vivo.

I. Por que cremos em Deus?

cremos em Deus por causa da nossa herança bíblica. Mas também acreditamos Nele porque isso faz sentido. Não nos impressionamos com o ateísmo. Por quê? Porque ele nunca trouxe qualquer contribuição positiva ao mundo. E uma doutrina de negação, ao invés de afirmação. Além disso, não faz qualquer sentido. Em contraste a isso, afirmamos duas coisas. Primeiro, cremos em Deus porque a Bíblia e os nossos lares cristãos nos ensinaram a crer. Também cremos porque o nosso pensar mais agudo o requer e a nossa experiência o confirma.

Algumas pessoas dizem: “Deus é grande demais para ser conhecido por nós”. Nós, porém, declaramos que Deus é grande demais para não se deixar conhecer. Sabemos que existem muitos mistérios a respeito de Deus. E sabemos que há muitas coisas sobre Ele que jamais saberemos. Mas sustentamos que Deus se fez conhecer a todo aquele que se dignou a olhar o mundo ao seu redor (veja Rm 1:19-21).

Outros afirmam: “Não se deve argumentar a respeito de Deus, pois isso coloca o argumento acima Dele”. Isto soa muito devoto, porém não podemos aceitar esta opinião. Por que não? Porque ninguém está tornando o argumento maior que Deus. O argumento não trata de Deus mas sim de nossa crença. E nós, metodistas, insistimos em que devemos mostrar aos reticentes que o nosso pensamento mais aprimorado nos conduz diretamente a Deus.

Se é que existem boas razões para cremos em Deus, devemos discuti-las. E se nos chamam de tolos porque cremos, devemos apresentar as razões de nossa crença. Pois além de nossa herança bíblica nós, metodistas, confiamos em nossa razão como base para a nossa crença.

Por que cremos em Deus? Por três razões básicas, que estão entrelaçadas no apoio mútuo.

1. É intuitivamente plausível

Acreditar em Deus é intuitivamente plausível. Não precisamos ser filósofos para perceber isto, apesar de a filosofia ajudar. A idéia básica é que percebemos, por um tipo de

discernimento imediato, que o finito exige o Infinito. Assim como a folha precisa da árvore, a grama precisa da terra, a onda precisa do oceano, assim o finito requer o Infinito, o passageiro exige o Eterno, o imperfeito clama pelo Perfeito.

Anselmo (1033-1109), famoso por apresentar o assim chamado argumento antológico da crença em Deus, ofereceu um serviço muito importante. Ele mostrou que existe uma diferença inerente entre a idéia de Deus e a idéia sobre tudo o mais. Ele trouxe à luz o que muitas pessoas percebem intuitivamente; isto é, não é possível pensar que Deus não existe. Se isto fosse possível, Ele não seria Deus. Sabemos, no entanto, que todas as outras coisas numa determinada época não existiam. Por exemplo, a árvore que está no jardim hoje existe, mas em determinado tempo ela não existia. E no futuro ela deixará de existir. O mesmo acontece com as pessoas. Não existe uma razão inerente pela qual devemos existir. Se vivermos após a morte, isto será porque Deus assim o deseja e não porque precisamos, necessariamente, continuar a existir. Na verdade, podemos dizer o mesmo de todo o universo; não há nada que exija que ele exista. Deus poderia ter criado inúmeros outros universos. Mas ele criou este. Poderá haver um tempo em que Deus termine o seu trabalho com este universo, e ele deixe de existir.

Mas esta não é uma verdade que se aplica a Deus. Ele tem que existir. Quando perguntamos: “Quem criou a Deus?” demonstramos que não compreendemos o significado da palavra “Deus”. Porque se Deus pudesse ser criado por outro ser não seria Deus.

2. É intrinsecamente razoável

Mais uma vez, é intrinsecamente razoável acreditar em Deus. Isto é, à luz da evidência total e à luz das opções mais importantes, faz sentido acreditar em Deus. Considere rapidamente algumas das evidências mais importantes que apontam para o teísmo (a crença em Deus).

Primeiro, existe a evidência do universo físico e das criaturas que nele habitam. Esta é uma questão muito complicada, mas deixe-me ser o mais claro possível. Em nossas experiências comuns com as coisas à nossa volta percebemos que vivemos em um mundo ordenado. E raramente paramos para perguntar por que ele é ordenado e como veio a se tornar assim. Mas quando pensamos a este respeito percebemos que isto exige uma explicação. Isto é, queremos compreender como é possível existir um mundo ordenado. Os cientistas, ao explorarem o cosmo além do alcance do senso comum, também pressupõem e descobrem um universo ordenado. Geralmente eles não são filósofos nem teólogos, por isso não devem perguntar o motivo pelo qual existe um universo ordenado.

Colocando de um outro modo: o que a mente humana exige para explicar um universo ordenado quando existem infinitas possibilidades para o caos reinar? A melhor resposta que conheço é que somente a ação criativa de Deus pode explicar isto. Podemos experimentar, juntamente com a única opção freqüentemente repetida (a não ser que abandonemos a busca), isto é, que o universo é um produto do acaso ou de processos impessoais. Mas quando o fazemos percebemos que não conseguimos uma explicação adequada. Então precisamos usar do nosso melhor raciocínio e dizer que só Deus pode explicar o universo.

Dentre muitos outros fatos, três exigem explicação. O primeiro é o incrível fato de que podemos conhecer o mundo ao nosso redor. Não está em nossa mente, mas nós o conhecemos. O universo, desde as suas minúsculas partículas até suas imensas galáxias, é

inteligível. Sobre isso Einstein afirmou: “Pode-se dizer que o eterno mistério do mundo é a sua compreensibilidade”. Isto está tão próximo de nós que corremos o risco de perdê-lo. Nós simplesmente aceitamos o fato de que conhecemos o mundo à nossa volta. Vemos árvores, carros, outras pessoas, as estrelas e não damos importância a eles. Mas como é possível? Pelo acaso ou por um processo impessoal? Nunca. A melhor explicação que conheço é que Deus, a mente suprema, age no e através do universo para fazer dele um contínuo meio de comunicação. Este mesmo Deus criou as nossas mentes e tornou-as capazes de receber as mensagens da natureza. Portanto existe uma mente em cada extremidade da linha. Deus explica tudo aquilo que de outro modo permanece inexplicável.

Um segundo fato é o da criatividade. A. N. Whitehead, chamado por alguns de a maior mente filosófica do século 20, disse que não poderia aceitar o ateísmo porque ele não explicava a surpreendente criatividade do universo. Como as coisas podem surgir? O universo caracteriza-se pela energia criativa, energia que produz a novidade. Isto pode ser explicado pelo acaso ou pelo processo impessoal? É claro que não. Aqui, mais uma vez, a energia dinâmica de Deus, marcada pelo propósito e pela inteligência, é a explicação mais razoável que temos. Realmente, faz mais sentido que qualquer outra alternativa.

Um terceiro fator (além do fato básico de um universo ordenado) tem a ver com os valores. A beleza e a bondade estão entre os valores verdadeiramente ideais. Elas deveriam ser experimentadas por todos. Mas por que deveríamos experimentar a beleza neste universo quando existem infinitas possibilidades de feiúra e desarmonia? Mas o mundo físico é feito de tal maneira que pode satisfazer todo anseio humano pela beleza. E ele também se submete ao nosso desejo de criar a beleza.

O pintor tem os materiais. O construtor pode transformar a madeira, o tijolo, a pedra, o aço e o alumínio em magníficas construções. O musicista pode criar instrumentos que emitem os sons pedidos. E o escritor tem a caneta, a máquina de escrever e o papel. Por que toda esta coordenação, tanto na natureza como em nós, voltada para produzir a beleza? O antigo salmista ofereceu a resposta quando disse:

*Os céus proclamam a glória de Deus
e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.
Um dia discursa a outro dia,
e uma noite revela conhecimento a outra noite.*

Também há a bondade. Isto aparece no ser humano. Por que devemos ser criaturas morais? Isto seria possível se o acaso ou a energia impessoal fossem elementares? E claro que não. No entanto, aqui estamos — seres morais. Isto não quer dizer que vivemos como deveríamos. Todo mundo sabe que não vivemos deste modo. O que temos em mente é que reconhecemos o ideal de bondade, somos capazes de responder a ele cada vez mais e não nos satisfazemos se não o alcançamos. Isto não é meramente algo que aprendemos, um acidente em nossa formação. Ao contrário, assim como nosso intelecto, é uma capacidade com a qual nascemos. Ela exige situações de vida para que seja expressa, mas é mais que isso.

Como seres humanos, fazemos perguntas acerca da moral. É certo ou errado mentir, roubar, enganar, matar, etc? Agimos corretamente? Onde procedemos mal? O que queremos dizer com isto é que, de um modo impossível aos macacos, cachorros, cavalos, baleias e pássaros, temos uma capacidade de viver uma vida moral. Mas por que deve ser assim? Por causa do acaso ou de um processo impessoal? Nunca. Nossas mentes

percebem que algo mais é necessário para explicar a presença da natureza moral em nós. Que algo mais é Deus. Pois quando nos damos conta de que Deus é bom, percebemos que como Criador ele é a fonte suprema de toda bondade e toda aspiração moral. Portanto, mais uma vez, faz sentido acreditar em Deus.

3. É experimentalmente confirmável

As pessoas não apenas pensaram e falaram sobre Deus; elas experimentaram sua presença e poder. As melhores evidências são as vidas dos santos. Eles são dignos da imitação de todas as pessoas. São escolhidos como as melhores evidências porque suas vidas são autorizadas. Na Ciência não tomamos como referência um “joão-ninguém” mas sim os Pasteurs, as Marie Curies, os Einsteins — os melhores. O mesmo acontece aqui. O testemunho da realidade de Deus não seria completo sem a menção dos santos e de todos aqueles que seguiram a sua linha. Porque eles não nos falam apenas do Deus do universo. Eles falam também de Abraão, Isaque e Jacó; de Moisés, Davi e os profetas: dos apóstolos e, supremamente, do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Desde o início nos impressionamos com o número, qualidade, semelhança e contribuições daqueles que registraram a contínua presença de Deus em suas vidas. Eles formam uma grande multidão. Alguns são famosos, outros não. Mas todos adornam o mundo com a beleza, bondade e triunfo de suas vidas — quase sempre sob as mais difíceis circunstâncias.

A própria Bíblia está cheia de exemplos. Jó, o santo sofredor, falando das profundezas de sua aflição, diz: “Porque eu sei que o meu redentor vive” (Jó 19:25). O salmista oferece seu testemunho simples: “O Senhor é o meu pastor” (Sl 23:1). Muitos que andaram com Deus vêm e vão. Nós os chamamos de profetas. Então Paulo fala. Todos estavam ansiosos por ouvi-lo. Seu rosto estava radiante. Seu discurso era deliberado, mas forçado. Ele diz: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28). Ele faz uma pausa para dar ênfase, e continua: “Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (veja Rm 8.38-39).

II. Resumo

Por causa dessas considerações e de outras semelhantes não foi por acaso que houve uma longa sucessão de mentes privilegiadas no pensamento ocidental que tiveram a visão de Deus. Tivemos Platão, o homem mais talentoso que já se interessou pela Filosofia. Tivemos Aristóteles. Houve todas aquelas mentes filosóficas e teológicas do Ocidente que se juntaram a outras do Oriente na afirmação de uma visão de um mundo teístico. Estes pensadores, seguindo uma magnífica linha, não podem ser ignorados pelas pessoas atentas.

Houve, também, as grandes mentes da literatura: Dante, Shakespeare, Milton e outros. Houve cientistas como Kepler, Newton, Pascal e Pasteur; e há muitos dos melhores homens e mulheres do nosso tempo. Sim, e houve as grandes almas santas e religiosas de todos os tempos: Moisés, Débora, Rute, Isaías, Jeremias, os salmistas, os apóstolos. Houve Agostinho e o “angélico doutor” Tomás de Aquino. Lutero, Calvino e João Wesley. E, nos nossos dias, madre Teresa. Todos eles fazem parte do grande grupo de pessoas que afirmaram a realidade e o poder de Deus. Portanto, nos confrontamos com uma longa sucessão de testemunhas que contam a história da grandeza e da glória de Deus (veja Hb

12:1).

Somos deixados sós para ponderar sobre estas coisas em silêncio. E quando a verdade é compreendida, o impacto é tremendo. Porque começamos a perceber que nenhuma crença ampla atinge a mente humana com melhores credenciais do que a crença em Deus. O ateísmo não se sustenta pelo pensamento cuidadoso. Pensar nele leva a refutá-lo. O agnosticismo, que diz “não sabemos”, é timidez intelectual. Deixe o Criador de fora e teremos que lançar mão do mito de que toda esta ordem e engenho do universo vêm, “de alguma forma”, de um processo inconsciente. E isto é pura credulidade. Afirme o Criador, e a mente reconhece que obteve a verdadeira explicação. Enquanto o mal natural apresenta um problema para a pessoa que acredita em Deus, ele nada é comparado às dificuldades que se colocam no caminho daquele que tenta explicar o ser humano e o universo sem Deus.

Além disso, o testemunho cumulativo de milhões de pessoas religiosas através dos séculos é irrefutável. Como vimos anteriormente, o testemunho mais claro vem dos santos, porque estes homens e mulheres entraram na vida religiosa — experimentaram, se preferir — mais persistentemente que os outros. Por isso estão em melhores condições de saber que qualquer outra pessoa. E só há uma coisa a fazer com o testemunho cumulativo destas ilustres pessoas: aceitá-lo. Podemos nos sentar em uma poltrona e duvidar. Mas uma coisa é certa: *não podemos estabelecer nem destruir em uma poltrona aquilo que foi verificado no laboratório da alma humana.*

III. Com o que Deus se parece? Em que tipo de Deus acreditamos?

1. Deus: o supremo espírito pessoal

Acreditamos que Deus é o Espírito supremo. Deus é supremo porque é o começo e o fim, o “Alfa e o Ômega” (Ap 1:8). Somente ele existe por si.

Deus é espírito. Muitas pessoas ficam tão deslumbradas por aquilo que vêem que perdem a glória do não visto. Mas o que queremos dizer com a palavra “espírito”? A melhor pista é olharmos para nós mesmos. Temos corpos; mas somos espíritos. Por exemplo, todos nós temos um propósito para fazer algo. Mas enquanto pudermos ver o que estamos fazendo jamais seremos capazes de perceber nossos propósitos. Por quê? Por que são espirituais. O mesmo acontece com nossas almas. Elas são espíritos invisíveis.

A natureza é o reino de realidade acessível a nós através dos cinco sentidos. Mas existem reinos de realidade que não podem ser conhecidos pela experiência dos sentidos.

Enxergamos o mundo físico. Mas não podemos ver a Deus. Por isso acreditamos no Deus invisível que nos sustenta. “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24).

2. Deus: a suprema pessoa

Nós, metodistas, acreditamos que Deus é a pessoa suprema. A Bíblia nos ensina, do começo ao fim, que Deus é uma pessoa viva. Deus é o criador, não simplesmente o princípio das coisas. Deus é o sustentador do universo, não simplesmente um processo cósmico. Deus é amor, não meramente uma ordem moral. Deus é a pessoa suprema, não meramente um sistema de ideais ou um processo cósmico.

Mas o que queremos dizer com isso? Logicamente não estamos querendo dizer que Deus é limitado como nós o somos. Queremos dizer, ao contrário, que mesmo em nosso nível humano a pessoa nos oferece a melhor pista daquilo com que Deus se parece. A pessoa sabe.

Assim, Deus, a pessoa suprema, conhece seu universo e identifica seus filhos. Se Deus não nos conhecesse, não poderia existir uma religião vital. Mas Deus é nosso Pai, que conhece cada membro de sua família.

Deus ama seus filhos. Há uma pergunta que é feita com freqüência: “Será que Deus realmente se preocupa com nossas pequenas vidas aqui na Terra? Não será Ele grande demais para isso?”. E a resposta é que Deus é grande demais para não nos amar. Quanto maior o jardineiro, mais ele ou ela aprecia cada flor do jardim. Quanto maior o Deus, mais intimamente ele conhece e ama cada um de seus filhos e filhas.

Quando afirmamos que Deus é uma pessoa, queremos dizer também que ele age. Deus não é uma deidade estática e distante que contempla as tragédias da natureza e da história. Ele está dinamicamente presente em todos os eventos e em toda a vida. Não é suficiente falar de Deus como um processo. Mas, a despeito de qualquer outra coisa que venhamos a dizer sobre Deus, ele é inerentemente dinâmico. O Deus da Bíblia é o Deus que age.

Ele faz coisas. Ele cria, sustenta e provê. Além de seus imensos projetos por todo o universo, Deus age diariamente em nossas vidas. Ele repreende, perdoa, redime, fortalece, promete, confirma, liberta, protege, julga, desafia. Ele quebra os grilhões da morte e nos convida a uma aventura criativa com ele no paraíso. Assim, Deus está levando adiante os seus propósitos. Como disse Jesus: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5:17).

3. Deus: o supremo soberano

Acreditamos que Deus seja o supremo soberano.

A Bíblia não nos deixa esquecer que somente Deus é soberano do universo e Senhor da terra. Somente Deus tem a última palavra. Somente Deus é Deus.

Afirmamos, ao mesmo tempo, a liberdade e a responsabilidade do ser humano perante Deus. Algumas pessoas nos dizem que se Deus é soberano ele controla e determina previamente tudo o que faremos. Mas nós, metodistas, jamais poderíamos acreditar que Deus nos ata as mãos e os pés, não dando espaço para a nossa ação responsável. Não somos fantoches no palco da vida. Por isso sustentamos que o próprio Deus nos criou, por sua ordem soberana, com o poder de dizer “sim” ou “não”. A verdade é que é necessário um Deus maior para criar pessoas com livre arbítrio do que fazê-las fantoches. Nossa liberdade, longe de roubar o poder de Deus, é um dos sinais mais seguros da sua soberania.

Assim, Deus é o supremo soberano. E em todas as coisas só ele merece a nossa total devoção.

4. Deus: o supremo amor

Deus não é supremo apenas em poder; ele é supremo em amor. O poder de Deus é uma expressão infalível do seu amor. Este é o significado da revelação de Deus em Jesus Cristo. Os profetas antes dele tiveram rápidas visões disto. Por exemplo, Zacarias teve esta visão quando falou por Deus, dizendo: "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos" (Zc 4:6). Deus fala através do Servo Sofredor (Is 53). Ele exige, em contraste ao poder e à força, que pratiquemos a justiça, amemos a misericórdia e que andemos humildemente com Deus (Mq 6:8). O significado pleno de Deus como amor não estava disponível a nós até que Jesus Cristo o revelou em seu amor sacrificial que o levou a sofrer e morrer por nós.

Quando nos forçamos a compreender o significado mais profundo de tudo isto percebemos que o amor de Deus revelado em Jesus Cristo é o mesmo amor para com o universo. Deus o criou em primeiro lugar. O amor o sustenta. O amor o carrega em direção ao futuro. O amor de Deus revelado em Jesus Cristo está sempre conosco para perdoar, sustentar, capacitar e vencer a morte. Deus falou por meio de Jesus na ênfase de um universo moral. Isto não está completamente claro para nós por causa da dor, do sofrimento e da maldade natural. Mais profunda que todos esses mistérios é a afirmação bíblica de que Deus é amor sacrificial. Este amor divino é a única base para a esperança, para a abertura em relação ao futuro.

IV. Deus: a santa Trindade

Nós, metodistas, cremos na Trindade. Acreditamos também que existe uma grande diferença entre trinitarianismo e unitarianismo. Mas o que significa tudo isso?

Começemos pela doutrina histórica da Trindade. Deus é três-em-um. Mas não será isso uma contradição? Não, mas é um mistério. Existe apenas um Deus. Mas baseados na Bíblia, os cristãos, através dos séculos, têm insistido que devemos dizer mais que isso. Porque o único e verdadeiro Deus revelou-se a si mesmo de diferentes maneiras em relação às nossas vidas. Assim, no esforço por expressar este fato, os cristãos reconheceram três atividades diferentes nas quais Deus está envolvido. Quais são elas?

Antes de responder a esta pergunta, precisamos notar que os cristãos têm insistido que estes três tipos de atividade divina derivam de diferenciações dentro do próprio Deus. Uma pessoa pode ser um indivíduo. No entanto, ele ou ela é complexo. Uma pessoa pensa, sente, decide. E estas atividades estão enraizadas em três aspectos perceptíveis de um ser. Isto é apenas uma analogia. É meramente sugestiva. De um modo misterioso, Deus é três-em-um. Deus é um Ser com pelo menos três diferenciações estruturais dentro de Si. É claro que se pudéssemos conhecer tudo sobre Deus descobriríamos que o seu Ser é tão rico que teria inúmeras outras diferenciações. Mas Deus, no seu infinito amor e sabedoria, revelou as três grandes características de sua natureza que afetam essencialmente as nossas necessidades humanas. Quais são essas três características?

São elas: Deus Pai, Deus filho e Deus Espírito Santo. Deus Pai é Criador e Sustentador do universo. Ele é Deus em sua preocupação com toda a criação, incluindo a nós. Deus Pai revelou-se a si mesmo no universo e em sua preocupação geral pelo valor de seus filhos. Deus Filho é o redentor e recriador de nossas almas. Neste aspecto, Deus revelou-se em Jesus Cristo. Portanto, esta revelação é diferente da revelação no universo da providência

de Deus. Deus Espírito Santo é o Deus em nossos corações e mentes. E neste aspecto Deus está presente de maneira mais clara dentro da comunidade de fé e oração, onde Jesus Cristo é Senhor. Deus Espírito Santo está especialmente relacionado à missão da Igreja, pois ali ele age para nos trazer a glória da salvação em Jesus Cristo. E o Espírito Santo nos enche com o anseio por alcançar e trazer outros para a nova vida em Cristo. O Espírito Santo nos molda na comunidade de louvor e serviço para a glória de Deus.

Acreditamos que o fato de sermos ou não trinitarianos ou unitarianos faz uma grande diferença prática. Por quê? Porque precisamos saber exatamente o que Deus espera de nós e o que Ele promete fazer por nós e através de nós. No unitarianismo, os propósitos e as ações de Deus não estão suficientemente claros para provocar uma resposta decisiva. No trinitarianismo sabemos que Deus nos criou para um grande propósito. Sabemos que Deus agiu e ainda age em nosso favor através de Jesus Cristo para nos perdoar e recriar nossas almas. Sabemos que Deus está sempre presente para exaltar a Cristo como Senhor e para nos impulsionar a falar de sua graça redentora. E conhecemos as respostas de fé e compromisso que Deus espera de nós.

A partir daí podemos perceber que a Trindade, por um lado, é pragmática. Ela especifica as diferenças práticas que Deus faz quando nos abrimos a Ele e depositamos nele a nossa confiança. Tudo isso é essencial para o cristianismo vital ou experimentado. Na religião unitariana, a revelação tende a ser contemplatória. Ela busca satisfazer o intelecto. Na religião trinitariana, a revelação de Deus, sem sacrificar o interesse do intelecto, nos impulsiona a uma resposta e comprometimento totais ao chamado divino.

CAPÍTULO IV

CREMOS EM JESUS CRISTO

Nós, metodistas, cremos que o maior evento da história foi a vinda de Jesus Cristo ao mundo. O mais sublime acontecimento histórico começou numa estrebaria, continuou numa cruz e culminou num túmulo vazio. O nascimento de uma criança numa curiosa aldeia marca a grande divisão do tempo. Tudo o que aconteceu antes é A.C.; o que segue é A.D.

Sustentamos que em Cristo Jesus a eternidade nos desvendou seus segredos. Nele, toda a tirania que reinava sobre a alma do ser humano recebeu os prenúncios da sua derrota. Também nele toda pessoa pode reclamar seu direito de receber a graça de Deus e tornar-se uma nova criatura.

Alguns dizem que a vida terrena de Jesus não foi muito importante, pois ele não escreveu livros, não compôs músicas, não pintou quadros, não esculpiu estátuas, não juntou fortuna, não comandou exércitos nem governou qualquer nação. Mesmo assim, sabemos que Jesus falou como nenhum outro; ele viveu, curou e morreu como nenhum outro jamais o fez.

Ele, que nunca escreveu uma frase num livro, tornou-se o herói de inúmeras obras. Ele, que jamais fez uma pintura, veio a ser a inspiração para muitos dos melhores quadros já pintados. Ele, que nunca esculpiu pedra alguma, tem sido homenageado pela construção das mais lindas catedrais em todos os cantos da Terra. Ele, que nunca compôs música nem escreveu hinos, tem colocado melodia no coração de incontáveis multidões. Jesus Cristo, que nunca fundou instituição alguma sobre a Terra, tornou-se o fundamento da Igreja que traz seu nome. Este homem, que recusou os reinos deste mundo, tornou-se Senhor de milhões de pessoas. Sim, ele, cuja morte vergonhosa mal produziu uma leve agitação no lago da história do seu tempo, tornou-se uma poderosa corrente no oceano dos séculos, depois de sua morte.

Jesus era tão cativante que as crianças o amavam; era tão meigo que as mulheres recebiam seu conforto; era tão firme que as pessoas rudes tomavam conhecimento dele; era tão cheio de compaixão que as multidões o apertavam; tinha tamanha coragem que os entrincheirados poderes do mal tremiam diante dele; possuía tanta pureza que os pecadores viam nela a figura de Deus; era tão fiel que subiu o triste e solitário caminho que conduzia à cruz; mas foi tão triunfante que hoje, 20 séculos após sua vida na terra, sua cruz ainda está de pé como “o emblema soberano sobre tudo”.

Mas qual é a importância deste Jesus? Teria sido ele um mero aldeão que viveu há muito tempo, que cativou as multidões pelos poderes maravilhosos da cura e que surpreendeu o povo com seus ensinamentos? Foi apenas um homem que combinou a

gentileza de um santo à força de um profeta?

Nós, metodistas, nos unimos aos antigos apóstolos e aos outros cristãos na afirmação de que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2Co 5:19). Portanto, juntamente com os cristãos primitivos, também nos colocamos diante de Jesus, o Filho do homem e o Filho de Deus.

Como expressar essa verdade na linguagem moderna? Sabemos que nenhuma fórmula poderá conter a verdade total, pois todas as grandes verdades requerem mais de um tipo de explicação. A Igreja nunca satisfaz completamente com o que já foi dito sobre o significado de Jesus Cristo como Senhor e Redentor. Sem pretendermos dar uma fórmula exclusiva, cremos que um dos melhores pontos de vista pode ser claramente declarado. cremos que o eterno Deus estava singular e redentoramente presente em tudo que Jesus falou, pensou e fez. Deus estava presente no nascimento e na vida que Jesus viveu.

1. Deus na compaixão de Jesus

Com este princípio em mente notamos, primeiramente, a compaixão que Jesus possuía pelas multidões, e nisso vemos Deus.

Quem eram essas pessoas que Jesus amava? Não eram pessoas cultas. Eram pobres, doentes e escravizadas pela tirania das convenções e costumes. Mas Jesus as amava assim mesmo. Ele sofria com a angústia da sua fome, as privações da sua pobreza e a dor das suas enfermidades. Sim, Jesus tinha compaixão pela multidão (veja Mt 15:32 e Mc 8:2).

Esta compaixão é demonstrada em uma cena tocante que passou perto da cidade de Jericó. Bartimeu, um mendigo cego, filho de Timeu, estava assentado junto ao caminho no subúrbio daquela antiga cidade (veja Mc 10.46-52). Durante as horas sossegadas de muitos dias ele havia recontado em pensamento todos os incidentes que ouvira falar a respeito de Jesus. Com que freqüência ele desejara estar perto de Jesus! Naquele dia em particular, talvez tivesse dito a si mesmo que não deixasse sua imaginação se ater a este galileu, pois ele jamais atravessaria o seu caminho. No entanto, pouco depois, Bartimeu ouviu o ruído de uma multidão que se aproximava. O que significava aquilo? O povo que seguia a Jesus estava se dirigindo ao lugar em que o cego permanecia sentado. No meio do alvoroço e da agitação provocados pela multidão que passava, o pobre cego clamou para qualquer um que quisesse responder: “O que está acontecendo aqui?”.

Veio-lhe a resposta: “É um nazareno que está passando; parece que seu nome é Jesus”.

A voz de Bartimeu ficou presa na garganta e por um momento não pôde dizer uma palavra. Depois suas palavras como que explodiram, qual energia retida que subitamente se liberta: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim” (Mc 10:47). Muitos que o ouviram clamar a Jesus repreenderam-no asperamente, dizendo: “Cala-te, tolo. Jesus não tem tempo para um cego como tu”.

O autor do Evangelho foi muito feliz na sua expressão: “Mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! Tem misericórdia de mim.” Os ouvidos do Mestre, há muito sintonizados com os clamores do povo, foram alcançados pela tristeza evidente na voz que havia proferido aquelas palavras. Parou e disse: “Chamai aquele homem”. Bartimeu lançou de si a sua

capa, levantou-se às pressas, passou pela multidão e, tremendo, apresentou-se a Jesus. Todo o mundo conhece o resto da história. Jesus lhe disse “vai, a tua fé te salvou”, e imediatamente apareceu diante de seus olhos maravilhados um mundo de cores, formas e pessoas.

Quando os discípulos de João Batista vieram a Jesus e perguntaram: “És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?”. Sua resposta revelou, mais uma vez, a extensão de sua compaixão. Disse ele: “Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mt 11:3,5).

Agora, será que esta compaixão que Jesus sentia pelo povo era um sentimento estranho e exagerado de um aldeão judeu que viveu 2.000 anos atrás? Não! Era o eterno Deus que se revestiu de carne e osso e nos mostrou sua eterna compaixão. Era Deus em Cristo.

II. Deus está no conceito que Jesus tem do ser humano

Nós, metodistas, percebemos que Jesus considerava todas as pessoas iguais diante de Deus. Assim, ele não fazia acepção de pessoas. Não importava se eram ricas ou pobres, fortes ou fracas, homens ou mulheres, desta raça ou daquela; Jesus as colocava no mesmo nível diante de Deus. Portanto, ele atacava veementemente a praga crônica da raça humana, que tem levado os orgulhosos de todos os tempos a desprezarem seus semelhantes.

Jesus sabia que algumas pessoas eram mais talentosas que outras. A Parábola dos Talentos conta esta história.

Mas, segundo ele, o fariseu não ocupava um lugar de privilégio perante Deus que o autorizasse a desprezar seu irmão publicano. O rico não tinha direitos e privilégios especiais sobre o pobre. Nem mesmo César estava credenciado a exercer o senhorio sobre as almas humanas. Também os homens não tinham qualquer direito de nascença que não pertencesse igualmente às mulheres. O caminho que os adultos percorriam rumo ao Reino de Deus era o mesmo que as criancinhas trilhavam. E os filhos de Abraão não poderiam reclamar poder de Deus que não estivesse ao alcance também da mulher cananéia ou do odiado samaritano. Os sumo-sacerdotes e anciões não possuíam assentos reservados nos céus que as meretrizes e párias não pudessem ocupar. Para Jesus, todas as pessoas estavam no mesmo nível diante de Deus.

Jesus lutou contra uma das piores atitudes do ser humano para com o seu semelhante. Mas a mente secular ainda não compreendeu plenamente o quanto deve a Jesus pela liberdade que goza.

Será que o conceito que Jesus tinha sobre todas as pessoas era apenas o juízo peculiar de um aldeão judeu que viveu séculos atrás? Não! Nós, metodistas, cremos que era o eterno Deus revelando, por meio do Salvador, o que ele pensava das pessoas. Pois “Deus não faz acepção de pessoas; mas lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo” (At 10.34,35). Isto era Deus em Cristo.

III. Deus no poder de salvação de Cristo

Existe um aspecto ainda mais profundo em tudo isto. Em Cristo Jesus, Deus convence o ser humano do pecado, ajuda-o a vencê-lo e o traz para perto de si.

Podemos perceber isto quando olhamos os apóstolos mais de perto. Jesus os impressionou tanto que, depois da ressurreição, parecia-lhes perfeitamente justo crer que os vastos poderes redentores do Deus Onipotente estavam disponíveis a todas as pessoas

por intermédio de Cristo.

Nada fazia mais sentido do que a idéia de que o Senhor crucificado e ressurreto era o prometido Salvador do mundo. Esses discípulos ouviram Jesus falar; conviveram intimamente com ele. Todavia, um deles podia dizer às multidões. “Esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2:36). Nos impressionamos pela absoluta confiança e ousadia com que os apóstolos anunciaram o evangelho. Eles conheceram a Jesus pessoalmente. Mesmo assim, parecia-lhes perfeitamente adequado crer nele como o Salvador do mundo. *Nenhum fato registrado poderia prestar maior tributo a Jesus Cristo do que esse.* E nenhum outro fato poderia contar mais sobre o impacto que Jesus causou em seus discípulos.

Isso era o eterno Deus fazendo sua obra redentora por meio do Salvador. Não há outras palavras que possam contar adequadamente a história. Se não somos capazes de compreender esse fato, nem por isso temos o direito de negá-lo. Pois não compreendemos a vida, porém a vivemos. E milhões de pessoas podem testemunhar o poder perdoador e vivificador do Salvador.

Será esta poderosa obra de Cristo somente uma estranha força comunicada por um aldeão judeu do passado? Não! É o eterno Deus agindo redentoramente no Salvador vivo. É Deus em Cristo, perdoador e vencendo o pecado, e atraindo-nos para si. Assim Jesus falou: “E eu, quando for levantado da terra, a todos atrairei para mim” (Jo 12:32).

Deus está em Cristo para perdoar e transformar os pecadores e para abrir novas possibilidades a todas as pessoas.

CAPÍTULO V

CREMOS NO ESPIRITO SANTO

Nós, metodistas, juntamente com todos os cristãos, cremos no Espírito Santo. Cremos que Deus não está somente “assentado sobre um alto e sublime trono” (Is 6:1), mas está mais próximo que as mãos, os pés e a própria respiração. Muitas vezes temos negligenciado a doutrina do Espírito Santo; outras tantas vezes não a compreendemos bem. Não seria demais afirmar que a doutrina do Espírito Santo é a doutrina mais negligenciada e mal-compreendida da religião cristã. Com muita frequência não temos sabido o que dizer sobre o Espírito. Porém, sempre temos sido leais ao cristianismo neotestamentário na ênfase do poder e da presença do Espírito Santo. A fim de compreendermos isto mais claramente, devemos nos reportar ao Novo Testamento e refazer os passos de Jesus, seus discípulos e Paulo.

I. O Espírito Santo no Novo Testamento

As três principais fontes de discernimento no Novo Testamento são: o que Jesus ensinou, o que realmente aconteceu no Pentecoste e as palavras de Paulo (veja Jo 13-17; At 2:1-42; 1Co 12:1-3).

Nos lembramos das ocasiões em que Jesus prometeu enviar o Espírito Santo aos discípulos. Ele estava para enfrentar a cruz. Sabia que sua missão na terra estava no fim. Assim, Jesus desejava unir os corações dos discípulos em amor e fortalecê-los. Encontramos este relato no Evangelho de João (Jo 13-17). Jesus lhes prometeu a presença confortadora do Espírito Santo (Jo 14:26); eles jamais ficariam sós no mundo. Seriam sustentados e fortalecidos em todas as boas coisas por uma presença invisível. Jesus declarou: “Todavia, digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não vos virá a vós; mas, se eu for, eu vo-lo enviarei” (Jo 16:7). Naturalmente, a palavra “consolador” se refere ao Espírito Santo (o termo grego, *parakletos*, é muito difícil de ser traduzido). Jesus também falou: “Quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade” (Jo 16:13).

Jesus não queria dizer que o Espírito Santo seria, assim como uma enciclopédia, uma ampla fonte de informações para nós. Ao contrário, ele queria dizer que o Espírito Santo nos ajudaria a conhecer tudo aquilo que precisássemos compreender para a salvação de nossas almas em Jesus Cristo e para a direção básica de nossas vidas na terra. Por isso Jesus também disse: “Ele me glorificará porque há de receber o que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16:14; veja também 14.26). Jesus não deixou que se separasse a obra do Espírito Santo da sua própria pessoa e missão. Ele ensinou aos seus seguidores que o Espírito Santo certamente viria, e quando o fizesse focalizaria suas mentes e corações no próprio Jesus e na comunidade que carregaria o seu nome.

A promessa da vinda do Espírito se cumpriu no dia de Pentecostes. Imagine a cena. Jesus tinha sido crucificado; Judas se enforcara. Os onze discípulos e outros seguidores de Jesus tinham se reunido no Cenáculo, onde “perseveravam unanimemente em oração e súplicas” (At 1:14). Jesus havia ordenado que permanecessem na cidade de Jerusalém até que do alto fossem “revestidos de poder” (Lc 24:49). E as palavras do Senhor ressurreto estavam vivas em suas memórias: “Recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós” (At 1:8). Pouco tempo depois, a promessa se cumpriu; “todos foram revestidos do Espírito Santo” (At 2:4). Pedro, que poucos dias antes havia negado seu Senhor diante de uma criada, estava agora tão transformado e fortalecido que se colocou diante do povo de Jerusalém e pregou um poderoso sermão. Era a mesma Jerusalém que tinha rejeitado a Jesus. Seus líderes religiosos haviam iniciado um movimento de oposição que resultou na crucificação de Jesus. Foi neste ambiente que, ao lado dos outros discípulos, Pedro falou.

Mas o que realmente aconteceu naquele primeiro Pentecoste cristão? Alguns chamam a atenção para o som que veio do céu, “como de um vento impetuoso”. Outros enfocam as “línguas como de fogo” que pousaram sobre cada um dos presentes (At 2:2-4). Mas estes eram fatos externos, e não a realidade interior. Sejam lá quais forem os outros poderes do Espírito Santo, não há dúvida de que é uma força interior transformadora. Portanto, o que queremos saber é como os seguidores de Jesus foram transformados por dentro.

Encontramos a pista no sermão de Pedro diante da multidão no templo. Ele disse: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2:36). Portanto, o verdadeiro significado do Pentecoste não aparece apenas nos primeiros quatro versículos de Atos 2 mas no que começou a se manifestar na mente e no coração de Pedro e dos outros. O Espírito Santo iluminou suas mentes de modo que, pela primeira vez, eles compreenderam o fato de que Deus tinha escolhido fazer sua poderosa obra redentora para todo o mundo através de Jesus Cristo. Eles tinham andado com ele, sentado aos seus pés, partido o pão com ele. Tinham testemunhado sua ressurreição e ouvido a sua promessa da vinda do Espírito Santo. Mas o verdadeiro significado da vinda de Jesus Cristo não tinha sido compreendido. Então, subitamente, tornaram-se conscientes do tremendo fato de que Jesus era Aquele através do qual o mundo seria redimido. Puderam sentir em seus corações que o poder de Deus estava no seu Senhor ressurreto. A experiência foi irresistível.

A missão singular do Espírito Santo de exaltar o Salvador tornou-se uma realidade experimentada nos corações dos presentes. Os seguidores de Jesus foram reunidos em uma comunidade de oração e fé baseada nessa maravilhosa boa nova. E neste dia 3 mil novas almas se juntaram à comunidade (At 2:41). O que aconteceu, portanto, foi que o Espírito Santo transformou suas vidas ao lhes revelar quem Jesus realmente era, e ao permitir que assumissem um total comprometimento de suas vidas ao Cristo vivo. Na verdade, aquele foi o dia do nascimento da Igreja.

Isto tem um significado especial para os metodistas devido à nossa ênfase na *presença experimentada* do Espírito Santo. Os sinais exteriores e os fatores adjacentes podem estar presentes, mas a glória eterna daquela ocasião foi o poder transformador da nova fé e do comprometimento total a Jesus forjado pelo Espírito Santo. Naturalmente, os presentes também fizeram a sua parte. Eles estavam lá; tinham uma lembrança comum de Jesus e conversavam sobre isso; estavam receptivos, e responderam. Mas o poder substantivo - sem o qual esta cena não teria sido mais do que um agrupamento de

peças desorientadas compartilhando seus medos e decepções - foi o poder do Espírito Santo.

Paulo, em sua maneira sensata e inspirada, percebeu o significado interior daquele primeiro Pentecoste cristão quando disse: "Ninguém pode dizer: 'Senhor Jesus' senão pelo Espírito Santo" (1Co 12:3). As palavras "Jesus Cristo é Senhor" são uma das mais antigas confissões cristãs. E Paulo lembrou aos cristãos de Corinto aquilo que tinha lhes ensinado, isto é, que a principal missão do Espírito Santo era lhes trazer o verdadeiro significado desta confissão.

Portanto, nós, metodistas, acreditamos que no Pentecoste nos encontramos com um fato primordial na história cristã. Aquilo que as pessoas não conseguiam fazer por suas próprias forças, sob o poder do Espírito Santo conseguiam fazê-lo. Por isso os cristãos primitivos falavam tanto do Espírito Santo. Não é de se admirar que Paulo perguntasse: "Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?" (At 19:2). E não é de admirar, também, que, séculos depois, um outro discípulo falasse do primeiro Pentecoste cristão como "um momento eterno no destino da humanidade". Pois esses discípulos haviam ingressado em uma nova dimensão da existência pelo poder do Espírito. E também nós podemos sentir o poder do Espírito Santo soprando novas energias em nossas determinações.

II. O que é o Espírito Santo?

Qual é o significado de tudo isso para nós hoje? O que é o Espírito Santo? Ou melhor, quem é o Espírito?

Ele é Deus na sua proximidade, conhecido e disponível em Jesus Cristo. Ele é Deus junto a nós, trabalhando em nós. Nós, metodistas, acreditamos que Deus nos encontra onde estivermos e em todos os estágios de nossa peregrinação espiritual. O Espírito Santo é a Presença invisível que nos repleta por todo pensamento e ação má, que nos confirma nas boas coisas e que nos convida a avanços criativos com Deus e os seres humanos.

Falando de uma outra maneira: o Espírito Santo é o poder do Cristo ressurreto agindo em nossos corações. Pois acreditamos que este Espírito é muito mais do que uma força qualquer que surpreende e choca as pessoas. Paulo estabeleceu o padrão do nosso pensamento quando disse que o Senhor é o Espírito (2Co 3:18). Ele nos ensinou a conceber o Espírito como o Cristo vivo em ação dentro de nós. Isto salva o cristianismo de todos aqueles estranhos feitos em nome do Espírito que beiram a magia e a histeria. Assim, o Espírito Santo é a poderosa força invisível do Deus vivo que produz a semelhança de Cristo ou a santidade em nossas vidas.

Esta orientação bíblica é importante porque sempre que os cristãos enfatizam a vida espiritual interior - como nós, metodistas, fazemos - existe o perigo de se identificar a obra do Espírito com nossos próprios sentimentos e intuições. Quase todo erro de julgamento ou confusão mental alega ser obra do Espírito Santo.

O Espírito nos guia, mas muitas vezes não sabemos ao certo como distinguir entre as nossas intuições e impressões e o movimento autêntico do Espírito. O Espírito pode curar nossas doenças, mas podemos levar as pessoas a acreditar que conhecemos as regras de sua ação curativa. O falar em línguas e a emissão de sons ininteligíveis podem ser manifestações do Espírito quando as pessoas estão inundadas pela alegria da sua presença. Mas estas manifestações não estão no centro dos ensinamentos do Novo Testamento sobre o

Espírito Santo. Pois a principal missão do Espírito Santo é exaltar a Jesus Cristo como Senhor na comunidade de fé e no mundo. Tudo o mais é secundário.

III. A linguagem do Espírito Santo

Como é que o Espírito Santo nos fala? Que linguagem ele emprega?

Existem muitas línguas no mundo. E o Espírito Santo emprega várias línguas diferentes para falar conosco. No entanto, muitas pessoas jamais aprendem a ouvi-las.

Por exemplo, há a linguagem da consciência. Existem coisas certas e existem coisas erradas. Algumas coisas que nos rebaixamos em praticar estão abaixo do desdém e do desprezo, mas, mesmo assim, tentamos justificá-las. Qualquer coisa que exalte o nosso amado “ego”. Então a presença do Espírito Santo é sentida quando ele, à luz de Cristo, nos confronta com o nosso verdadeiro eu. Ele está presente em nosso aborrecimento, nossas desilusões e desesperos. Está presente em nossas ansiedades bem como em nossas esperanças e sonhos. Esse poder do Espírito está trabalhando até certo grau em todo o ser humano. Mesmo antes da dádiva da graça de Deus na conversão, existe essa maravilhosa obra preparatória do Espírito. A isto Wesley chamou de “graça preveniente”, que significa a graça já presente em nós mesmos antes de nos tornarmos cristãos. Essa é “a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo” (Jo 1:9). É a lei da consciência escrita no coração de todos (veja Rm 2:15).

Deste modo, Deus não nos deixou sós. Por natureza, por nascimento, Deus nos faz uma reivindicação e nos fala pela linguagem da consciência. Também fala pela linguagem da beleza, da comunhão, da cultura e do trabalho na vida agitada de cada dia. Por mais estranho que possa parecer, o Espírito Santo nos fala até mesmo através da tristeza. Fala na triste linguagem da solidão, convidando-nos a gozar da comunhão divina. Sussurra no silêncio sombrio de nossa futilidade: “Meus filhos, a verdade de Cristo vos libertará”. Durante as longas horas de temor quando andamos pelo vale da sombra da morte, o Espírito Santo fala a linguagem do conforto e da paz. Em meio às nossas dúvidas o Espírito usa a linguagem da confiança. No desespero, ele fala de esperança; no medo, de confiança; e no ressentimento, de amor.

Assim, o Espírito trabalha pelos impulsos em nossa alma no viver diário. E não há responsabilidade mais importante para o cristão que compreender a linguagem divina que lhe é falada a cada dia.

Cada impulso e cada movimento do Espírito tenta nos atrair para Deus. Ele nos convence de que a vida sem Deus é vazia. Por quê? Para nos mostrar a verdade da nova vida em Cristo Jesus. Ele nos revela quão terrível é o nosso pecado - algo que não gostamos de ver. Para que fim? Para nos conduzir das trevas até a luz de Cristo. Ele fortalece em nós cada impulso nobre pela sua obra secreta e silenciosa no íntimo de nossas almas. Por quê? Porque deseja que o Cristo vivo não seja apenas um objeto passageiro da nossa afeição e sim o impulso -mestre de todo o nosso ser.

O Espírito Santo nos capacita através da Igreja. Ele nos encontra no Batismo, quando somos incorporados à comunidade de fé. E nos fortalece por intermédio dos cultos de adoração em nossas igrejas; nos inspira por meio das letras e melodias dos hinos, e nos dirige através das orações audíveis ou silenciosas, pela música especial, por meio da Ceia do Senhor e, finalmente, pelos sermões.

Poucas coisas são mais importantes do que aprender a compreender a linguagem divina. E o Espírito Santo realmente fala àqueles que procuram ouvir a sua voz.

O Espírito Santo fala aos nossos corações pela linguagem da segurança. Paulo assim se expressou: “Recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Abba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8:15-16). Portanto, sabemos pelo testemunho do Espírito que somos filhos de Deus.

E foi exatamente isto que Wesley afirmou. Nós, metodistas, cremos que não é necessário flutuar num mar de incertezas, pois podemos saber intimamente que pertencemos a Deus e gozamos da sua graça.

Mas Wesley disse algo mais: “Que ninguém presuma descansar em um suposto testemunho do Espírito, que é separada dos seus frutos”. Pois o Espírito Santo opera em nós para produzir frutos.

IV. O fruto do Espírito

Cremos que o Espírito de Deus age diariamente em nossas vidas como aquilo que Agostinho chamou de “o bem de todo o bem”. Nós nos regozijamos sempre nesse fato. Assim, o Espírito produz frutos por nosso intermédio; essa é a sua natureza.

Mas que tipo de fruto produz o Espírito? O apóstolo Paulo, nosso mestre mais erudito nos assuntos do Espírito Santo, será o nosso guia. “Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei” (Gl 5:22,23; veja também Rm 14:17). Acrescentemos a essa lista a grande virtude cristã da sabedoria, porque o amor implica em sabedoria.

Cremos que esses frutos não são dádivas da natureza, como as maçãs e as pêras. Nem se apresentam na plenitude apenas da cultura e da sabedoria humana. São mais profundos ainda que a nossa vida moral. O Espírito está presente tanto nos refinamentos quanto nas obrigações da vida. Mas nossas boas maneiras e cortesia não bastam para fazer a obra de Deus no mundo. E o poder do dever é apenas um vagaroso fio d'água comparado ao impetuoso rio da graça de Deus de que carecemos.

No início do século 20, dois homens saíram pelo mundo para fazer uma obra em prol da humanidade. Tinham mais ou menos a mesma idade. Um deles era Stefan Zweig, da Áustria. Ele bebeu das grandes fontes culturais da Europa. Conheceu o melhor do pensamento e dos escritos da humanidade. Depois da Primeira Guerra Mundial, ele se dedicou à luta contra a “loucura da guerra”. Escreveu livros e se tornou famoso em muitas terras. Mas Hitler e seus exércitos fizeram explodir os sonhos de uma Europa pacífica; as forças armadas hitleristas invadiram a Áustria, e Stefan Zweig retirou-se. Veio para o Brasil, onde esperava estabelecer o seu novo lar. No entanto, aos 23 de fevereiro de 1942, contemplando o deprimente estado espiritual da Europa, cometeu suicídio. Trouxe ao mundo uma espécie de luz, porém, uma luz que se apagou.

O outro homem era um missionário. Quando menino, ouviu o chamado para levar o eterno Evangelho à Coréia. Lá ele pregou, ensinou e trabalhou por mais de trinta anos, estabelecendo mais de 200 igrejas. Mas a guerra também atingiu o Oriente, e os missionários foram retirados da Coréia, muitos para servirem em outros campos. Este

homem foi chamado de volta à sua pátria e enviado a um novo campo, numa parte completamente diferente do mundo. Precisou aprender um novo idioma. Logo estava pregando na língua nativa e levando adiante a obra de Deus, como um verdadeiro soldado da cruz. Esse homem também trouxe luz ao mundo; porém, sua luz era de um tipo que jamais perdia o brilho.

Qual foi a diferença? Phillips Brooks nos respondeu através de uma linda figura de linguagem. Um homem era como uma vela que se acendeu nos melhores altares deste mundo para produzir uma chama terrena. O outro era qual uma vela elevada até o altar dos céus e lá acesa pela chama divina.

Assim, o fruto do Espírito não provém de nós, mas da presença invisível que habita no nosso interior. Nós, metodistas, concordamos com todos os cristãos que afirmam ser esta a diferença básica entre a religião vital e a perspectiva secular. Fomos instruídos a amar. Mas não podemos fazê-lo plenamente por nossos próprios esforços. Somos chamados a perdoar; mas por nós mesmos, falhamos nesse dever. Somos chamados a servir. Porém, tantas vezes nos descobrimos preocupados com propósitos cujo alvo é o nosso "eu". Então surge a penetrante e pura obra do Espírito para endireitar nossa vida e nos dar o poder de nos transformar naquilo para o que fomos criados.

Existe ainda um outro tipo de fruto do Espírito que, apesar de estar implícito, nem sempre é mencionado abertamente. Refiro-me à interação entre o Espírito Santo e o espírito humano no uso criativo dos talentos em todas as áreas. Como vimos, a principal missão do Espírito Santo é exaltar Jesus Cristo como Senhor, de modo que a santidade bíblica se manifeste através de nós. Não podemos permitir que nada obscureça isto, pois a nossa missão é reformar as pessoas pela expansão da santidade bíblica sobre a terra.

Mas aqueles que são trazidos para a novidade da vida através de Cristo têm talentos que devem ser usados da melhor forma possível. E, em vista dos interesses humanos, conferidos por Deus, nas artes, literatura, música, arte dramática, ciências, política, negócios, trabalho, lazer etc., todos os talentos humanos devem ser usados o mais criativamente possível para a glória de Deus e benefício do povo. O Espírito Santo nos assiste para que façamos o melhor uso dos nossos talentos e, assim, possamos utilizá-los para a causa da humanidade. Não é por acaso que os mais altos vãos na atividade artística, musical, literária, intelectual e cultural têm sido aqueles feitos sob a influência de Cristo.

Aqui, mais uma vez, nossas capacidades embutidas devem ser compreendidas como agilizadas e guiadas pela assistência divina. Esta é a base fundamental do autêntico humanismo cristão.

O Espírito Santo, portanto, é a maior força em prol da justiça e criatividade no mundo hoje. E as pessoas, em todos os lugares, precisam desesperadamente desta fonte de atividade e serviço criativos nestes tempos instáveis.

CAPÍTULO VI

CREMOS NAS PESSOAS

Não há nada mais fácil do que perder a fé no ser humano. No entanto, nós Metodistas, nos unimos a todos os cristãos na sustentação da bondade - dada por Deus - que existe em cada pessoa.

Sabemos que o ser humano não é suficientemente bom para ser o que deve ser sem o auxílio divino. Mas sabemos também que a visão de que o ser humano é mau e pecaminoso tem os seus perigos. Todos nós somos pecadores. Entretanto, nosso pecado só se torna trágico porque somos muito mais que pecadores. Deus nos criou à sua imagem. Apesar do nosso pecado, essa imagem está gravada em nossa alma por obra do Deus Onipotente. Pelo nascimento, Deus colocou sobre nós o seu selo e marca, e nos declarou seus filhos (Gn 1:27).

I. As pessoas são realmente importantes?

Nem sempre é fácil manter uma boa opinião sobre as pessoas. Por que não? Porque nossa avaliação humana nos cega à verdade plena.

Em primeiro lugar, existem perspectivas a partir das quais nossa vida humana fica reduzida à insignificância. Por exemplo, quando contemplamos o ser humano em comparação com a vasta extensão das coisas no espaço somos reduzidos a nada.

Olhamos para as estrelas e nos reduzimos a uma partícula de pó. Nosso orgulho explode como uma bolha. Diante dos Céus, onde está a glória da raça humana? Não será, na verdade, um mero átomo perdido no espaço?

Esse não é um pensamento novo. O antigo salmista já o conhecia quando afirmou: “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparastes, que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem para que o visites?” (Sl 8:3-4).

Mais uma vez olhamos para o passado e projetamos nossos olhos para o futuro, e aquilo que chamamos “presente” é apenas uma vela de chama bruxuleante (que brilha fraca e trêmula), ao vento.

Quem sabe por quanto tempo Deus tem trabalhado? Quem é capaz de contar as milhões de pessoas que nasceram, cresceram, morreram e que agora não são lembradas por ninguém, a não ser pelo próprio Deus? Famílias, clãs e tribos surgiram e desapareceram, perdendo-se na “noite indefinida da morte”. Nações subiram ao poder e glória e depois caíram. Se quisermos descobrir os restos da maioria das civilizações do mundo, teremos que escavá-los sob a superfície da Terra.

Quão passageira é a vida! E como é extenso o tempo! Hoje estamos aqui, e amanhã já não estaremos mais. E a vida que temos, assim como um carro veloz, passa rapidamente. Facilmente nos perdemos na vasta procissão das idades e nossos dias “são como uma sombra que passa” (SI 144:4).

Por que falar, então, sobre a dignidade da vida humana? Esse também não é um pensamento novo. Pois o salmista falou: “Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce. Pois, soprando nela o vento, desaparece; e não se conhecerá mais o seu lugar” (SI 103:15-16).

E quando entramos no mundo moral e vemos a profundidade do mal a que o ser humano desce duvidamos de sua dignidade. Até mesmo nos níveis simples da vida diária encontramos tanto orgulho e irritação nas pessoas que dificilmente as admiramos. Como muitas já têm dito, o amor próprio está sempre conosco. La Rochefoucauld, ao escrever sobre o amor próprio, chamou-o de “uma longa e forte agitação”. Para muitos, a vida não é mais que um movimento constante de egoísmo.

Uma outra fraqueza comum é a ingratidão. Não importa o quanto tenha sido feito em nosso favor há sempre a probabilidade de sermos ingratos, pois gostamos de virar tudo em nossa direção.

Guilherme Hazlitt, cujas observações sobre a natureza humana constam das mais perspicazes jamais escritas, chama a atenção para outra falha da natureza humana: “A inveja é a mais universal das paixões”. E Pascal chega à seguinte conclusão: “Somos incapazes tanto da verdade quanto do bem”.

Talvez constatem mais claramente a tragédia da humanidade nas terríveis injustiças da história. O que é a história? Em um grau nada pequeno, é o relato da “desumanidade do ser humano praticada contra o próprio ser humano”. Desde Caim e Abel até os profetas e seus algozes, desde os crucificados de Jesus até os tiranos do século 20, a brutalidade e a injustiça têm rompido as jaulas desta humanidade comum.

Lord Acton disse que quase todos os grandes personagens da história foram maus. E o grande pensador alemão, Hegel, tratou a história como “o matadouro no qual a felicidade dos povos, a sabedoria dos Estados, e a virtude dos indivíduos foram vitimados”. Os rios da história estão vermelhos com o sangue do povo. A história de Diógenes (412-323 A.C.) vagando em plena luz do dia com uma lanterna nas mãos, procurando por uma única pessoa honesta, é dolorosamente relevante em todas as gerações.

Não é de admirar que as palavras mais amargas de todas as línguas foram escritas contra o próprio ser humano. E a história tem sido merecidamente chamada de “desespero da filosofia”.

Há vários anos, diante de um grande grupo de filósofos em uma sessão plenária da Associação Americana de Filosofia, ouvi um professor de Filosofia da Universidade de Harvard dizer: “Se Deus existe, eu gostaria que ele desse uma olhada tranqüila nas pessoas”.

Onde está, então, a glória da criatura humana? Não será ela uma criatura miserável, vil e sem valor?

Novamente temos que confessar que esse pensamento pessimista não é novo. O salmista já estava familiarizado com ele quando afirmou: “Todos se extraviaram e juntamente se corromperam: não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Sl 14:3).

II. O conceito de Jesus acerca do ser humano

Visto que levamos Jesus a sério, temos que recuar 2 mil anos para ouvir o que Ele tinha a dizer sobre o ser humano. Ele conhecia as fraquezas humanas e não estava cego ao seu pecado. Mesmo assim, via no ser humano uma criatura de valor indescritível.

As criancinhas brilhavam como jóias preciosas na sua presença. Ele amava os pobres, os aleijados, os cegos, os leprosos e os pecadores, bem como os ricos, os sãos e os “justos”. Sua missão na terra era “para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:28). A pergunta é de Jesus: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mt 16:26). Ele, que se cingiu de uma toalha e lavou os pés dos discípulos, reconhecia o valor do ser humano (Jo 13:1-11). Ele, que tantas vezes lamentou sobre Jerusalém (Mt 23:37), ainda sentia a importância daqueles que o crucificaram. Ele, chamado “comilão e beberrão”, via a imagem de Deus no coração de cada pecador. E ele, que contou a história da ovelha perdida, tinha um profundo senso da preciosidade de cada ser humano.

Como podemos combinar essas duas opiniões? Por um lado, parece que as pessoas não valem muita coisa. Por outro lado, Jesus, o Salvador do mundo, nos afirma que cada pessoa é preciosa aos olhos de Deus. Seria Jesus um mero sonhador? Nós, metodistas, nos unimos aos cristãos de toda a parte na afirmação de Jesus como nosso Senhor e Mestre. Portanto, assim como ele, declaramos a dignidade e a preciosidade de cada ser humano.

Mas como podemos conceber este pensamento?

III. A imagem de Deus

Podemos concebê-lo ao respondermos à pergunta: o que a Bíblia quer dizer quando afirma que Deus nos fez à sua imagem? Devemos procurar uma resposta abrangente baseada no fato fundamental de que Deus nos criou para carregarmos algumas marcas de afinidade com ele.

A Bíblia perde sua glória se não tivermos um valor especial. O grande pensamento do amor redentor de Deus em Cristo Jesus perde seu significado se não tivermos valor. Onde está a vitória do túmulo vazio se formos apenas uma partícula de pó?

Mas uma vez levantada a doutrina de que Deus nos fez à sua imagem podemos falar de cada pessoa como alguém “por quem Cristo morreu” (1Co 8:11). Examinemos essa grande crença sobre o ser humano à luz da situação moderna.

Antes de mais nada, temos que parar de pensar em nosso corpo e começar a pensar em nossa alma. O corpo é físico; porém a alma é espiritual. A despeito do que alguns dizem, o ser humano é um espírito vivente.

A Bíblia nos ensina que Deus é o Espírito infinito. Ele criou a pessoa humana à sua imagem no sentido de um ser espiritual. Ninguém jamais viu a alma humana. Para dizer a

verdade, uma congregação ou assembléia de pessoas é um grupo de espíritos invisíveis. Possuem corpos; no entanto, seus verdadeiros seres, suas almas, são espíritos.

A alma é algo que ninguém pode ver, nenhuma mão pode apalpar, nenhuma balança pode pesar e nenhum aparelho pode medir. Qual é a medida de uma alma? É impossível responder a essa pergunta em termos de centímetros, quilômetros ou anos-luz. Em contraste com a vasta extensão das coisas no espaço, o ser humano é, assim como o Criador do universo, um ser invisível que jamais será visto por telescópio ou expresso por fórmula matemática. Assim, o ser humano é uma criatura de dignidade, porque Deus o criou como um espírito vivente.

Mas devemos dizer ainda muito mais. Consideremos os poderes maravilhosos que as pessoas possuem; pensemos em suas grandes realizações.

Os melhores e mais sábios homens e mulheres sempre disseram que existe uma diferença entre o bem e o mal. Disseram que há diferença entre o belo e o feio, a verdade e a falsidade, a santidade e a blasfêmia. E insistiram em que somos criaturas dignas justamente porque podemos crescer e nos aventurar nas coisas boas, belas, verdadeiras e santas.

Qual é a diferença entre uma criancinha e um macaquinho? Quando o macaco atingisse a idade de sete anos, será que o mandaríamos para a escola? É claro que não! Por quê? Porque ele não tem capacidade de crescer e se desenvolver na compreensão das coisas. Pode um macaco cantar canções, compreender os Dez Mandamentos ou orar a Deus? Obviamente não. Portanto, o macaco não foi feito à imagem de Deus. Mas nós fomos.

Nós somos capazes, por natureza, de responder ao belo. Podemos amar a verdade e repudiar os erros. E podemos buscar a verdadeira justiça que vem somente do serviço leal ao único Deus verdadeiro. Em nosso estado natural, estas capacidades, além de não estarem desenvolvidas, estão distorcidas pelo nosso orgulho e trivialidade. Mas elas existem do mesmo modo. E por causa delas somos criaturas dignas.

Partindo desse pensamento, basta um passo para que alcancemos a idéia de que as pessoas são preciosas para Deus. Mesmo os bebês recém-nascidos são inefavelmente preciosos porque pertencem a Deus e foram criados para crescerem sob os seus preceitos.

As crianças começam a praticar atos de bondade, talvez, ao repartirem um tablete de chicletes e terminam compartilhando suas vidas na luta pela verdade, amor e justiça. Começam apreciando seus brinquedos coloridos e continuam até apreciarem Shakespeare e comporem sinfonias. Na sua vida intelectual, começam apreciando o Pluto, de Walt Disney, até entrarem em contato com os pensamentos de Platão. Partem de orações simples na hora de dormir e prosseguem rumo a uma compreensão profunda da Oração Dominical.

Não atingimos o ponto central da questão a menos que nos expressemos através da linguagem dos santos. A Bíblia nos oferece o melhor discernimento, pois nela encontramos um Deus em que o bem, a beleza, a verdade e a santidade vivem e existem. Pois o que é o bem senão uma abstração até que tenha sua realidade em Deus, que é o “bem de todo o bem”? O que é a beleza senão um sonho até que se revista de uma mente suprema? O que é a verdade senão mera palavra até que fale por meio do “Deus da verdade”? O que é a justiça senão um ideal até que se vivifique na bondade de Deus?

Assim, quando afirmamos que fomos criados à imagem de Deus, queremos dizer que recebemos o poder de nos desenvolvermos e nos aventurarmos, com a ajuda divina, nas qualidades que pertencem ao próprio Deus.

Agora começamos a ver quão maravilhosa é essa doutrina da “imagem de Deus”. Deus é o Espírito supremo; nós somos espíritos finitos. Deus é a bondade infinita; nós compartilhamos dessa bondade. Deus é a beleza absoluta; nós ansiamos por ela. Deus é santidade; nós fomos criados para a “santidade interior que leva à santidade exterior”. À luz disso, a razão da existência se torna clara. Fomos feitos para sermos filhos e filhas de Deus. O propósito da vida aqui na terra é, com a ajuda de Deus, *entrepassar no tecido de uma existência passageira aquelas qualidades que não são nem novas nem velhas, mas eternas porque provêm de Deus.*

Portanto, nós, metodistas, cremos que fomos criados para sermos filhos de Deus e pertencermos à sua família. Nossa natureza, que nos dá dignidade, nos inicia no caminho para Deus. Porém isso, por si só, é completamente inadequado. Portanto, é aqui que entra a ajuda especial de Deus, que denominamos, graça. Pela graça divina, os filhos de Deus pela promessa se tornam filhos de Deus de fato. E o Pai nos ama com amor eterno. Este é o significado mais profundo da vinda de Jesus Cristo ao mundo.

IV. Resumo e implicações práticas

Por que acreditamos na incalculável preciosidade de cada ser humano? Porque a Bíblia ensina que Deus criou as pessoas para serem suas filhas, com os laços misteriosos de um parentesco consigo próprio. Acreditamos também porque Jesus enfatizou esta questão, dando-lhe uma nova profundidade e significado através da sua morte por nós. Acreditamos porque o ser humano mostra em sua própria vida e atividade as marcas da obra criativa de Deus; porque é capaz de crescer em bondade, beleza, verdade e santidade. Acreditamos, também, porque Deus produziu uma grande obra em Jesus Cristo, precisamente para a redenção e avanço criativo dos seres humanos. Acreditamos porque o Espírito Santo faz a sua obra em todo aquele que responde. Acreditamos por causa do destino além da morte, para o qual fomos chamados.

Existem implicações práticas em tudo isso que precisam ser mencionadas. Se aquilo que acreditamos acerca da dignidade e da preciosidade de cada ser humano é importante, então ninguém pode ser avaliado em outras bases que não o amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Isto quer dizer que nem raça, cultura, sexo, idade, status nem qualquer outro fator histórico ou humano pode obscurecer o senso do valor supremo das pessoas. Todos são feitos para Deus. Cristo viveu e morreu por todos. E o Espírito Santo sempre toma a iniciativa de abençoar e enriquecer a vida de todos. No reino dos valores ideais, nossas desprezíveis distinções humanas não valem nada diante de Deus. Todos podem manifestar bondade, beleza, verdade e santidade. Pois esses valores não pertencem exclusivamente a uma nação, cultura, raça, sexo ou idade.

Esta é uma das principais fontes da oposição metodista a tudo aquilo que desumaniza as pessoas. Uma fonte igualmente importante da nossa paixão metodista é melhorar a sorte de todos, incluindo, especialmente, os mais necessitados. E é a razão pela qual nos sentimos chamados a nos envolvermos na interminável luta contra a ignorância, a pobreza, a injustiça e a desumanidade.

CAPÍTULO VII

CREMOS NA CRUZ DE CRISTO

Somos criaturas dignas. No entanto, não somos capazes de responder às nossas perguntas mais profundas. Por isso, a cruz de Cristo deve ser sempre analisada em comparação a nossa preciosidade e nossas falhas. Éramos, ao mesmo tempo, suficientemente importantes e necessitados de que Cristo morresse por nós.

I. Nossa sede de Deus

Alguém disse, certa vez, que somos criaturas religiosas. E somos. Mas por quê? Por que os povos de todas as eras se voltaram para o sobrenatural em busca de auxílio?

A resposta não é simples, muito embora seja clara. Quer olhemos para o tatear rude dos povos primitivos, quer observemos as frustrações refinadas dos nossos dias, percebemos que um anseio humano universal tem impulsionado as pessoas a adorarem a Deus. E que anseio é esse? É o desejo ardente de encontrar um sentido duradouro em face do pecado e da morte.

Mas por que os povos de todos os tempos ansiavam por esse sentido duradouro? Justamente porque eram feitos para Deus. O ser humano permanece inquieto até que ache descanso nele. Mas como ele vem a perceber este fato importante sobre si? Quando percebe que tudo falha, menos Deus.

1. As falhas da natureza

O ser humano primitivo percebeu claramente que a natureza nem sempre era sua amiga. Ela o envolvia na doença. O assolava com secas, enchentes e tempestades terríveis. Ameaçava-o com feras selvagens. E parecia sempre destruí-lo no final.

Hoje em dia, a despeito de todas as nossas conquistas científicas, pelas quais damos graças a Deus, ainda nos deparamos com um universo físico que ameaça a nossa vida e tudo o que nos é mais caro. Não habitamos, é verdade, em um pequeno mundo como os nossos antepassados. Podemos observar o espaço exterior por meio de grandes telescópios, e saltar de uma galáxia para outra. Mas será que nos sentiremos à vontade neste universo?

Os cientistas nos informam de que há centenas de bilhões de estrelas em nossa galáxia. Nos dizem, também, que pode haver outras centenas de bilhões de galáxias, do mesmo tamanho da nossa. Esse fato nos torna mais seguros quando confrontamos o pecado e a morte? É claro que não. Por quê? Porque nem as estrelas acima nem a terra sob os nossos pés podem falar conosco pessoalmente. Então, a religião, do lado humano, é um

anseio por uma comunhão que quebre o terrível silêncio do universo que nos cerca. Do lado divino, é Deus falando conosco e nos convidando a olhar além da natureza para o reino sobrenatural.

2. As falhas do ser humano

Igualmente, o ser humano analisou a história humana e a descobriu-se incapaz de responder aos eternos problemas do pecado e da morte. É verdade que os povos primitivos não tinham a vantagem de poder ler livros, porém viam as pessoas irem e virem. Conheciam a tragédia humana, compreendiam a morte prematura e a inutilidade na velhice. E com o passar do tempo, se familiarizavam com a terrível tragédia da nossa desumanidade.

Nos tempos modernos, podemos ler livros e contemplar os longos séculos que se passaram. Podemos acompanhar os vagarosos e penosos passos que os povos deram para sair da selva. Mas podemos descobrir na história humana o sentido da vida em face do pecado e da morte? Não. Por quê? Porque a história humana não perdoa os pecados nem vence a morte. Ela simplesmente revela a longa procissão de pecadores e o infindável rio da morte.

3. Nossa própria falha

Para onde devemos nos voltar? Devemos examinar nossas próprias almas? De que valerá isso? Nossas almas exigem a resposta que não conseguem dar a si mesmas. O fato é que somos conduzidos para além de nós mesmos, além de tudo o mais, até Deus.

Portanto, em face de nossa completa incapacidade de corresponder às exigências de nossa própria situação ansiamos por Deus. Algumas pessoas expressam esse anseio na rude linguagem da adoração aos ídolos; outros na língua supersticiosa de ritos estranhos. Mas há sempre o desejo ardente de uma comunhão com Deus que possa vencer o terror ou a inadequação de todos os nossos afetos terrenos.

Perdidos no mundo ao nosso redor, perdidos nos tenebrosos corredores da história, perdidos em nós mesmos, temos sede de Deus.

II. A eterna resposta de Deus

Então acontece uma coisa estranha. Começamos a compreender que Deus quer falar conosco. Abraão percebeu esse fato e ouviu algo da fala divina. Depois vieram Isaque e Jacó. Moisés parou diante de Deus e ouviu sua voz. Os profetas ouviram a palavra de Deus, a mensagem de esperança e promessa. Finalmente Deus percebeu que era o tempo certo de falar de modo que todo ser humano pudesse compreender. Então, em Cristo Jesus, Deus falou na linguagem da nossa humanidade comum. E em Cristo sabemos que o pecado e a morte foram derrotados. No Salvador, aprendemos a nos sentir "em casa" no mundo atual. Por quê? Porque por seu intermédio nos foi revelado que além do universo existe o coração de Deus, coração esse que se partiu no Calvário.

Nós, metodistas, afirmamos, juntamente com todos os cristãos, que Deus fez sua obra redentora para todos, através do Salvador. Assim, falamos da obra de reconciliação de Deus em Jesus Cristo. A reconciliação está bem no centro do cristianismo. Mas qual é o seu

significado? Significa que Deus nos encontra e nos atrai para si. Quer dizer que em face do pecado, que nos separa de Deus, há um perdão total, que nos une a Ele. Significa que, em face da morte, que nos destrói, existe o poderoso amor de Deus, que nos concede a vida eterna. Por isso, nada poderá nos separar do amor de Deus em Cristo (Rm 8:35-39).

Como sabemos de tudo isso? Sabemos porque Deus o revelou através da Bíblia. E sabemos ao nos colocarmos ao pé da cruz e contemplarmos o método divino de lidar com o pecado e a morte. Porque a história completa do amor redentor de Deus está centralizada no Salvador crucificado pelo mundo.

III. O significado da cruz

Mas qual é o significado da cruz? A Igreja cristã nunca conseguiu dar uma definição final sobre isso porque nenhum credo pode contar a verdade completa. Paulo, porém, nos deu a melhor explicação quando afirmou: "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (2Co 5:19). Quais são os fatos redentores?

Nós, metodistas, assim como todos os crentes em Jesus, identificamos o significado da cruz em Cristo em pelo menos seis fatos redentores divinos.

1. A iniciativa divina

O primeiro e maior fator é que Deus em Cristo tomou a iniciativa por amor a nós. Deus identificou nossas necessidades humanas com grande antecedência. Ele nos amou primeiro. Esse fato é visto principalmente na cruz. Como Paulo expressou, "Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós sendo nós ainda pecadores" (Rm 5:8). Se isso não nos levar ao Pai, nada mais levará.

2. Deus leva o pecado a sério

O segundo fato redentor é que Deus leva o pecado a sério. Se Deus assumisse uma atitude frívola em relação ao pecado não ficaríamos comovidos. Mas quando elevamos os olhos para o Cristo crucificado e vemos o coração de Deus partido por causa do nosso pecado percebemos a natureza terrível das nossas falhas. O pecado fere o coração de Deus. Quando reconhecemos isso, somos levados ao arrependimento que nos une ao seu amor perdoador.

3. Somente Deus pode salvar

O terceiro fato poderoso sobre a cruz é este: somente Deus tem a resposta aos problemas do pecado e da morte. A cruz significa que Deus penetrou na nossa humanidade para fazer por nós aquilo que não podemos fazer por nós mesmos. E esse fato faz com que nos coloquemos confiantemente na presença de Deus. Porque sabemos que só Ele pode atender às nossas necessidades; e sabemos também que Ele deseja fazê-lo.

4. Não há limites para o amor de Deus

O quarto fato divino é que não há distância que Deus não percorra em nosso favor. O amor jamais poderá alcançar uma altura superior à da cruz, nem tampouco penetrar mais fundo. A cruz proclama que Deus não reteve nada de si quando deu seu Filho para morrer.

E já que esse fato se instalou na história pelo sinal da cruz no monte do Calvário, todas as pessoas poderão saber, sem ter a menor dúvida, que no que se refere a Deus o caminho a Ele está sempre aberto. Portanto, o único obstáculo para que desfrutemos das alegrias da vida eterna hoje está dentro de nós mesmos. Porque a cruz é o sinal eterno da infalível prontidão do Pai para nos perdoar e nos unir a Ele.

5. Deus sofre para dar vida

O quinto fator redentor relacionado à cruz é que o preço da nossa salvação é o sofrimento de Deus. Isto tem sido chamado pelos cristãos de sofrimento vicário. Quer dizer que Deus tomou sobre si o sofrimento da humanidade com o propósito de nos elevar. Quando pecamos, Deus sofre. Quando estamos tristes, solitários ou fomos mal-compreendidos, Deus compartilha da nossa dor. Jesus não ofereceu ao mundo observações brilhantes, como o olhar para o belo. Precisou atender aos interesses do Pai. Ele sabia que a vida não era assim tão simples. Havia feridas a serem curadas, pessoas tristes a serem confortadas, pecadores a serem perdoados e temores a serem vencidos. Assim, Deus, longe de contemplar serenamente o bem, revestiu-se de carne e sangue e tomou sobre si nossas dores e sofrimentos. A cruz foi este amor perfeito, altruísta e sofredor de Deus por nós. Por isso, quando buscamos a Cristo, o Salvador crucificado, sabemos que Deus já fez sua grande obra redentora por nós.

6. A cruz: ontem, hoje e sempre

O último fato divino acerca da cruz a ser mencionado é que Deus foi, é e sempre será revelado no Cristo da cruz (Hb 13:8). O calvário não foi novidade para Deus. Ele revelou o coração de Deus. Tão logo surgiram os pecadores, as tristezas, as almas desesperadas, o grande coração de Deus conheceu a cruz que desde o início estava dentro de si. Esse pensamento foi lindamente expresso no livro do Apocalipse, no qual lemos sobre o "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13:8). Portanto a cruz está sempre presente no coração de Deus. E a crucificação é reencenada todos os dias, sempre que o pecado e a tristeza florescem. Isso também nos enche de uma tristeza devota e nos atrai poderosamente a uma maravilhosa comunhão com Deus.

IV. A cruz na adoração

A cruz se encontra no centro do cristianismo porque está no coração de Deus. Ela está no centro do nosso louvor. Nossos vitrôs a retratam. Nossas orações dão graças por ela. Nossos hinos regozijam nela. Nossos púlpitos a proclamam. Nossas meditações particulares se concentram nela. E as obras de todos os cristãos verdadeiros a refletem.

No centro do nosso louvor está o sacramento da Santa Comunhão. Na sua celebração os metodistas se reúnem em volta da mesa do Senhor para lembrar o que Jesus fez na cruz. Relembramos seu sacrifício por nós. Relembramos o que os cristãos através dos séculos afirmaram — que na cruz Deus agiu poderosamente através de Jesus Cristo para que pudéssemos ser perdoados, recriados, e chamados a uma vida de serviço altruísta. Como disse Paulo: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras" (1Co 15:3).

Este sacramento é mais do que uma lembrança, pois entrar no espírito de honesto arrependimento e fé significa a recuperação do senso da presença de Deus na comunidade. Significa que através dos símbolos cristãos do pão e do vinho —representando o corpo

partido e o sangue derramado de nosso Senhor — somos auxiliados pelo misterioso poder do Espírito Santo agindo na comunidade de fé e oração para sermos renovados em Cristo. Deste modo, a Ceia do Senhor é uma ocasião de profundo significado e magnífica celebração. Pois Deus agiu em nosso favor para nos redimir e nos refazer para o viver criativo. E, também, uma ocasião em que toda a comunidade de Cristo ouve, mais uma vez, o seu chamado para espalhar a sua luz pelo mundo através do viver responsável em sociedade.

Acreditamos na cruz!

CAPÍTULO VIII

CREMOS NO PERDÃO DOS PECADOS

A doutrina do perdão dos pecados é uma das notas mais triunfantes na escala da religião cristã. A Bíblia canta o perdão quando nos assegura da graça perdoadora de Deus. O Velho Testamento o proclama (veja Is 1:8; Sl 103:12). Mas os tons mais suaves desta nota não podem ser ouvidos até que atinjamos o Novo Testamento, onde Paulo canta: "Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8:1).

I. A realidade do pecado

Hoje em dia, porém, essa conversa sobre pecado e perdão parece estranha para muitas pessoas. Não parece estar relacionada com a vida.

Temos complexos? Sim. Há frustrações? É claro. E medos e ressentimentos? Sem a menor dúvida. Pensamento negativo? É óbvio que sim. Existem neuroses? Certamente. Um senso crônico de futilidade e de fracasso? Sim. E pecado? Aqui hesitamos. Entretanto, não deveríamos hesitar; não importa o nome pelo qual o chamemos; o pecado ainda está conosco. Vivemos numa era de desculpas fáceis. O velho e crônico hábito de dar desculpas a nós mesmos alcançou seu auge em nosso tempo. Por quê? Por que ao utilizarmos erradamente o nome honrado da ciência podemos "explicar" tudo o que fazemos. Podemos explicar facilmente as nossas ações a partir da herança biológica, do ambiente ou do processo subconsciente.

E depois de formularmos essas desculpas deixamos de nos confrontar com o fato mais real sobre nós mesmos, isto é, que Deus nos fez seres responsáveis. Sim, vivemos em uma era de álibis inteligentes.

Mas a vida tem um meio de invalidar nossas imaginações vazias. Todo mundo sabe que a ira ingovernável é um sinal certo da derrota. Todo mundo sabe que o ressentimento não é apenas um estranho produto do ambiente; é fruto de um caráter defeituoso.

Algum tempo atrás vi uma "charge" que mostrava uma cena num parque de uma escola pública. Um menino havia acertado a cabeça de um companheiro com um taco de beisebol, e duas professoras discutiam sobre o incidente. Uma dizia à outra na presença do "réu": "Agora, temos que tomar muito cuidado para não fazê-lo sentir-se culpado".

Não há maior insulto a uma pessoa que escusá-la de sua responsabilidade. E não há sinal mais seguro de saúde mental do que nos sentirmos culpados quando realmente o somos.

O mundo hoje é ameaçado pelo pecado e pela decadência moral. E as esperanças de liberdade são frustradas pelo pecado. Vivemos em uma sociedade em que bilhões de dólares são gastos anualmente em transações ilícitas de todo tipo. O alcoolismo é um grande

problema; o uso de drogas e o vício são males amplamente espalhados. Relacionamentos sexuais transitórios, promiscuidade e atividades sexuais anormais — com sua conseqüente doença física e mental — são eventualmente perdoados. O divórcio é algo terrível que caiu sobre nossa nação. O preconceito racial floresce na mente de muitas pessoas. Tiranos ainda esmurram pessoas, tanto em casa quanto fora dela. E a ameaça da destruição nuclear espreita por trás dos assuntos internacionais. Dentro das casas, brigas e desentendimentos fazem seu trabalho mortal. E nossa recusa complacente a apoiar as causas decentes das igrejas e comunidades nos deixa de fora do Reino de Deus.

Assim, ao mesmo tempo em que acreditamos que o bem está em todas as pessoas acreditamos também que as pessoas são naturalmente "inclinadas para o mal, e isso continuamente" (veja os Artigos de Religião, VII).

Negligenciamos a Deus por um "paraíso de estratégias refinadas". E o desafiamos ao levarmos adiante as nossas ambições egoístas.

O pecado, portanto, é um fato. Olhamos para dentro de nós mesmos e o encontramos ali. Olhamos ao redor e lá está ele. Pode assumir a forma de uma ação praticada. E cada vez que olhamos pelos corredores da memória, ali está ele, como um quadro pendurado na parede. Trememos diante do pecado e ansiamos por perdão.

O pecado pode ser a disposição da alma afastada de Deus. Somos pecadores, quer cometamos atos específicos de maldade ou não, se não estivermos seguindo junto com Deus. Por isso, não adianta perguntar: "Que mal fiz eu?"

O pecado pode assumir a forma de um vago senso de injustiça. Desejamos uma vida melhor, porém não a vivemos. Portanto, dizemos com Paulo: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto" (Rm 7:15).

II. A resposta: a graça perdoadora de Deus

Qual é a resposta?

A primeira parte da resposta pode ser encontrada na graça perdoadora de Deus. Dois mil anos de história cristã nos remetem à cruz, na qual o amor perdoador de Deus é nosso apenas pelo pedido.

Estamos sempre tentando nos salvar confiando em nossos próprios feitos ou nos esquecendo dos pecados em boas obras. Porém, logo descobrimos que ainda não compreendemos realmente o problema. Além disso, mesmo depois de fazermos o melhor, teremos apenas cumprido a nossa obrigação. Nosso pecado permanece.

Nem a soma de todas as nossas ações pode nos salvar. Porque precisamos de uma comunhão viva com Deus. E não se alcança isso empilhando uma boa obra por cima de outra. Isto só acontece pela honestidade para com Deus e pela aceitação, pela fé, da dádiva graciosa do amor perdoador de Deus em Jesus Cristo. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus" (Ef 2:8).

Compete-nos reconhecer o nosso pecado perante Deus — que é o arrependimento — e confiar inteiramente no amor perdoador de Deus — que é a fé. Deus quer nos perdoar.

Por isso Jesus disse: "Não temais, 6 pequenino rebanho, porque vosso Pai agradou em dar-vos o seu reino" (Lc 12:32).

Assim, acreditamos que o nosso pecado nos conduz além de toda a resposta humana à salvação que vem de Deus. Só indo a uma colina, fora dos muros de Jerusalém, é que contemplamos, com humilde fé, o Salvador do mundo. Somente aí encontramos o princípio do perdão. Não por meio de cultura e boas maneiras; não por intermédio de informação e pesquisa; nem tampouco através de boas obras, mas pelo amor de Deus recebemos o perdão. Todas as outras coisas têm seu papel na vida cristã, mas somos justificados somente pelo amor perdoador de Deus em Cristo.

III. A justificação pela fé

Sabemos tudo isso pela experiência cristã. Todo cristão pode cantar em seu coração todos os dias a maravilhosa história do perdão de Deus por meio de sua obra redentora. Não é de admirar que os cristãos componham hinos. Eles têm um motivo para cantar. Não é de admirar que levem as boas novas por onde quer que andem. Também não é motivo de admiração que queiram viver para a glória de Deus e para o serviço às pessoas!

Saulo de Tarso tentou encontrar o caminho de Deus através da escada interminável das leis religiosas. Foi, mas não chegou; buscou, mas não encontrou. Finalmente começou a ver a luz no caminho de Damasco e, a saber, que estava perdoado e era amado pelo Salvador.

Foi por isso que, em sua primeira viagem missionária a Antioquia da Pisídia, Paulo pôde pregar o evangelho do perdão do modo que fez. Podemos quase vê-lo diante da multidão na sinagoga, dizendo: "Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as cousas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés" (At 13:38-39).

E nesta mesma linha de pensamento, escreveu aos Gálatas: "ã homem não é justificado por obras da lei, e sim me diante a fé em Cristo Jesus" (Gl 2:16).

Este novo princípio de libertação do pecado era como música para os ouvidos das multidões através do mundo antigo. Foi ouvido em Jerusalém, nas cidades da Ásia Menor e da Macedônia, em Atenas, em Corinto e até em Roma.

No entanto, depois de muitas gerações de cristãos viverem e morrerem sob a luz deste amor redentor, muitas pessoas voltaram ao sistema de salvação por obras e cerimônias. Então, veio Martinho Lutero (1483-1546) para reavivar o princípio do perdão pela fé e não pelas obras. Depois que o jovem Lutero sentiu-se atordoado por um raio, prometeu a Deus que se tornaria monge. No mosteiro seguiu as mais rigorosas disciplinas. Estudou por longas horas e observou minuciosamente todas as formas e cerimônias prescritas. Foi até Roma e subiu a santa escadaria de joelhos. Quando, posteriormente, descreveu essas experiências, comparou-se a Paulo. Assim como o apóstolo tinha se tornado o fariseu dos fariseus, Lutero tornara-se o monge dos monges.

Mas seus esforços não lhe fizeram bem algum. Tornou-se amargo para com Deus. Passou a desprezar a palavra "penitência". A justiça de Deus passou a ser algo terrível de contemplar. Finalmente, porém, viu a justiça de Deus à luz das palavras: "o justo viverá por fé" (Rm 1:16; veja também Gl 3:11). Compreendeu o que Paulo havia dito muitos séculos

antes. E livrou-se da tirania do seu pecado. Porque, agora, confiava no Salvador para fazer por ele aquilo que jamais poderia fazer por si próprio. Aceitou a dádiva graciosa do perdão divino.

Portanto, nós, metodistas, nos unimos a todos os cristãos na crença no perdão dos pecados pela fé.

IV. A contínua necessidade de perdão

Esta é uma era de consciência fácil. E as pessoas, hoje, não se dão conta do quanto precisam do amor perdoador de Deus. Mas nós hoje precisamos de perdão tanto quanto nossos ancestrais da Galácia, Corinto e Roma. Eles leram com alegria as palavras de Paulo sobre o perdão pela graça, através da fé.

Sempre que vasculhamos além da nossa superficialidade descobrimos, também, que nos afastamos de Deus, trilhando os nossos próprios caminhos. Perdemos o propósito para o qual Deus nos criou e assim repudiamos a razão de estarmos aqui. Os antigos males ainda estão conosco e agindo em nós. Ódio, guerra, preconceito, crime, decomposição do caráter, ganância, luxúria, desonestidade, maldade, insignificância, mediocridade — estes e outros males estão conosco porque somos o tipo de pessoa que somos. Precisamos ser perdoados.

Mas nós, hoje, com nossas ilimitadas maneiras de enganarmos a nós mesmos, imaginamos que podemos encontrar nosso próprio caminho sem arrependimento e sem a graça perdoadora de Deus. Quando nos colocamos diante do limiar da religião, queremos substituir a palavra "aceitação" por "perdão". Queremos acreditar que Deus nos aceita como somos, independentemente da nossa disposição de nos arrependermos. Mas isso não é verdade nem para a Bíblia nem para a vida. É um substituto barato e irreal para o arrependimento honesto e a fé viva. Deus sempre nos ama. Está sempre pronto a nos perdoar e aceitar. Mas nem mesmo Deus pode nos perdoar a menos que nos coloquemos em posição de sermos perdoados. O arrependimento é honestidade fundamental diante de Deus.

Nós, povos modernos, acreditamos que o progresso é inevitável, que a história é automaticamente redentora, que o mundo secular é essencialmente bom, que a educação é a solução e que tudo está enraizado na economia. Nisso tudo existem meias-verdades misturadas com ilusões demoníacas. Essas ilusões, como lindas bolhas, têm fascinado as pessoas hoje em dia, e depois caem no esquecimento.

Duas guerras mundiais, Vietnã, os desastres no Oriente Médio, a possibilidade de destruição nuclear, o aumento do crime, a decadência do relacionamento sexual responsável, as ameaças ao casamento e à vida familiar, o rompimento na educação, a profundidade das dimensões do preconceito racial, os apelos à emoção e às ideologias ao invés da razão, os protestos cegos e niilistas, a poluição e degradação da natureza nas cidades e nos meios rurais — estes e milhares de outros problemas desesperadores revelam que há muito mais coisas erradas no mundo do que supúnhamos. Existe, como no passado, uma maldade radical nos corações e mentes das pessoas. E isto tem a ver com se podemos ou não sobreviver sem qualquer sentido e dignidade.

Nós, metodistas, nesta era de desesperada necessidade humana, estamos cada vez mais conscientes de nossos erros. Ao mesmo tempo, estamos convencidos de que Deus, em seu infinito amor e sabedoria, mostrou o caminho em Jesus Cristo. O arrependimento e o perdão pela fé são o ponto de partida para toda renovação nas pessoas e culturas. Pois

aí está o começo da integridade diante de Deus. Precisa-se desesperadamente deste começo hoje. A questão é de sobrevivência moral e espiritual contra a destruição maciça e a degeneração dentro da sociedade de pessoas desonestas e medíocres.

Jesus confrontou o povo do seu tempo com aquilo que necessitamos em nosso próprio tempo. Ele foi informado, por testemunhas, sobre os galileus cujo sangue Pilatos misturou com os sacrifícios que eles realizavam. Então Jesus disse: "Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas cousas? Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis" (Lc 13:2-3).

Acreditamos no perdão dos pecados!

CAPÍTULO IX

CREMOS NA VITÓRIA POR MEIO DA VIDA DISCIPLINADA

Uma coisa é ser perdoado, outra coisa bem diferente é ser capacitado. Os cristãos primitivos regozijavam não apenas no amor perdoador de Deus, mas também na sua graça capacitadora. E obtinham isso através da vida disciplinada dentro da comunidade dos crentes.

O Metodismo, como diz o próprio nome, compartilha desta herança. No princípio, a palavra "metodista" era usada para zombar de um grupo de jovens da Universidade de Oxford, Inglaterra, por causa da sua regularidade no viver cristão. Entre eles estavam João e Carlos Wesley. Eles decidiram levar a sério o cristianismo, por isto, se uniram num programa de vida disciplinada. Porque viviam seu cristianismo com método, foram chamados de "metodistas". E o nome permaneceu para caracterizar um dos maiores movimentos da história cristã.

A denominação "Metodista" reúne várias comunidades de fé que compartilham desta grande herança de vida disciplinada. Acreditamos na vitória através do cumprimento de todas as condições. Nada do que é fundamental na vida moral e espiritual acontece por acaso. Colhemos o que plantamos.

E percebemos a importância disso no momento em que nos enxergamos como realmente somos. Existe muita coisa boa em cada um de nós. Mas não somos suficientemente bons. Na verdade somos uma estranha mistura de bem e mal. E não há nada mais claro do que o fato de que precisamos de método para vivermos vitoriosamente.

Por exemplo, precisamos de coragem para sustentarmos o que é certo; e precisamos saber como obtê-lo. Tive o grande privilégio de desfrutar da amizade do dr. Franklin N. Parker, da Universidade de Emory, durante 13 anos. Todos os que o conheceram o tinham em alta conta. Era um grande homem. Eu me lembro de como ele enfatizava a necessidade da coragem cristã, e como a considerava uma qualidade rara. Ele estava certo.

Precisamos de paciência, autocontrole e absoluta honestidade. Precisamos vencer a tentação. E acima de tudo, precisamos de amor. Nossas boas resoluções malogram. Decidimos acabar com a desonestidade e infidelidade, mas caímos nos mesmos velhos trilhos. Assim, somos levados a formular grandes perguntas: como podemos viver vitoriosamente? Como podemos nos tornar as pessoas que gostaríamos de ser? Como podemos nos tornar o que Deus espera que sejamos?

I. A promessa bíblica

A Bíblia nos ensina que fomos criados não apenas para sermos vencedores, mas para sermos "mais que vencedores por meio daquele que nos amou" (Rm 8:37). A vitória é prometida a todo aquele que a buscar de maneira acertada. Não se torna nossa meramente porque a desejamos. Nem tão pouco a alcançamos por meio de técnicas incertas, porque há leis na vida espiritual.

A Bíblia nos faz lembrar dessas leis muitas e muitas vezes. Devemos "esperar", "vigiar e orar", "guardar" e "prosseguir". Na verdade, devemos nos tornar atletas espirituais (1Co 9:24).

E a Bíblia nos encoraja com suas grandes promessas.

*Os jovens se cansam e se fatigam,
e os moços de exaustos caem;
mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças,
sobem com asas como águias,
correm e não se cansam,
caminham e não se fatigam (Is 40:30-31).*

Aqueles que têm fome e sede de justiça serão satisfeitos (Mt 5:6). Os puros de coração verão a Deus (Mt 5:8). "Pedi e dar-vos-ei; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Mt 7:7). Quando Jesus disse, "Pedi", não quis dizer, "Fazei um pedidinho". Quando disse, "Buscai", certamente não estava dizendo "procurai um pouquinho". E quando disse "Batei", não queria dizer, "Batei levemente". O Mestre tinha em mente uma busca apaixonada, persistente e inteligente.

Entretanto, não podemos realizar essas promessas sem enfrentarmos alguns dos inimigos de Cristo que agem dentro de nós constantemente.

II. O principal obstáculo à vida gloriosa

Quais são os maiores inimigos da vida cristã vitoriosa? As repostas poderiam ser as mais diversas. Eu acredito, porém, que os piores inimigos interiores são: distração e egoísmo.

Coloquemos deste modo. Quem somos nós? Somos nosos pensamentos e os nosos desejos. Somos mais que isso; mas a chave para conhecermos a nós mesmos está na qualidade daquilo que pensamos e do que queremos. A distração está relacionada aos nossos pensamentos, e o egoísmo aos os nossos desejos.

Portanto, analisemos primeiro os nossos pensamentos para verificarmos como eles interferem na vida espiritual. Aqui estou descrevendo algo que todo mundo experimenta. Mas nem todos percebem o que está se passando na alma. Por "pensamentos" quero dizer tudo aquilo que vem à mente, seja uma lembrança das alegrias de ontem, o medo dos problemas de amanhã, o toque do telefone, o som de uma sirene, a atratividade de uma revista, a dor de um insulto, o latejar de uma dor de cabeça, ou qualquer outra coisa de que estejamos conscientes. Em meio a tantas coisas que chamam a nossa atenção, nos esquecemos de Deus e das promessas que lhe fizemos.

Durante todo o tempo em que estamos acordados, esta mos pensando em uma coisa ou outra. Assim como o vai e vem das ondas do mar, nossos pensamentos vêm e vão em nossas mentes. Muitas vezes, sem motivo, passamos rapidamente de um pensamento a

outro. E a despeito da qualidade deste vai-vem dentro de nós, somos entretidos por eles como por um fluxo de programas televisivos interiores. Por quê? Porque, sejam bons, maus ou medíocres, são nossos próprios pensamentos. E assim, mais um dia se passou. E não conseguimos nos lembrar quando foi a última vez que pensamos em Deus.

Mas existe poder em um dia como este? Claro que não. E por que não? Porque não há e nem poderia haver poder em um mero fluxo de pensamentos e sentimentos desconexos. Certa vez, perguntaram a Thomas Edson se ele acreditava na sorte. Ele respondeu: "Não. Mas se acreditasse, me consideraria o homem mais sem sorte do mundo. Pois cada uma de minhas invenções veio depois de muito trabalho". Depois acrescentou: "A única diferença entre mim, que sou considerado um homem de sorte, e as outras pessoas, é que enquanto elas pensam em muitas coisas diferentes, eu penso em apenas uma, até que consiga o que estou procurando".

Esse é um princípio-chave em todas as fases da vida. Aplica-se principalmente à vida espiritual.

Cristo exige unidade, mas nossas mentes estão mergulhadas na multiplicidade. Esse é um dos grandes campos de batalha da alma hoje em dia. Os pensamentos e sentimentos medíocres, por mais agradáveis que sejam, resultam numa pessoa medíocre. Porque como o ser humano "imagina em sua alma, assim é ele" (Pv 23:7). E com o passar da vida, poucas coisas nos levam mais para perto do inferno do que perceber que a nossa única chance de viver na terra foi desperdiçada em uma vasta e inexpressiva coleção de bobagens.

Vivemos numa era de mediocridade porque mais do que qualquer outra é uma era de distrações. Por exemplo, nossos antepassados possuíam a Bíblia e poucos livros mais. Podiam concentrar seus pensamentos naquelas poucas coisas. Mas nós temos tantos livros que nem sabemos o que ler. Agora, com o advento do rádio, da televisão e da imprensa, e com o aumento dos momentos de lazer possibilitados pelas máquinas, computadores e pela automação, chegamos a um ponto em que a vida disciplinada é a única alternativa contra a mediocridade.

A grande questão é: como podemos escapar desta vida infrutífera com seus intermináveis ciclos de trivialidades e derrotas?

III. A resposta

Podemos quase ouvir alguém dizer: "A resposta é simples. E só pensar em Deus e no seu Reino o tempo todo". Mas a resposta errou o alvo. Por quê? Porque ninguém é capaz de fazê-lo.

A vida envolve muitos interesses. E a fim de mantermos nosso corpo e alma sintonizados, precisamos pensar em muitas coisas diferentes. Então onde está a resposta?

Quase 3 mil anos de história devocional nos mostram o caminho. Isaías vislumbrou o princípio-mestre da vida vitoriosa quando disse: "Em vos converterdes... está a vossa salvação" (Is 30:15). Não fomos feitos para pensar em uma única coisa durante o dia inteiro, porque muitas coisas fazem parte de nossa vida. Porém, temos que nos voltar constantemente para Deus e as coisas divinas. Essa é a base da vida cristã disciplinada. Por que estabelecer horários todos os dias e toda semana para a adoração? Porque nesses

momentos sagrados Deus traz uma beleza nova e sagrada para todo o resto da vida. É nesse momento em particular que percebemos a tremenda pertinência do chamado metodista à vida disciplinada.

IV. Um outro empecilho à vida vitoriosa

Existe uma outra ameaça interior à vida vitoriosa. É o egoísmo. Nosso mundo se movimenta em torno de nós mesmos. Se é verdade que somos o que pensamos, é verdade também que somos o que desejamos (veja Mt 6:21).

Cristo exige amor a Deus e ao próximo. Mas com muita facilidade amamos a nós mesmos. E isso faz com que Deus fique do lado de fora. É claro que, até certo ponto, devemos amar a nós mesmos. Jesus sabia disso quando determinou: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10:27). Mas a tragédia da vida é que ficamos tão fascinados com o nosso próprio ser que perdemos a vida gloriosa de serviço no Reino de Deus.

De vez em quando todos nós sentimos o desejo de nos consagrar sem reservas a esse tipo de serviço a Deus e ao ser humano. E nesses raros momentos nos sentimos como Pedro, quando declarou a Jesus: "Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim" (Mt 26:33). No entanto, Jesus sabia que naquela mesma noite seu discípulo impetuoso o negaria. Também somos como Pedro. Por quê? Porque continuamente retornamos ao nosso egoísmo até que ele derrube nossos princípios mais nobres. Nossas resoluções mais elevadas se quebram finalmente na rocha dura do egoísmo e da ganância.

Além disso, o nosso amor próprio nos impulsiona em mil direções. Num momento ele nos impulsiona na direção do dinheiro; em outro, à busca de posição social; em ainda outro, à vingança ou, em outra ocasião ainda, em busca de companheirismo. O egoísmo nos impele a tirar proveito de nossos companheiros e, ao mesmo tempo, buscar seus louvores. Tenta justificar toda a espécie de tolice. Anseia apaixonadamente por status social, porém emprega a língua para prejudicar os outros. O amor próprio procura paz, mas promove conflitos. Impele o ser humano pelo circuito desenfreado do prazer e o mergulha nas profundas e solitárias águas do remorso. A verdade é que o egoísmo é um caos de desejos conflituosos. Ele nos deixa na mesma situação em que Pedro, o Grande, da Rússia se encontrava quando confessou: "Gostaria de reformar meu império, mas não consigo reformar a mim mesmo".

E o mais lamentável de tudo isso é que a ação do amor próprio está tão perto de nós, e tão agradavelmente dentro de nós, que não percebemos o que vinha acontecendo até que adquirimos uma visão de Cristo e enxergamos a pessoa decente, honesta, leal, altruísta que poderíamos ter sido.

V. A resposta

Novamente os metodistas encontram a resposta no princípio de quase 3 mil anos de experiência devocional: "Em vos converterdes... estaria a vossa salvação" (Is 30:15).

Para o que devemos nos voltar a fim de vencermos a atração gravitacional do amor próprio? Devemos nos voltar para Deus e para as coisas divinas, para Cristo e seu amor, para as grandes passagens da Bíblia, para o culto público, para a oração e o estudo, para bons livros e para a comunidade criativa. Devemos nos tornar dinamicamente incorporados na comunidade de oração e fé. A vida não se aperfeiçoa acidentalmente e nem a bondade

se sustenta por acaso. Deus age de maneira poderosa através dos hábitos cristãos para nos abençoar e abençoar aos outros por nosso intermédio.

Através dos hábitos da devoção cristã, Deus nos concede o poder de viver diariamente sob a inspiração dos nossos momentos mais sagrados e nos dá, também, o poder que provém da plena consagração. Pela disciplina, ele desvenda as grandes passagens da Bíblia, até que a alma encontre o elemento para o qual foi criada, isto é, o amor a Deus e ao próximo.

Assim, nós, metodistas, precisamos reaver em nossa era as poderosas disciplinas da vida espiritual que constituem uma parte tão vital de nossa herança wesleyana. Quando chega a hora de estudarmos a lição da Escola Dominical, devemos fazê-lo, tenha ou não um programa interessante na televisão. Também, a intervalos regulares, devemos ensinar nossos filhos a estudar a sua lição. Precisamos saber o significado da Bíblia Sagrada. Quando as portas da igreja se abrem, devemos estar lá. Quando chamados a servir, devemos perceber o grande privilégio deste chamado e responder de acordo. Na hora de contribuir, devemos fazê-lo alegre e liberalmente. Finalmente, devemos orar, como o fez Jesus, a tempos regulares, e celebrar o sacramento da Ceia do Senhor com alegria e dedicação.

Então como obtemos a vitória? Por métodos comprovados.

Gosto imensamente das montanhas. Gosto de observá-las quando o sol da manhã as acorda com um beijo na frente. Sinto prazer em contemplá-las à noite quando, quais gigantes dormindo, se deitam sob a coberta da escuridão. Olho pela janela durante o meu momento de estudo, mas não vejo as montanhas. Por quê? Porque não me coloquei em posição de vê-las. Assim acontece com Deus e nós.

CAPÍTULO X

CREMOS NA CENTRALIDADE DO AMOR

O amor cristão já foi adequadamente chamado de "a maior coisa do mundo". Ele nos une a Deus e ao próximo. É a lei da vida porque cumpre todas as leis (Rm 13:8-10; Gl 5:14). Sem ele, não vivemos, apenas existimos. E a razão suprema da exaltação de Jesus Cristo como Senhor, é que ele encarna perfeitamente o amor de Deus.

I. A ênfase de Jesus no amor

Jesus nos mostrou, de uma vez por todas, que o amor é o princípio básico das relações humanas. Ele ensinou que Deus é amor e apresentou o amor ao mundo como um poder criador e dinâmico. Este era o novo princípio de vida. É verdade que já existia o antigo mandamento "amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19:18), mas Jesus o levou muito além de tudo o que existia antes ao mostrar o verdadeiro significado de ser o próximo (veja Lc 10:25-37).

Poderia-se obedecer a lei de amar o próximo como a si mesmo e ainda assim odiar o samaritano. Mas Jesus tomou um desprezado samaritano e tornou-o o herói de uma das mais belas histórias do mundo. Poderia-se amar ao próximo como a si mesmo e ter, ao mesmo tempo, um baixo conceito sobre as mulheres. Mas Jesus deu a elas seu lugar de direito. Poderia-se amar ao próximo como a si mesmo e abominar os pecadores. Mas Jesus ensinou o amor aos pecadores. Poderia-se amar ao próximo como a si mesmo, e odiar seus inimigos. Mas Jesus disse "amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste" (Mt 5:44-45).

Porém, mais do que ensinar este amor, Jesus o viveu. Aquele que nos ensinou que devemos nos interessar pelos desprezados amou os odiados samaritanos (Jo 4:7-42) e chegou a ser acusado de ser um deles (Jo 8:48). Ele, que pediu aos seus discípulos que amassem os pecadores, foi condenado por ser amigo dos publicanos e pecadores (Lc 7:34). Ele, que disse: "amai a vossos inimigos" orou, pendurado na cruz, "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23:34).

Jesus descortinou, assim, o coração de Deus e revelou o único princípio de vida que tem a sanção do grande Criador. Demonstrou-nos com absoluta determinação que, sem o amor de Deus, vida alguma será vitoriosa, e com ele nenhuma vida poderá falhar. Em contraste com a vanglória do homem orgulhoso e o punho do tirano, o amor de Cristo permanece para sempre. E esse amor se torna o poder governador da nova humanidade em Cristo.

Por essa razão, Jesus deu aos seus discípulos o novo mandamento...

II. Paulo fala sobre o amor

É fascinante perceber como a ênfase no amor impregnou o pensamento dos primeiros cristãos. Tinham seus desentendimentos (veja, por exemplo, Gl 2:11) e experimentaram as dificuldades do trabalho em grupo. Mas trabalharam sob a inspiração de um sentimento comum.

Paulo, o apóstolo da fé, poderia ser chamado, com ainda mais propriedade, o apóstolo do amor. Suas palavras magistrais sobre o amor no capítulo 13 de 1 Coríntios não têm rival em toda a literatura sobre o assunto, tanto pela beleza quanto pela sanidade prática. Como todo o cristão sabe, o amor encabeça a lista das virtudes cristãs.

Nem sempre nos damos conta de que Paulo contextualizou suas magníficas palavras sobre o amor em suas observações sobre a unidade essencial dos cristãos. Há coisas que dividem as pessoas. Algumas têm dons especiais, mas existe um só batismo e um Espírito (1Co 12:13). Existe um corpo com muitos membros. A realidade mais importante da comunidade cristã não é a profecia, os milagres, a cura, o falar em línguas, etc. Por isso Paulo nos desafia a desejar os mais altos dons e depois nos revela "um caminho sobremodo excelente" (1Co 12.31).

Paulo nos diz que poderíamos falar a língua dos anjos, o que seria uma coisa admirável, mas sem o amor seríamos "como bronze que soa, ou como címbalo que retine" (1Co 13:1). Poderíamos ter poderes proféticos, como muitos se gabam hoje em dia. Poderíamos compreender todos os mistérios e possuir toda a ciência, o que seria uma vantagem incrível. Poderíamos ter a fé capaz de remover montanhas, o que significa que poderíamos falar a qualquer montanha que estivesse no nosso caminho "saia, vá embora!". No entanto, diz Paulo, se tivermos todos esses poderes, mas não tivermos amor não seremos nada. Depois ele nos conta o que é o amor e como ele age. E depois de falar das coisas passíveis de falhar, descreve as coisas que subsistem: fé, esperança e amor; "mas o maior desses é o amor" (1Co 13:13).

III. O que é o amor?

Nós, metodistas, cremos numa vida de amor. Mas o que é o amor cristão? Alguns o consideram uma emoção fraca e sentimental, que nada tem a ver com o amor. Encaram-no como uma doce amabilidade que se orgulha em dar-se bem com os outros, independentemente do que fazem. Mas isso não é amor cristão. Às vezes o amor tem que ser firme. Jesus não foi apenas "manso e meigo": também foi severo. Quando purificou o templo, expulsando os mercadores e derrubando as mesas dos cambistas, não estava tentando ser um "bom camarada" (Jo 2:14-16). Não estava sendo manso e meigo quando chamou Herodes de raposa (Lc 13:32); também não foi muito delicado quando comparou Pedro com Satanás (Mt 16:23). Ele não foi um galileu fraco e "pálido" quando enfrentou os fariseus com as duras palavras "ai de vós... hipócritas" (Mt 23:13-36).

Portanto, é necessário ter equilíbrio nesse aspecto. O que é, então, o amor cristão? Dentro da comunidade dos remidos, significa paixão ardente em fazer a obra de Deus em conjunto, na Igreja. Significa o desejo de carregar nossa parte do fardo e, ao mesmo tempo, levar o fardo dos outros. Fora da comunidade, o amor é um desejo ardente de que todos no mundo tenham as bênçãos de Deus. O amor não reconhece barreiras e não se nega a ninguém. Não procura seu próprio caminho, pois é o caminho de Deus. Deseja alimentar os famintos, vestir os nus, hospedar os estrangeiros, visitar e curar os enfermos, levantar os caídos e, acima de tudo, atrair todo ser humano à órbita do amor de Deus em

Cristo Jesus. Sua natureza é de repartir. Seu oposto é reter. Seu gênio é de não demonstrar qualquer parcialidade.

O amor cristão não implica em gostar igualmente de todas as pessoas. Isso é impossível. Pelo contrário, significa desejar o melhor de Deus para todas as pessoas, gostando delas ou não.

IV. O amor no mundo de hoje

O mundo está faminto, nu, doente e solitário; está massacrado pela guerra, saturado de drogas e fraco; é amargo, triste e mau. E se afastou do amor do grande Criador. Como se pode atender às necessidades do mundo? Somente pelo grande poder do amor que nega a si próprio. Portanto, o amor cristão significa a cruz. Significa a comunhão e o privilégio de sofrer em favor de outros.

Os sofredores e oprimidos do mundo encontram em Cristo o seu campeão, porque Jesus viveu e morreu por eles. E todo cristão é chamado, como Timóteo, a compartilhar das aflições "como bom soldado de Jesus Cristo" (2Tm 2:3). Pelo amor de Cristo os ignorantes devem ser ensinados, os fracos encorajados, os desorientados guiados e os perdidos trazidos de volta ao aprisco. Porque o amor de Cristo é algo poderoso. Opera por intermédio de indivíduos consagrados. Opera mais ainda pelos empreendimentos conjuntos daqueles que pertencem à comunidade dos crentes. Ele promove a paz, busca a justiça e encoraja a criatividade.

A verdade é que, após 2 mil anos, estamos começando a perceber, enquanto mundo, que estamos numa corrida entre o amor de Cristo e o desastre mundial. O amor de Deus, como se encontra em Cristo, atende às necessidades do mundo hoje. Que todos os cristãos que estão à porta do século 21 possam despertar juntos para o ministério da compaixão. Pois esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus.

V. O amor na alma individual

Quando desviamos nossos olhos do mundo e os voltamos para nossa alma individual, percebemos o quão perfeitamente o amor de Cristo atende às nossas necessidades. Na vida pessoal, só o amor funciona.

Nunca houve uma era em que tantas pessoas tivessem tempo e dinheiro para o luxo de analisar suas próprias frustrações. Em toda a parte, encontramos pessoas que conhecem suas dificuldades, mas se sentem impotentes para fazer alguma coisa. Sempre pensam na vida, porém nunca chegam realmente a vivê-la. Conhecem todos os recantos e fendas de sua mente e dissecam cada impulso. Anseiam e precisam de ouvintes interessados. Mas o que dá pena em suas vidas é que fazem tudo, exceto o necessário. Não se entregam totalmente ao serviço a Deus e ao ser humano. Negam-se a compartilhar do sofrimento altruísta.

Hoje estamos engajados em uma imensa busca de nossa própria identidade. Queremos saber quem somos. E isto é importante. Mas a questão é: podemos descobrir nossa identidade através da procura? Não será, ao contrário, como a verdadeira felicidade? Quando a buscamos por si própria, a perdemos. Então, sob a liderança de Jesus Cristo, nos abrimos a uma grande causa que é incalculavelmente mais importante que a nossa pessoa, e observamos que tanto a identidade quanto a felicidade surgem no nosso

caminho. Disse Jesus: "Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salva-la-á" (Mt 8:35).

Deus não criou a mente humana para olhar profundamente para dentro de si mesma. Ele a criou para voltar seus olhos para o mundo em trabalho e serviço. Ainda que seja trabalho legítimo de algumas pessoas examinar profundamente o espírito humano, isso não é ocupação da maioria. Devemos amar, trabalhar e dar graças pelo que somos e pelo que podemos fazer.

Qualquer outra atitude, a não ser o amor, falha. O ressentimento, em pequena ou grande dose, é um veneno. A irritação e o mau humor não levam a nada. O desprezo pelos outros chega a ser ridículo à luz do Deus onipotente. A inveja é tão inútil quanto é universal. A desconfiança é uma inimiga que nos rouba os amigos. A indiferença nos leva devagar, mas com certeza, para o fundo, até o lamaçal do cinismo. Só o amor subsiste, porque Deus é amor (1Jo 4:16).

VI. O amor implica na lei e na sabedoria

Supomos, freqüentemente, que o amor pode ser expresso adequadamente com um mínimo de interesse nas leis e regras morais. Dizem-nos que somente o amor é absoluto. Dizem-nos, também, que não devemos hesitar em quebrar qualquer lei se a situação assim o exigir. Isto é basicamente mal-orientado. Na realidade, existe uma verdade nisso. As circunstâncias alteram os casos. Mas a verdade mais profunda é que não podemos expressar o amor persistentemente, sem normas políticas, regras ou leis morais. O que é o amor sem uma política de lealdade? O que é o amor sem uma política de cortesia? O que é o amor sem diretrizes básicas em relação à verdade, honestidade, respeito mútuo, disposição em ouvir e ânsia em responder às indagações? O que é o amor num mundo em guerra sem o desejo de melhorarmos a nós mesmos e a nossa competência?

O amor também implica em sabedoria. Ele não pode estar à mercê da ignorância; exige desenvoltura. O amor tem um trabalho a fazer. Como poderemos saber se o trabalho do amor está ou não sendo feito se não usarmos a mente que Deus nos deu? O amor autêntico não é cego. Pelo contrário, é orientado e instruído pela sabedoria que Deus quer que reflitamos em todos os nossos esforços para expressar o seu amor. O amor é o motor; a inteligência é o volante. É difícil saber quem causa mal maior, o corrupto ou o equivocado. Não estou falando, aqui, sobre níveis altamente sofisticados de compreensão intelectual. Estou falando de algo que todo ser humano normal possui — inteligência prática. O ponto é que ela precisa ser usada, porque o amor exige.

VII. O chamado a todos os cristãos

Nós, metodistas, compartilhamos juntamente com todos os cristãos da crença na nova vida de amor. Não existe alternativa a ela. Não estamos livres para aceitá-la ou recusá-la. Jesus Cristo ordenou. A vida exige. E a graça de Deus supre.

Nossa salvação depende disso. É verdade que somos salvos pela fé, mas permanecemos salvos pela "fé que atua pelo amor" (Gl 5:6).

Tanto as nações quanto os indivíduos hoje desejam ardentemente os esforços unidos de todos os cristãos num programa mundial de compaixão e sabedoria baseado no amor de Deus. Porque Deus vencerá a guerra pelo amor que trabalha pela paz. Banirá a ignorância e o

preconceito pelo amor que luta pela verdade. Construirá seu reino sobre o amor que regozija no privilégio do serviço.

Wesley nos ofereceu uma das melhores fórmulas quando conclamou seus seguidores a lutar pela "santidade interior que leva à santidade exterior". E nós, metodistas, sabemos que somos pecadores redimidos pela graça e chamados a proclamar o poder de Cristo para transformar as pessoas para a glória de Deus e para abençoar aos outros.

CAPÍTULO XI

CREMOS NA CONVERSÃO, NA CERTEZA E NA PERFEIÇÃO CRISTÃ

Creemos na nova vida em Cristo. Wesley afirmou que no momento em que Deus nos perdoa, Ele recria nossas almas. Nascermos de novo. Deus também nos dá segurança interior e somos colocados no nosso caminho rumo à santidade bíblica. Ainda que nós, metodistas, não digamos que estas afirmações sobre a vida cristã sejam exclusivamente nossas, afirmamos, sim, que temos a paixão para fazê-las arder como chamas divinas nos corações das pessoas.

1. O que é a conversão e por que acreditamos nela

Creemos na conversão. Mas o que é a conversão? É a mais básica transformação na vida. É uma revolução no centro do nosso ser. É um novo nascimento. Não é um crescimento natural e, sim, um renascimento sobrenatural.

Para uma pessoa egoísta, a conversão significa mudança básica do centro das suas atenções. O "eu" é destronado e Cristo é entronizado. Para aqueles que medem o sucesso e a derrota em termos de dinheiro, o novo nascimento significa o reino de Cristo e suas normas. Para os que depositam sua suprema confiança nas organizações políticas e no poder das armas, a conversão significa ver em Cristo a única esperança do mundo. Para os que estão incapacitados pela falha e desespero, significa absoluta confiança no ministério de curas do Salvador. Em resumo, nascemos do Espírito quando Cristo se torna a mola-mestra de nossa vida. Entramos nessa nova vida no momento em que tomamos tudo o que sabemos a nosso respeito e o colocamos com confiança diante de tudo o que sabemos sobre Cristo.

Portanto, a conversão ou novo nascimento é uma mudança básica na mente e no coração. O cético pode dizer: "Sejamos realistas. As pessoas não podem mudar sua identidade. Elas continuam sendo elas mesmas. Por isso, toda essa conversa sobre um novo ser ou um novo coração não faz sentido".

Neste ponto é preciso que se compreenda claramente o que estamos falando, pois nas questões espirituais e morais é absolutamente importante lidar com a realidade e não com a fantasia. Paulo disse: "Assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2Co 5:17). Como pode haver uma nova criação quando as pessoas permanecem elas mesmas? Elas podem mudar sua direção, seus valores e seus sentimentos. Não há qualquer processo inerente que impeça isso. Na verdade, tanto a psicologia quanto nossa compreensão geral sobre a natureza humana mostram que isso é possível.

Não podemos mudar nossa identidade como indivíduos conscientes. E nem gostaríamos

de mudar. Na verdade, somos sempre nós mesmos. Mantemos nosso nome e nossa assinatura. Mas podemos alterar nossos propósitos, aceitar novos padrões e valores, e mudar nossas atitudes e sentimentos. Além disso, qualquer um pode mudar de um sentimento opressor de insignificância e desespero para a consciência do sentido e da alegria. Podemos modificar nosso vocabulário, nosso tom de voz, e tornar terapêutica a nossa conversa. Podemos vencer as tentações. Com a ajuda de Deus podemos fazer essas coisas.

Portanto, a conversão, ou a "nova criação" de que fala Paulo, significa uma mudança básica de propósitos, valores, sentimentos e sentido de vida provocados pelo poder de Deus. Se Deus pode mudar nossos propósitos fundamentais, então ele pode nos converter. Se Deus pode nos ajudar a mudar nossos padrões e valores, nossas atitudes e nossos sentimentos sobre o sentido da vida, então ele pode nos converter. Se Deus pode nos perdoar e nos ajudar a conhecer o que está adequadamente relacionado a Deus no coração e nos propósitos, então ele pode nos converter. E as coisas antigas de fato passaram, e tudo que realmente conta se tornou novo. De acordo com o Novo Testamento, podemos experimentar precisamente todas essas coisas — seja gradual ou repentinamente — pela fé em Jesus Cristo.

Por que acreditamos na conversão?

1. A Bíblia assegura a conversão

Nós cremos na conversão, em primeiro lugar, porque a Bíblia a afirma. Se existe uma coisa absolutamente clara na Bíblia é a seguinte: qualquer pessoa pode começar nova vida hoje com a ajuda de Deus. Essa afirmativa se repete como um tema por toda a Escritura Sagrada. Desde a visão de Jacó, em Betel, até a experiência transformadora de Moisés em Midiã; desde a fé e o arrependimento do rei Davi até a conversão do profeta Isaías; de Mateus, o cobrador de impostos, a Saulo, o perseguidor dos cristãos, enfim, do início ao fim, a Bíblia é um livro que trata da conversão. "Voltar", "retornar", "renunciar", "escolher" - estas e muitas outras palavras semelhantes estão entre as mais marcantes da Bíblia. Todas elas nos chamam à nova vida em Deus.

2. Jesus a ensinou

Acreditamos na conversão, também, porque Jesus a ensinou. A parábola do Filho Pródigo resume a situação para os que estão afastados de Deus; eles não precisam continuar do jeito que estão (Lc 15:11-32). Porém, Jesus não limitou este princípio aos que vagueiam longe de casa. Nicodemos era um homem justo; no entanto, quando veio a Jesus no meio da noite para indagar a respeito das coisas espirituais o Mestre lhe disse: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3:3). Também ele precisava nascer de novo. Há muitas maneiras de se perder o reino de Deus. Jesus ensinou que todos nós precisamos nascer de novo.

3. A história cristã a confirma

Cremos na conversão porque a história cristã a confirma. Não há fato da história mais seguramente fundamentado na evidência do que ela. Se eliminarmos a conversão não poderemos explicar a existência do cristianismo. A única coisa razoável a fazer é aceitar o testemunho de pessoas como Paulo, Agostinho, Wesley e milhões de outras que experimentaram o novo nascimento em Cristo Jesus.

4. Os fatos da vida exigem

Creemos na conversão também porque os fatos da vida exigem. Como as pessoas se transformam? A resposta óbvia é: por um processo gradual. E há uma grande verdade nisso. Aprendemos muitas coisas pouco a pouco. Como as flores do campo, crescemos gradativamente.

Entretanto, dentro de cada um de nós existe uma outra força que não opera pelo princípio da gradatividade. Alguns dos nossos melhores pensamentos surgem repentinamente. Algumas das nossas decisões mais importantes ocorrem em momentos sublimes e sagrados. As transformações mais profundas podem acontecer como um raio. Frequentemente nossa fé surge em momentos inesquecíveis.

A questão é essa. Pelo fato de existir dentro de nós não apenas um poder de mudança gradual, mas também o poder de transformação súbita, Deus pode fazer sua poderosa obra dentro de nós num piscar de olhos. O Espírito Santo se move mais rapidamente que a lançadeira do tecelão. Da nossa parte, a preparação para a conversão pode ser lenta, incerta e gradual. Mas a conversão em si pode ser tão repentina e certa quanto a decisão.

Muitas pessoas, no interesse da gradatividade, protelam o que deveria ser feito agora. O conhecimento vem lentamente; a sabedoria exige tempo; a mestria da arte só provém de muito esforço. Mas o espírito rancoroso pode ser transformado num instante. Pode-se aceitar um novo objetivo na vida agora. Novos valores e atitudes podem ser escolhidos já. Um novo relacionamento para com Deus e os outros, através do perdão, pode ser experimentado agora.

Para muitas pessoas, a vida é um luta febril para lidar com os maus hábitos, um por um. Mas elas se esquecem de uma coisa. Esquecem-se de que é mais fácil transformar toda a nossa pessoa do que superar nossos hábitos degradantes. Esquecem-se de que a transformação de uma pessoa implica em hábitos transformados. Porque quando o Salvador dá nova vida a um ser humano, novos hábitos surgem.

Chega um tempo em que temos que decidir sobre o tipo de pessoa que vamos ser. E se esse tempo precisa ser repetido, que se repita. Porque temos que selar nosso compromisso. Não podemos servir a Deus e às riquezas (Mt 6:24).

II. Certeza

Acreditamos na certeza. Por quê?

Primeiramente, porque o Novo Testamento a afirma. As ovelhas no aprisco conhecem seu pastor (Jo 10:5,14). O Espírito Santo guia os fiéis (Jo 16:13), e lhes assegura que pertencem a Deus. Esse é o testemunho do Espírito Santo (Rm 8:16).

Creemos na certeza, também, porque a experiência cristã a confirma. Aquilo que continuamente volta a nós através dos anos é uma prova segura sobre isso. Com o passar do tempo, sabemos, com uma certeza cada vez mais profunda, que Deus está conosco. Assim como a criança reconhece, cada vez mais, que pertence aos seus pais terrenos, todo cristão sabe que pertence a Deus. De vez em quando pode haver alguma dúvida, mas o estado contínuo da sua alma é de absoluta certeza.

Sabemos que Deus nos perdoa. Sabemos que Deus está conosco em nosso trabalho diário. Sabemos que quando nos sentimos tentados, Deus nos ajuda a alcançar a vitória. Sabemos que Deus nos confirma quando entramos nas lutas da comunidade por verdade e justiça. Sabemos que nunca andamos sozinhos pelo vale das sombras da morte. Quando olhamos para trás, para a estrada sinuosa da vida, sabemos que Deus esteve conosco. E sabemos que a promessa dos céus é certa. "Abençoada certeza" não é apenas o título de um antigo hino americano; é também um estado da alma.

Assim, nós, metodistas, cremos que todos podem participar da alegria dessa experiência.

III. A santidade bíblica

Cremos na santidade bíblica. Como já vimos, a conversão é a porta pela qual entramos para a vida cristã. E, uma vez dentro da casa de Deus, regozijamos na certeza de que pertencemos ao Pai. Porém, na natureza da vida espiritual, devemos prosseguir de sala em sala e de andar em andar. Pelo novo nascimento, damos início à vida cristã no berço onde qual recém-nascidos nos nutrimos do leite da palavra de Deus e por ele crescemos (1Pe 2:2). Temos que permanecer no quarto das crianças durante algum tempo. Aos poucos, porém, nos tornamos mais fortes e aprendemos a andar pelos aposentos maiores da casa de Deus. E o Pai se alegra em ver seus filhos crescerem em graça.

Algumas pessoas nos dizem que assim como o novo nascimento vem como a primeira obra da graça, a santidade bíblica, ou santificação, vem como a segunda obra decisiva da graça. Existe um primeiro andar na casa de Deus; e existe um segundo andar. Alguns dos melhores cristãos que conheci — tanto em casa como na igreja — experimentaram a santidade bíblica como uma segunda e decisiva obra de Deus. No entanto, talvez todos concordem que não deveríamos limitar a casa de Deus a estes dois andares. Controvérsias sobre esse assunto foram até altas horas da madrugada, durante muitas noites. João Wesley tem sido tomado como uma testemunha nos dois lados da questão. Ele acreditava que a santidade bíblica era uma segunda obra decisiva da graça por causa do testemunho dos outros. E, na minha opinião, nunca a professou claramente e sem ambigüidade.

Esta diferença de opinião tornou-se um dos tópicos mais controvertidos do cristianismo evangélico, e em muitos círculos continua a ser apenas isso. Mas precisamos, acima de tudo, perceber que existem pelo menos seis pontos sobre os quais todos nós podemos concordar.

1. A herança metodista

A questão da santidade bíblica fazia parte de um movimento evangélico dos séculos 18 e 19. Wesley a enfatizou porque ela é um aspecto característico do ensinamento do Novo Testamento. Foi, em parte, por causa desta ênfase que Wesley dedicou 13 dos seus 44 sermões padrão ao Sermão da Montanha. E isto o levou a instruir seus pregadores a conclamar todos os cristãos a buscarem a perfeição. Ele próprio nunca disse que a tinha alcançado. Mas pregou-a e ensinou-a como o poder de Deus para preencher a alma com amor e pureza de intenções. Portanto, a ênfase na santidade bíblica é um aspecto característico da herança metodista.

Não foi por acaso que um parágrafo sobre a santificação foi acrescentado aos Artigos

de Religião — apesar de não ter sido aprovado como um deles — quando três ramificações do Metodismo se uniram em 1939 para formar a Igreja Metodista. Também não foi por acaso que a Confissão de Fé (finalmente adotada em 1962) da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos (formada quando os Irmãos Unidos em Cristo e a Igreja Evangélica se juntaram em 1946) contenha um artigo (XI) sobre "Santificação e santidade bíblica" com três parágrafos cuidadosamente redigidos. Conseqüentemente, existem essas duas afirmações sobre a santificação no Livro das Disciplinas da Igreja Metodista Unida.

João Wesley, Martin Boehm, Philip William Otterbein, Francis Asbury, Christian Newcomer e Jacob Albright — que figuram na herança da Igreja Metodista — compartilharam, de um modo ou de outro, deste interesse pela santificação e santidade bíblica. Houve diferenças de opinião sobre este aspecto. Alguns, em contraste com a visão de Wesley, sustentaram a idéia da justiça imputada ao invés da justiça verdadeira.

Uma das melhores afirmações que conheço sobre esta questão está no primeiro parágrafo do Artigo XI da Confissão de Fé. Ele rege o seguinte:

“Acreditamos que a santificação é a obra da graça de Deus através da Palavra e do Espírito, pelos quais aqueles que nasceram de novo são purificados do pecados de seus pensamentos, palavras e ações, e capacitados a viver de acordo com a vontade de Deus e a lutar pela santidade, sem a qual ninguém pode ver ao Senhor (Livro das Disciplinas , 1988, 68, pág. 72).

Neste mesmo Artigo, somos lembrados de que a santificação "pode ser alcançada nesta vida tanto gradual quanto instantaneamente, e deve ser buscada sinceramente por todo filho de Deus". Depois, somos lembrados, muito apropriadamente, que esta experiência não nos livra da fraqueza, da ignorância e da possibilidade do pecado.

Nós, metodistas, acreditamos que esta ênfase na santidade ou na santidade bíblica tem um papel de maior importância no cristianismo. Estamos conscientes de que ela precisa ser compreendida à luz do alcance total da revelação bíblica. Isto é, deve ser entendida como a direção para a qual somos chamados, à luz dos propósitos revelados de Deus para cumprir valores morais e espirituais sob a orientação de Cristo na comunidade. Nenhuma interpretação atomística ou sectária servirá. E nenhum obscurecimento deste alvo sublime e divino pode se igualar ao que Deus exige de nós. Pois tanto é fácil quanto pecaminoso buscar a justiça por sua própria causa. Não há sinal de imperfeição mais seguro do que o sentimento de que não precisamos mais crescer na graça. O verdadeiro significado da santificação ou da santidade bíblica não está em um estado, mas em uma direção de vida com Deus. A graça de Deus é suficiente para a grandeza do seu chamado à santidade. E o que é a santidade bíblica? Como disse Wesley, é o amor a Deus e ao próximo nascido e alimentado em nós pela graça divina.

2. A única direção

A santidade bíblica é a única direção a seguir. Assim, o Metodismo é congenial ao chamado de Jesus para ser perfeito (Mt 5:8). Temos a firme convicção de que a graça de Deus é suficiente para nos tornar perfeitos no amor. Da mesma maneira que o nosso compromisso pode ser seguro, nossa sinceridade no amor pode ser sustentada. Todos os metodistas concordam, portanto, que a graça de Deus é suficiente para operar em nossos corações para torná-los puros, amáveis e sábios (veja 1Ts 5:23). Oramos sinceramente para que nos tornemos perfeitos no amor dia após dia. Se o Metodismo perder essa paixão pela santidade bíblica, não só trairá sua herança como também negligenciará sua missão no

mundo de hoje. Ninguém é perfeito. Mas todos são chamados a buscar a perfeição.

3. Lugar para todos

Todos nós concordamos que todo aquele que pensa na santificação como uma segunda obra definitiva da graça poderá se sentir em casa na atmosfera do Metodismo. Como já afirmei, desde os primeiros dias da nossa história alguns dos cristãos mais exemplares professaram essa segunda obra definitiva da graça. E há algo de estimulante nessa ênfase na subitaneidade e precisão das obras do Espírito Santo. Porque quem não espera nada, não está apto a receber nada!

4. Mais e mais graça

Está de acordo com o espírito do Metodismo sentir que Deus nos conduz de andar em andar, de experiência em experiência, na sua grande casa. E devemos sempre viver na esperança de sermos conduzidos por Deus a dimensões cada vez maiores de vida cristã. Não importa quem somos ou em que estágio do desenvolvimento cristão estamos; existe profunda verdade para nós nas palavras "Ele dá maior graça" (Tg 4:6). Aqui não há lugar para orgulho, já que não estamos afirmando nossos próprios feitos mas a graça de Deus. A verdade é que precisamos de toda ajuda que pudermos conseguir para sair da mediocridade. Não é necessária a graça de Deus para ser uma pessoa medíocre.

5. Unidos no amor

Mais uma vez, concordamos que nenhuma Igreja Metodista deveria permitir que as diferenças de opinião sobre a interpretação da santidade bíblica se tornassem fonte de amargura e desentendimentos. O grande princípio cristão que devemos lembrar nesse sentido é que somos "um corpo em Cristo" (Rm 12:5; veja também 1Co 12:12-27). Nem ministros, nem leigos seriam sábios em criar desentendimentos que na verdade anulam o ideal da santidade bíblica. Devemos, em amor, aceitar as diferenças, pois sabemos que as pessoas são muito mais importantes que suas interpretações particulares sobre a verdade cristã. Deste modo, o profundo e belo anseio dentro de nós pela santidade bíblica pode ser alimentado. E Deus terá possibilidade de fazer sua obra maravilhosa.

6. A santidade na herança ecumênica

Finalmente, esta ênfase na santidade bíblica colocou os metodistas numa importante corrente da história cristã desde os dias dos apóstolos. Esses antigos ancestrais estavam interessados na vida justa com a ajuda de Deus. Sua ênfase no poder do Espírito Santo para nos levantar e capacitar para refletir o amor de Cristo demonstra isso. Além disso, em todos os séculos da história cristã houve aqueles que, seguindo a linha dos apóstolos, compartilharam da busca de recursos cada vez maiores para fazer a obra de Deus no mundo. Wesley e seus seguidores chamaram a isto de busca pela santidade bíblica. Alguns chamaram de santidade, pureza de espírito ou santificação. A literatura devocional de todas as eras da história cristã revela esta preocupação. As várias correntes que convergiram para formar a Igreja Metodista seguiam nessa direção.

No mundo de hoje — que está se movimentando rapidamente rumo ao século 21 — há um despertar do interesse no poder do Espírito Santo para transformar e elevar a existência humana. Desde os evangélicos que enfatizam a santificação, até os católicos romanos, que falam sobre a pureza de espírito, existe esta busca comum. E nós, metodistas,

acreditamos que Deus está presente em tudo isto.

Estamos conscientes do perigo de escorregar para uma mentalidade como a existente nas seitas. Pois as pessoas podem se envolver por um tipo de espiritismo que se desliga da tradição, da comunidade histórica, da doutrina e da responsabilidade ética no mundo. Mas o Metodismo, juntamente com outras comunidades cristãs, demonstrou que isto não precisa ser o caso.

Por isso continuamos a acreditar na santidade bíblica como o chamado de Deus a nós nestes tempos. A ordem divina trazida por Moisés ainda deve ser ouvida: "Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo" (Lv 19:2).

E devemos ouvir e obedecer as palavras freqüentemente despercebidas do nosso Senhor: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça..." (Mt 6:33).

CAPÍTULO XII

CREMOS NA IGREJA

A Igreja de Jesus Cristo é uma instituição da maior importância. Por quê? Porque proclama o eterno evangelho de geração em geração.

No entanto, a Igreja tem muitos críticos. Como toda boa força no mundo, ela sofre o batismo de fogo de tempos em tempos. Alguns dizem que a Igreja é muito supersticiosa. Outros dizem que ela perturba demais a consciência das pessoas. Muitos afirmam que ela não transforma seus membros em pessoas diferentes das outras. Alguns se queixam de que a Igreja tem visão social demais; outros se queixam de que não tem suficiente. Ainda outros afirmam que a Igreja está subdividida em muitas partes. E há aqueles que permanecem deitados em suas camas no domingo e dizem que a Igreja está cheia de hipócritas.

Todos os cristãos sinceros reconhecem com pesar as imperfeições do vaso de barro que chamamos de Igreja. Ela é imperfeita porque é feita de pessoas imperfeitas. Por isso os cristãos se esforçam devotamente para tornar a Igreja um instrumento mais eficaz para fazer a obra de Deus sobre a terra.

Mas, ao mesmo tempo, os cristãos enxergam a glória da Igreja, que os críticos não conseguem perceber. Para os seguidores de Cristo, a Igreja é a maior de todas as instituições por causa da glória do evangelho que ela proclama. Os que estão cegos à beleza do evangelho não enxergam a glória da Igreja.

I. A necessidade da Igreja

Mas será que a Igreja é realmente necessária? Se o evangelho vem em primeiro lugar, por que não enaltecê-lo e deixar a Igreja de lado?

1. A Igreja é necessária para manter vivo o evangelho

Certa vez, um homem escreveu a seu amigo: "Eu acredito no cristianismo, mas não acredito na Igreja".

Seu amigo respondeu, "Você não pode acreditar realmente no cristianismo sem acreditar na Igreja".

Ele estava certo. Porque sem a Igreja não existiria cristianismo em que acreditar. O evangelho não chegou até nós por acaso. Ele foi transmitido por grupos cristãos de todas as gerações, que pregaram, ensinaram, ouviram e viveram este evangelho. Eles são a verdadeira sucessão apostólica; sem eles e o seu esforço organizado, o evangelho teria morrido no primeiro século. A Bíblia também foi mantida viva pela Igreja.

Dizemos que cremos na democracia, e realmente cremos. Mas será que podemos acreditar na democracia sem apoiar mos as instituições que a mantêm viva? É claro que não. Se afirmamos que acreditamos na educação, mas não nas escolas públicas e particulares, nem nas faculdades e universidades, então não acreditamos verdadeiramente na educação. Se afirmamos que acreditamos na medicina, mas não nas faculdades, nem nos hospitais e nas receitas médicas, então não acreditamos na medicina. O mesmo acontece com o evangelho e a Igreja.

Portanto, no cristianismo encontramos duas coisas: (1) o eterno evangelho (boas novas) que chegou até nós através de Jesus Cristo e (2) a Igreja, que é um instrumento terreno. Sem a combinação destas duas coisas não haveria cristianismo hoje.

O evangelho de Deus em Jesus Cristo é inefavelmente bonito. Ele responde de maneira maravilhosa às nossas necessidades mais profundas porque veio de Deus exatamente para este fim. Mas este evangelho deve ser proclamado e ensinado por uma comunidade de oração e fé de uma geração a outra.

Quando um cristão morre, um outro tem que preencher o seu lugar. E a comunidade de fé e oração segue adiante.

A Igreja mantém o evangelho ao se agarrar à Bíblia como a palavra viva de Deus que atinge sua finalidade em Jesus Cristo. A Igreja preserva e proclama o evangelho através de seus credos, orações, sermões, hinos e obras.

Os recém-nascidos começam na nudez espiritual. Precisam de “babás” que os vistam com as vestes do cristianismo. Assim, o evangelho precisa de uma organização que sobreviva às gerações de fiéis. Os cristãos vêm e vão, mas a comunidade dos remidos continua através dos séculos.

Portanto, se o evangelho é a mensagem de Deus, a Igreja, apesar de suas imperfeições, é o meio utilizado por Deus para manter vivo este evangelho.

2. A história cristã confirma isto

Acreditamos que a Igreja seja necessária por causa dos fatos da história cristã. A Igreja, que é o corpo de Cristo, sempre levou o evangelho ao êxito (Rm 12:5; 1Co 12:27; Ef 4:12, 15-16).

Paulo foi um grande homem. Por quê? Por causa das cartas que escreveu, as quais compõem uma boa parte do Novo Testamento. Mas por que ele escreveu essas cartas? A maioria delas foi escrita para fortalecer as igrejas que Paulo fundou. Aonde quer que Paulo fosse, revelava sua paixão por fundar igrejas. Levou o eterno evangelho da salvação em Cristo Jesus, e deu-lhe um corpo na forma de congregações cristãs na Galácia, Filipos, Tessalônica, Corinto e Éfeso. Dessa maneira, Paulo levou o cristianismo em direção ao oeste e foi o principal responsável por torná-lo acessível ao mundo ocidental. Será que o evangelho teria chegado até nós sem essas igrejas? Sem dúvida não.

Mais uma vez, João Wesley foi um homem extraordinário. Mas o que fez ele? Pregou muitos sermões. No entanto, conta-se que seu amigo, Jorge Whitefield, pregava melhor que Wesley. Mas quem poderá comparar a influência duradoura dos dois homens? Qual foi a diferença? A diferença foi que em toda a parte por onde andou Wesley fez

questão de estabelecer as Sociedades Metodistas onde o cristianismo do Novo Testamento pudesse florescer. Whitefield se contentou em pregar, deixando o resto por conta de Deus. Wesley tinha a paixão e o gênio de unir os cristãos em comunhão viva. E essas sociedades metodistas transformaram-se, posteriormente, nas igrejas metodistas que hoje estão espalhadas por todo o mundo. Sem o imenso poder organizador de João Wesley, sob a orientação de Deus, o cristianismo em toda a parte seria imensuravelmente mais pobre.

O estudo da história nos revela que não há poder que se sustente sem uma instituição. Mostra, também, que não pode haver um evangelho cristão duradouro sem a Igreja.

3. Nossa condição humana exige a Igreja

Acreditamos que a Igreja seja necessária por causa das exigências da vida moderna. Isso fica tão claro quanto o meio-dia quando confrontamos os fatos da nossa situação humana como eles realmente são.

Vivemos num mundo em que o mal não se limita às pessoas más. As forças do mal são organizadas. Elas destruiriam a Igreja se pudessem. E não enfrentamos apenas esta ou aquela pessoa perversa. Enfrentamos poderes organizados e principados do mal. O crime é uma força social. As forças malignas estão organizadas. Até mesmo as práticas demoníacas de homens que brutalizam suas esposas e filhos são freqüentemente apoiadas pelas falhas do nosso sistema de justiça criminal. E mesmo a comunicação de massa — com suas vastas organizações — colaboram com as forças do crime, infidelidade, desonestidade, alcoolismo e vida miserável.

O comunismo também não consiste de indivíduos isolados. É uma conspiração organizada. Enquanto suas doutrinas estavam mais ou menos isoladas na mente de Karl Marx, não houve maiores conseqüências. Mas Nikolai Lênin, um russo, leu as obras de Marx. E apesar de ter sido expulso do país por traição, começou a organizar os grupos comunistas que finalmente tomaram o governo de Moscou.

Como podem essas forças perigosas dos nossos dias ser dominadas? Não poderão ser dominadas por indivíduos piedosos que permanecem separados uns dos outros. Podemos ter certeza de que os dias de muitas das ideologias contemporâneas estão contados. E sabemos que muito tempo depois que as pessoas se cansarem do som e da fúria destes movimentos, elas marcharão sob a bandeira de Cristo. Mas isto será porque o cristianismo é composto de uma comunidade de crentes, que lutam unidos contra as forças do mal.

Percebemos a importância da Igreja assim que descobrimos que estamos nos confrontando com o mal organizado. Como disse Paulo, "a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6:12).

O bem desorganizado não é mais eficaz que qualquer outro tipo de poder desorganizado.

Voltando-nos desses grandes problemas do mundo para os nossos problemas interiores, descobrimos que facilmente nos esquecemos de Deus. Por isso, precisamos da Igreja para continuar nos lembrando da realidade das coisas espirituais.

É teoricamente possível que alguém continue a viver sua experiência cristã vital sem a Igreja, se tiver recebido uma boa formação cristã. Mas, praticamente falando, isto não funciona desta maneira. Se tirarmos uma brasa viva do fogo, logo ela perderá o seu brilho. Se tirarmos um cristão da comunhão dos remidos, logo ele perderá sua fé.

II. A glória da Igreja

A glória da Igreja é o eterno evangelho que ela proclama. Porém, quais são os ingredientes deste evangelho que o tornam tão aceitável a nós? São as poderosas afirmações da nossa religião. Essas afirmações — que estão encarnadas em Jesus Cristo — nos dão esperança. São, pois, as boas novas.

A luz de tudo isso, recuemos um pouco para contemplar a glória da Igreja na sua missão divinamente conferida. Quando digo "Igreja" não estou falando apenas da comunidade metodista e sim de todas as igrejas que carregam o nome de Jesus Cristo.

1. A mensagem sobre Deus

Olhemos para a glória da Igreja que de era em era continua a nos lembrar que Deus controla este universo! E não somos como rolhas que flutuam e balançam em um mar estranho, porque Deus está conosco. Ele é o primeiro e o último ato. Não estamos sós.

2. A mensagem sobre Jesus Cristo

A glória da Igreja também consiste em lembrar, de uma geração a outra, que o melhor homem que já andou sobre a face da terra foi Jesus Cristo. Num mundo cujos padrões éticos são baixos, onde o sucesso é medido em termos dos bens materiais, onde os tiranos se pavoneiam, onde as pessoas são esmagadas sob os pés das outras, quanto não vale ouvir uma voz exaltando a Jesus Cristo como Mestre, Salvador e Senhor?

3. A mensagem sobre o Salvador

Admiremos a glória da Igreja que proclama a majestosa obra redentora de Deus em Cristo Jesus, para que todos possam entrar no reino! As pessoas procuram o seu Messias em muitos lugares. Procuram, mas não chegam; procuram, mas não acham. Então, encontram o Salvador por intermédio da Igreja. Qual o valor de se ter uma voz que continua a nos lembrar, de século em século, sobre o perdão dos pecados? Pecamos, e não sabemos para onde nos voltar. Então ouvimos o evangelho e aprendemos que onde o pecado abundou, a graça super-abundou (Rm 5:20). Carregamos os fragmentos do que chamamos nossa vida até o pé da cruz e recebemos ali a palavra de cura e de poder.

4. A mensagem sobre a dignidade de cada ser humano

Contemplemos a glória da Igreja que nos lembra, de era em era, da dignidade e do valor de cada ser humano perante Deus. Muitos falam sobre os direitos das pessoas e de sua dignidade. Nós os acompanhamos até onde são capazes de ir. Somente a Igreja, porém, é capaz de dar a dimensão total da profundidade desta ênfase. Por quê? Porque só a Igreja vê as pessoas à luz do Deus que as criou e que se interessou tanto por elas a ponto de sofrer e de se entregar pela sua redenção.

5. A mensagem sobre as vocações

Admiremos a glória da Igreja de Cristo no seu chamado para que toda tarefa útil seja vista como uma vocação divina. Nenhum emprego é sinônimo meramente de salário. É uma tarefa que deve ser feita para a glória de Deus e serviço a nós e aos outros. Nenhum trabalho é um sacrifício. É um privilégio. Porque Deus nos chama a cumpri-lo. Qual o valor de se ter uma voz que nos ensina a nunca estarmos simplesmente empregados, mas a fazermos nosso trabalho com toda a diligência porque isso agrada a Deus?

6. A mensagem sobre as missões

Admiremos a glória da Igreja que, em meio às nossas perspectivas locais, nos chama à missão mundial do cristianismo. Porque nós precisamos do Salvador, todos precisam dele. A Igreja nos desafia com um ideal de fraternidade universal na família de Deus. E concretiza este desafio ao enviar seus filhos e filhas até os longínquos cantos da terra com a mensagem do amor divino. Estes missionários não carregam armas, não ajuntam fortunas e não ganham altas posições sociais. No entanto, armados com o amor de Cristo curam os enfermos, ensinam os ignorantes, treinam os sem ofício e proclamam as boas novas. Como um todo, perfazem o mais fino grupo de homens e mulheres que já andou nesta terra.

7. A mensagem sobre a vida responsável em comunidade

Admiremos a glória da Igreja que em meio a um mundo indiferente, desumano e desesperadamente necessitado conclama os cristãos a uma grande obra em prol do melhoramento das pessoas em sociedade. A Igreja, como a anunciadora das boas novas em Cristo, é chamada por Deus a "proclamar libertação aos cativos... por em liberdade os oprimidos" (Lc 4:18), e a promover a paz. Apesar de todas as suas falhas e fraquezas, a comunidade de fé e oração ainda é convocada a dar as mãos para cumprir a oração:

*Venha o teu reino
Seja feita a tua vontade
Assim na terra como nos céus.*

8. A mensagem sobre a vida eterna

Admiremos a glória da Igreja que continua a nos lembrar que somos feitos para dois mundos, e não apenas um! Somos feitos para a vida eterna. Ela tem início aqui; mas não termina no túmulo. O maior erro de cálculo que o ser humano pode fazer é supor que a morte seja o fim. Qual o valor de ter uma voz que nos diz que a Páscoa não é apenas um dia no calendário? É um fato sobre o destino humano. A Páscoa é o modo perfeito de Deus nos prometer a imortalidade pessoal através de Jesus Cristo. Pois de acordo com o Novo Testamento não é suficiente afirmar que contribuímos para a vida eterna de Deus somente para cair no esquecimento. Porque Cristo vive, também nós viveremos.

Portanto, a Igreja é o corpo de Cristo. É o seu instrumento. Sua serva. Ela é a portadora do tesouro eterno, o evangelho. E porque Cristo é o fundamento da Igreja, "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16:18).

CAPÍTULO XIII

CREMOS NO REINO DE DEUS

A Bíblia é um livro que trata do Reino de Deus. Desde o início até o fim, ela fala do Deus que se interessa profundamente pelas coisas do ser humano nesta vida. Alguns querem limitar a obra de Deus às necessidades pessoais dos indivíduos. Mas esse não é o quadro completo que encontramos na Bíblia.

Como já vimos, nós, metodistas, acreditamos na salvação pessoal. Deus ama cada indivíduo, e salva seus filhos um a um. E sabemos que o ministério terreno do nosso Senhor era freqüentemente voltado às necessidades dos indivíduos. Assim, nos apegamos à perfeita relevância do evangelho às nossas mais profundas necessidades pessoais. Mas o cristianismo não para aí. Por quê? Porque Deus não para aí.

Como sabemos disso? Sabemos através da Bíblia, da história e da experiência cristã. Sabemos, também, pelo discernimento íntimo, bem como pela visão cristã das necessidades humanas.

I. A Bíblia e o Reino de Deus

Uma das idéias mais fundamentais encontradas na Bíblia é a do Reino de Deus. É impossível fugirmos dela.

1. O Antigo Testamento fala

O Antigo Testamento não trata apenas dos indivíduos mas, também, dos filhos de Israel. A promessa de Deus a Abraão também envolvia sua descendência. E ela incluía os maiores assuntos dessa vida terrena (veja Gn 12:2-3; Gn 13:14-17). O mesmo se deu com Jacó (Gn 28:13-15). Toda a história do grande Moisés revela a paixão de Deus pelo bem-estar do povo escravizado de Israel. Os Dez Mandamentos dizem respeito à ordem de uma sociedade terrena sob a direção de Deus. E os escritos dos salmistas e dos profetas demonstram o santo propósito de Deus para toda a ordem social.

2. O testemunho do Novo Testamento

O mesmo se dá no Novo Testamento. No Evangelho segundo Marcos, lemos que uma das primeiras palavras proferidas por Jesus ao iniciar seu divino ministério foram: "O Reino de Deus está próximo" (Mc 1:15). Esse Reino a que ele se referia não estava confinado nem aos corações dos indivíduos, nem ao mundo vindouro.

Jesus desejava salvar as almas dos indivíduos. Mas desejava também transformar a vida da comunidade judaica e de toda comunidade humana. Ele veio para trazer vida abundante às multidões. À luz do que Jesus ensinou e de como viveu, é tremendamente

patético separar sua mensagem da totalidade da nossa condição humana. Ele afirmou que foi enviado para anunciar "o Evangelho do Reino de Deus" (Lc 4:43). E todo o conteúdo dos seus ensinamentos pode ser resumido em termos deste reino do Pai.

Jesus se esforçou ao máximo para modificar a situação religiosa e social da comunidade judaica. A seu ver, a obra de Deus não estava sendo realizada e conduzida devidamente pelos líderes religiosos de Jerusalém. Até o próprio templo estava poluído. Quando Jesus o purificou, desafiou a ordem existente até o ponto em que era preciso.

Em contraste com as nossas tradições e padrões humanos, Jesus veio para anunciar uma ordem divina. Quando desafiou os regulamentos que governavam o sábado, ele rasgou o tecido social dos judeus. Nenhum regulamento era mais universalmente social que os que tratavam da observação do sábado. E nenhum regulamento era mais zelosamente guardado.

Jesus, porém, apresentou uma concepção totalmente nova e diferente do sábado. Insistiu em que toda instituição ou regulamento deveria servir à vida. Por isso disse: "O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Mc 2:27). Nenhuma palavra poderia tê-lo colocado mais decisivamente no centro da situação social que essa. Um dos motivos básicos que levaram os líderes religiosos a provocar a multidão insensata a gritar "crucifica-o!" foi que Jesus proclamou o princípio social negligenciado de que a lei de Moisés existia para todas as pessoas. As passagens em Mateus 5 que dizem "ouvistes o que foi dito aos antigos... eu porém vos digo" falam desta história (Mt 5:21-48).

Jesus não veio ao mundo para convocar as pessoas meramente a uma vida de serenidade particular. Ele queria que tivessem toda a paz de alma possível. Mas, acima de tudo, desejava que conhecessem seu lugar e seu trabalho na comunidade divina.

II. As ordens divinas e o reino

Assim, o Deus da Bíblia se interessa pelas comunidades no mundo atual bem como pelas pessoas. Deus julgou Israel e as outras nações. Se a Bíblia é verdadeira, não será exagero dizer que, em muitos pontos, Deus está em "guerra" (desacordo) com a nossa sociedade. Porque a vontade de Deus está sendo desprezada pelos pecados das pessoas em seus relacionamentos interpessoais. E escarnecemos de Deus, abanando nossas pequenas normas éticas e sociais em seu rosto. Dizemos: "Que diferença faz a Deus o nosso preconceito racial? Que diferença faz se caímos no grande erro da guerra? Que diferença o divórcio faz para Deus? Por que nos preocupamos com a desonestidade nos negócios ou com a corrupção na política? Será que Deus se importa com tudo isso?".

O próprio Deus nos ajuntou em uma vida comunitária. Foi ele quem estabeleceu certas ordens na terra, e Ele espera que o seu propósito para estas ordens divinas seja cumprido. Mas o que são as ordens divinas? São as condições que Deus estabeleceu para toda a existência civilizada sobre a terra. Examinemo-las.

1. A ordem econômica

Primeiramente, há a ordem econômica. Deus nos colocou sobre a terra para que fôssemos mordomos (administradores) de tudo (Gn 1:26). Nossa alimentação e nosso abrigo devem vir da terra, de nosso trabalho. Devemos conseguir nossos confortos e conveniências pelo controle (cultivo) da natureza. Tudo isso, porém, exige uma ordem

econômica. Assim, Deus estabeleceu as condições para a exploração agrícola, o comércio e o trabalho.

Mas desperdiçamos os bens da terra e poluímos este lindo planeta. E assim escarnecemos de Deus. Exploramos, sem qualquer escrúpulo, os nossos semelhantes e assim esmagamos as ordenanças divinas dentro das quais devemos desempenhar nossa mordomia. E o ponto em que mais desafiamos a vontade de Deus é a maneira pela qual lidamos com o nosso lixo, e, principalmente, o lixo perigoso.

Assim, na vida econômica precisamos sempre que a "razão e a vontade de Deus prevaleçam". E o que significa isto? Significa, basicamente, absoluta honestidade e justiça em todas as transações. Significa servir a Deus com riqueza.

Nesse particular, nós, metodistas, nos unimos a todos os cristãos, na afirmação da santidade de todo trabalho útil. É uma alegria poder trabalhar. E toda tarefa necessária tem sua glória no Reino de Deus. Cada artesão e artista, cada médico, advogado e enfermeira, cada professor, empregada doméstica e gari, cada estudioso, cientista e escritor, cada executivo e trabalhador, cada líder político e jornalista, cada profissional do rádio e da televisão e trabalhador social, cada atendente de pessoas deficientes, cada jovem e cada adulto é chamado a fazer seu trabalho para o propósito da construção do Reino de Deus

2. A ordem política

Também há a ordem política. Nenhuma vida em comunidade é possível sem um governo. Por isso, a ordem política (o governo) foi criada por Deus. E Deus se interessa pela qualidade dos governos sobre a terra. Há uma grande diferença aos olhos de Deus entre a democracia e a tirania. O Reino de Deus é desafiado de um lado por tiranos e de outro por cidadãos indiferentes. Seu reino na ordem política é repudiado por políticos corruptos e por oficiais cujas almas têm um preço. O governo (o estado, o poder público, as instituições públicas e democráticas) existe para a glória de Deus e para o serviço às pessoas.

Portanto, nós, cristãos, não podemos ser isolacionistas (ou seja, não nos comportarmos como cidadãos!). Não podemos nos distanciar do que acontece nos governos da terra. Por quê? Porque Deus estabeleceu a ordem de governo e freqüentemente as pessoas têm corrompido esta ordem. Muitas vezes, o próprio destino da humanidade depende dessas organizações políticas.

Nós, metodistas, cremos na participação ativa no governo. Muitos metodistas participam dos negócios governamentais, tanto locais quanto nacionais. Oramos para que permaneçam fiéis à sua herança cristã metodista. Cremos que todos os cristãos têm uma tarefa a desempenhar, apontada por Deus para o estabelecimento do Reino, no interesse do bom e democrático governo.

3. A ordem do casamento e da família

Existe uma ordem de casamento e vida familiar. Ela também foi estabelecida por Deus. Mas existem muitos tipos de família, e também neste aspecto Deus é muitas vezes desafiado. Nosso dever como cristãos é nos tornarmos construtores do Reino de Deus ao participarmos das alegrias da criação de lares cristãos.

Que tipo de lar é o lar cristão? Primeiramente, é um lar no qual Deus reina. Nós pertencemos a Deus individualmente, e o mesmo acontece com nossas relações familiares. Em segundo lugar, é um lar onde a relação marido e mulher é mais importante que

qualquer outra. Não estamos com isto menosprezando o maravilhoso sentimento entre pais e filhos. Mas no lar cristão, a relação marido e mulher vem em primeiro lugar. Não se trata de uma injunção humana; é uma ordem divina mente estabelecida. Jesus disse: "Desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher. Por isso deixará o homem a seu pai e mãe, e unir-se-á à sua mulher. De modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem" (Mc 10:6-9; veja também Ef 5:31).

Marido e mulher são unidos um ao outro pela intimidade de uma memória comum. Com o passar dos anos, eles se alegram e sofrem juntos. Enfrentam juntos as lutas da vida. E cada um contribui tanto para o outro que, na verdade, um sem o outro está perdido. Deus estabeleceu desta forma. Qualquer tentativa para romper essa relação (com raras e justas exceções) é uma tentativa de desafiar uma ordem que o próprio Deus estabeleceu em nossas comunidades terrenas.

A cerimônia do casamento é um evento; mas o casamento em si é um empreendimento.

Em terceiro lugar, o lar cristão é um lugar onde os filhos são amados, orientados e ensinados todos os dias. Devemos amar nossos filhos. E devemos ensinar-lhes os preceitos de Deus. Devemos mostrar-lhes, por palavras e obras, a luz do evangelho. Cada criança deve aprender sobre Deus e Cristo, sobre o amor e a justiça. Obviamente, a maior responsabilidade nesse sentido pertence aos pais.

Nas famílias em que apenas um dos pais está presente, a obra divina é feita com a mesma dedicação à vontade e aos propósitos de Deus. E toda mãe ou pai pode estar certo da infalível graça de Deus. Esta graça divina pode ser percebida no auxílio oferecido pelos companheiros cristãos, que são chamados a fazer o que estiver ao seu alcance para cuidar e alimentar as famílias na formação cristã.

4. A ordem educacional

Além destas ordens divinamente estabelecidas, existem certas instituições sem as quais a vida altamente civilizada não seria possível. Elas também são instrumentos de Deus para o avanço do seu Reino.

Para mencionar uma em particular, temos a ordem educacional. Isso inclui as pré-escolas, as escolas primárias e secundárias, as faculdades e universidades. É bem verdade que a vida poderia, de alguma maneira, continuar sem essas instituições que têm a responsabilidade de socializar conhecimento e formar cidadãos. No entanto, considerando-se que nenhuma vida comunitária avançada seria viável sem elas, podemos concluir que a ordem educacional tem sua origem e sanção supremas em Deus. Todo cristão tem o dever de fazer avançar o Reino ao servir e ajudar a financiar nossas escolas e universidades. Nós, metodistas, temos demonstrado nossa crença na educação através do nosso empenho para a construção de instituições educacionais de alta qualidade.

O trabalho do professor é exaltado porque segue na linha do grande Mestre e oferece um serviço indispensável à humanidade. O trabalho do aluno também é importante. E todo estudante, da pré-escola à universidade, é chamado por Deus a dar o melhor de si.

III. O princípio chave

Dentro de todas essas ordens, bem na frente de nosso pensamento, deve estar a paixão de conhecer e cumprir a vontade de Deus. Encontramos a chave de sua vontade no amor de Jesus Cristo. À luz deste amor, reconhecemos claramente as enfermidades que flagelam as sociedades desta terra.

Se Deus está em Cristo, não há lugar para a guerra no Reino de Deus e ela deve ser vencida em nome de Jesus, o Príncipe da Paz.

Se Deus está em Cristo, a corrupção política, a indulgência para com a bebida alcoólica, o vício em drogas, a vulgaridade, o jogo e a pornografia, etc, são inimigos de Cristo e devem ser derrubados pela integridade e pureza cristãs.

Se Deus está em Cristo, a pobreza e a ignorância não participam do Reino de Deus e devem ser banidas.

Se Deus está em Cristo, o preconceito racial não pertence às sociedades humanas e deve ser expulso pela poderosa força do amor e da sabedoria de Cristo.

Se Deus está em Cristo, a deslealdade, a infidelidade e a briga no lar não têm lugar no Reino, e devem ser substituídas pela lealdade e compreensão.

Se Deus está em Cristo, a maravilhosa dádiva do sexo não deve ser vulgarizada, mas exaltada e expressa — em total respeito a nós mesmos e aos outros — na regra divina: quando solteiro, na castidade; no casamento, com fidelidade.

Se Deus está em Cristo, a ilegalidade (injustiça) e o protesto violento não são o meio para se fazer uma grande obra para Deus e por nossos companheiros humanos.

Se Deus está em Cristo, as leis erradas e os processos legais (injustas) incômodos devem ser transformados para servir a todos.

Tem sido afirmado, com frequência, por sociólogos famosos e por outros estudiosos perspicazes da sociedade, que nenhuma comunidade é capaz de manter os mais altos padrões e valores morais a menos que esteja enraizada em Deus. E muitos concordam com Pitirim A. Sorokin, o famoso sociólogo, que disse que a melhor maneira de se evitar a calamidade no mundo foi expressa por Jesus, quando afirmou: "*Buscai, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas as demais coisas vos serão acrescentadas*" (Mt 6:33).

CAPÍTULO XIV

CREMOS NA VIDA ETERNA

A nossa religião exalta o túmulo vazio e o Cristo ressurreto. Nós, metodistas, nos unimos a todos os cristãos na afirmação da ressurreição de Jesus e da vida eterna.

I. O testemunho do Novo Testamento

Nenhum dos escritores do Novo Testamento duvida, nem por um momento, da ressurreição de Jesus. E nenhum deles deixa de compreender seu imenso significado para a religião cristã.

Todos os evangelistas narram a história do túmulo vazio. Todos eles falam do Senhor ressurreto. Três dos Evangelhos (Mateus, Lucas e João) apresentam um relato detalhado dos aparecimentos do Senhor ressurreto. E não há a menor dúvida de que sem essa absoluta afirmação da ressurreição, o movimento cristão teria se reduzido a um bando de moralistas cujo entusiasmo teria se esgotado antes de sua morte.

Os discípulos ficaram aniquilados com a crucificação. Com que excitação, emoção e dúvidas ouviram os primeiros relatos do túmulo vazio. Com que ansiedade dois deles correram ao túmulo para verificar com seus próprios olhos. E com que imensa alegria contemplaram seu Senhor vivo.

Esse foi um dos pontos cruciais da história. Tudo mudou. O passado desapareceu. A cruz era um triunfo. O túmulo foi vencido. O caminho estava aberto para o Espírito Santo fazer sua obra maravilhosa no dia de Pentecostes.

Ao receber poder do alto, Pedro colocou-se diante de uma multidão simpática a Jesus e proclamou o Senhor crucificado e ressurreto (Atos 2:23-24). Logo depois, cerca de três mil almas foram acrescentadas à comunhão dos crentes (Atos 2:41).

Ninguém compreendeu o significado da ressurreição mais plenamente que Paulo. Ele disse: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé" (1Co 15:14; veja também Rm 8:34).

Portanto, para os cristãos do primeiro século, a ressurreição de Jesus foi significativa, não apenas porque estabeleceu, sem a menor dúvida, o fato de que as pessoas não poderiam destruir o Salvador e a sua obra, mas também porque na ressurreição viram a promessa da vida eterna a todos que vivem sem pela fé no Filho de Deus.

II. A pergunta mais profunda do ser humano e a resposta de Deus

Quando passamos do Novo Testamento para nossas próprias almas, mais uma vez

percebemos o quão perfeitamente este ensino responde a nossas perguntas mais urgentes. Nos recessos mais íntimos de todo ser humano, reside a paixão pela vida. Esse desejo ardente de viver além do túmulo não é nada mais que a extensão do desejo de viver amanhã.

No cenário moderno, podemos fazer a mais profunda de todas as perguntas: qual o sentido de nossa carreira terrena em face da morte? Nenhuma pergunta sonda mais profundamente que esta. E quem não tem resposta para a morte, também não tem resposta para a vida.

Mas por que insistimos em perguntar sobre a vida, a morte e o destino? A resposta é que não podemos evitá-lo. Porque nenhuma paixão é mais profunda que a paixão pela vida. E nenhuma resposta é procurada com maior emoção que essa: "O que há depois da morte?". Este é o clamor da alma para o sentido duradouro da vida.

Assim, Deus ouviu este antigo clamor e enviou seu Filho para revelar seu amor por nós. E através do Salvador, a quem levantou dos mortos, Deus revelou seu propósito sagrado de vencer a morte. Aquilo que jamais poderíamos vencer, Deus venceu em Jesus Cristo. E é exatamente este maravilhoso ajustamento do evangelho às nossas mais profundas necessidades que nos assegura de que ele provém de Deus. Clamamos como crianças no meio da noite, e o Pai vem com sua magnífica resposta.

III. O que é a vida eterna

O que é a vida eterna que recebemos por meio de Cristo?

Em primeiro lugar, é uma vida que começa aqui na terra. Quando o Salvador reina em nossos corações, nos tornamos novas criaturas e iniciamos na jornada rumo à vida eterna.

Em segundo lugar, a vida eterna significa que cada um de nós, como indivíduo, viverá além da morte. Em outras palavras, cremos na imortalidade individual ou pessoal. Não é meramente uma questão de "imortalidade da influência", de que muitos falam. E é muito mais do que o pensamento que afirma que, de algum modo, contribuiremos para o ser eterno de Deus enquanto nossas almas terminam na morte. Pois o que é mais importante é a nossa alma em sua contínua relação pessoal com Deus e com os outros.

Em terceiro lugar, a vida eterna não é apenas uma existência sem fim. A mera existência não tem muito valor. A vida eterna é a oportunidade para uma eterna aventura criadora com Deus. Não podemos sequer imaginar os vastos planos que Deus tem em mente. Entretanto, sabemos que com Deus não podemos nos contentar em ficar sentados numa cadeira de balanço séculos a fio. Deus não deseja que fiquemos ociosos aqui na terra; portanto não nos chamará a uma vida de ociosidade no mundo que está por vir.

Finalmente, a vida eterna, que começa aqui e que promete, desde já, coisas incrivelmente maiores, é uma vida de paz e de alegria. Por quê? Porque é vivida em associação íntima com o nosso Pai celeste, e com aqueles que o amam e servem.

A vida eterna está repleta de paz e alegria, também por que está livre dos sofrimentos, dos obstáculos e das confusões desta vida terrena. Nela haverá grandes obras a serem realizadas e o poder concedido por Deus para completá-las. O trabalho criativo é sempre uma alegria. É um privilégio aqui na terra, ser chamado para o desempenho de uma tarefa

digna. Esse privilégio será transfigurado nos céus.

Além disso, a vida eterna está repleta de paz e alegria porque reúne as almas redimidas em perfeita comunhão. Muitos perguntam: "Será que reconheceremos nossos amigos nos céus?" A resposta é que não apenas os reconheceremos, mas também descobriremos o quão maravilhosos eles são. E os amaremos ainda mais perfeitamente.

Outros perguntam: "Existe casamento nos céus?". Jesus respondeu claramente quando disse: "Na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu" (Mt 22:30). Essa resposta leva aqueles que experimentaram as alegrias do amor conjugal na terra a sentir que faltará algo nos céus. Mas precisamos analisar esta questão um pouco mais profundamente. Ao invés dos laços do casamento que conhecemos aqui na terra, haverá laços espirituais da mais perfeita espécie. E aqueles que se uniram por um amor genuíno, também estarão unidos intimamente nos céus. Mas seu relacionamento será inefavelmente mais maravilhoso que o mais feliz dos casamentos na terra. Eles conhecerão um ao outro. Terão um relacionamento especial um para com o outro. Amarão e servirão um ao outro. E glorificarão a Deus juntos, em perfeita adoração e louvor.

Além do mais, todos aqueles a quem estamos profundamente ligados estarão entre os nossos queridos nos céus, se não negarmos nosso Senhor. Além disso, toda a sociedade dos remidos será uma comunidade de amor e alegria. A única exceção a isto será quando os remidos nos céus forem chamados a sofrer vicariamente com o nosso Pai, cujo coração está sangrando, por causa do estado patético daqueles que desafiam a vontade de Deus em Cristo. Pois nunca devemos nos esquecer de que o nosso Pai sofre mesmo enquanto reina nos céus.

IV. Respostas a algumas perguntas

Muitas pessoas têm dificuldade em acreditar nestas coisas. Algumas dizem: "Por que a imortalidade de influência não é suficiente?"

A resposta é que a influência não é a coisa mais importante. Não se pode comparar todas as influências da história com as almas dos homens.

Por que a influência é importante? Porque ajuda as pessoas. E se a pessoa é tão insignificante que se transforma em nada na morte, que diferença realmente faz a influência afinal? Nem mesmo uma criança deve ser enganada pela tentativa de colocar a imortalidade de influência — que na verdade não é imortalidade — no lugar da genuína vida após a morte. Além do mais, como já afirmamos, a teoria de que teremos a vida eterna apenas porque contribuimos com o ser eterno de Deus é contrária aos ensinamentos do Novo Testamento sobre a imortalidade pessoal.

Outros dizem: "Tudo isso não passa de um pensamento baseado no desejo. As pessoas crêem na imortalidade porque querem crer. Como podemos saber se é verdade?"

O desejo de viver além da morte não é diferente, em qualidade, do desejo de viver amanhã. Mesmo assim, essas pessoas questionam o primeiro e louvam o segundo. É claro que desejamos viver depois da morte. Mas não acreditamos que o nosso desejo possa se efetivar. Acreditamos na ressurreição e na vida eterna porque Deus prometeu estas coisas em Cristo Jesus. E aquilo que Deus prometeu, ele tem o poder absoluto para concretizar.

Ainda outros dizem: "A morte parece tão final. Ela parece ser o fim de tudo. Nossos corpos estão tão ligados à alma que é difícil entender como a alma pode sobreviver quando o corpo se desfizer. Também, depois da morte, parece que nunca nos comunicamos com os vivos. Como essas coisas podem ser explicadas?".

A alma do ser humano é uma coisa e o corpo é outra. Nesta vida essas duas coisas estão tão ligadas que os médicos estão certo em tratá-las como uma coisa só. Mas, na verdade, as duas coisas são diferentes. Pensamentos, propósitos, valores e memórias têm sua inteira existência para e nas almas viventes. Assim como a luz não é a mesma coisa que a lâmpada, a alma não é a mesma coisa que o corpo que a carrega nesta vida. Assim, nós, cristãos cremos que, na morte, perdemos estes corpos corruptíveis e, na ressurreição recebemos corpos incorruptíveis adequados à nova dimensão de existência após a morte (1Co 15:42-44, 53-54).

Mas se as almas continuam a viver, porque não nos comunicamos com elas depois de sua partida? Muitos dizem que se comunicam. E existem muitos registros sobre esse assunto. Mas devemos nos lembrar que os mortos estão em uma dimensão diferente de existência. Na natureza do caso, a comunicação com os mortos não é tão confiavelmente evidente como é entre aqueles que ainda vivem na mesma dimensão terrena. Um grande abismo nos separa uns dos outros.

Mas ainda se pode perguntar: "Como podem ser estas coisas?".

A verdade é mais estranha que a ficção. Não há maior mistério que o nascimento de um bebê. Ao nascer, uma criatura inteiramente nova entra para a existência. Como? Conhecemos os estágios do seu desenvolvimento. Mas não conseguimos compreender como um ser humano que ainda não existia pode, agora, vir ao mundo. Este é um mistério do poder criativo de Deus. No entanto, é um fato.

Muitas pessoas que aceitam o milagre do nascimento sem o menor espanto ficam confusas diante do milagre da ressurreição. Estamos familiarizados com o milagre diário do nascimento; não estamos familiarizados com o milagre da ressurreição. Mas a familiaridade ou não com estas coisas nada tem a ver com a sua realidade. Porque, no final das contas, tudo depende do poder e do propósito de Deus. E na ressurreição de Jesus, Deus demonstrou sua conquista da morte.

Resta-nos ainda uma pergunta. "Esta crença na vida eterna não nos incapacita de viver uma vida bem sucedida aqui e agora?".

Freqüentemente tem-se considerado que esta crença fecha a porta ao interesse inteligente pelas coisas práticas da vida terrena. E em alguns casos isto aconteceu. Mas, via de regra, as pessoas que fogem dos seus deveres aqui não são aquelas que nutrem uma esperança viva de vida eterna. Por quê? Porque na afirmação cristã esta vida e a próxima estão vitalmente ligadas uma à outra. A maneira que vivemos aqui afeta em muito o que nos acontecerá no mundo vindouro. Assim, longe de nos fazer perder o senso do dever aqui, a certeza da vida eterna se torna um forte motivo para agir nesta vida.

Nossa co-missão é certa. Nossos deveres estão diante de nós. Durante a única vida que agora temos, devemos trabalhar, servir a humanidade e expandir o Reino.

V. O juízo divino

Os cristãos sempre reconheceram a diferença entre o céu e o inferno. E acreditamos que não podemos nos expressar mais claramente em relação aos deveres perante Deus do que afirmando: o modo pelo qual vivemos aqui faz toda diferença entre o céu e o inferno no mundo vindouro. Não somos redimidos pelas nossas boas obras, porém nunca seremos redimidos sem elas. As almas salvas devem cumprir suas obrigações diante de Deus e das pessoas.

João Wesley insistia neste ponto em termos os mais fortes possíveis. Nunca abandonou a doutrina de que somos salvos somente pela graça. Mas se agarrou fortemente à afirmação de que ninguém permanece no estado de salvação sem fazer a vontade de Deus na terra. Como disse Jesus: "Nem todo o que me diz: 'Senhor, Senhor!' entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mt 7:21).

Portanto, temos as responsabilidades que Deus nos deu neste mundo. Somos chamados a levar adiante a obra de Deus em tudo o que fazemos, enquanto vivemos aqui. Somente depois disso podemos ter a esperança de ouvir, "Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25:34).

Acreditamos na vida eterna.

CAPÍTULO XV

ALGUMAS ATITUDES DOS METODISTAS

I. A segunda vinda de Cristo

Nós, metodistas, sabemos que o Novo Testamento fala, em muitos lugares, sobre a segunda vinda de Cristo. E acreditamos que estas referências têm um significado verdadeiro. Apesar de nenhum dos nossos Artigos de Religião se dedicar exclusivamente a este assunto, ele é claramente mencionado no Artigo Terceiro. E o afirmamos todos os domingos quando recitamos o Credo Apostólico.

Mas de um modo geral os metodistas têm se interessado tanto pelas coisas de Cristo relacionadas com o aqui e agora que, na prática, não têm se aprofundado muito no significado total da segunda vinda. Isto se deve, em parte, à maneira prática de João Wesley considerar a questão. Ele cria na doutrina. Mas sempre contrabalançava sua interpretação com um bom senso prático. Assim, por sua própria natureza, o Metodismo evita extremos sobre esta questão.

Com relação ao tempo e à estação, lembramos constantemente de duas afirmativas feitas por Jesus. Ele disse: "Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Mc 13:32). Isto significa que ninguém sabe o dia nem o século, nem o milênio. Em outra ocasião, o Senhor ressurreto instruiu os seus discípulos sobre estas coisas quando disse: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade" (At 1:7). Estas palavras do nosso amado Senhor são, para nós, finais.

Existe, no entanto, um sentido nessa segunda vinda que nós, metodistas, não queremos perder. É a profunda verdade de que Deus acabará com a presente ordem de uma maneira que está de acordo com seu poderoso ato de criação. Não podemos ser verdadeiros para com o Criador e supor que ele inauguraria um universo maravilhoso, nos criaria para o cumprimento de um grande propósito, revelaria a si mesmo em Cristo, entraria em nossas almas pelo poder do Espírito Santo apenas para deixar que tudo malograsse no final. A compreensão cristã das últimas coisas deve ser comensurada com a nossa compreensão do vasto processo da criação e redenção.

Assim, a segunda vinda significa que, apesar de ninguém saber o tempo ou a estação, Deus irá, no seu próprio tempo e maneira, inaugurar esta nova era sob Deus em glória, poder e amor.

E para nossa resposta pessoal a isso temos em nossos corações a certeza da salvação. Por isso, sabemos que a nossa vida está nas mãos de Deus. Quando vier a morte, que poderá ser em qualquer ocasião, sabemos que estamos preparados para tomar a mão do nosso Salvador e andar pelos caminhos celestiais. Porque sabemos que o Senhor

nos encontrará no “fim da linha” (veja Jo 14:3). Por isso vivemos na esperança, tanto na vida após a morte quanto na nova era que Deus inaugurará.

O grande ponto do cristianismo não está em esperar ansiosamente por um acontecimento que está escondido em Deus. Está em permitir que o Cristo vivo opere suas maravilhas em nós, agora. Portanto, enquanto estivermos aqui no mundo, devemos cuidar dos “negócios” do Senhor.

II. O pecado imperdoável

Algumas pessoas têm dado grande importância ao pecado imperdoável. Mas ele nunca foi considerado uma doutrina fundamental em toda a longa história do cristianismo.

Porque, então, se fala tanto sobre ele? Esta doutrina tem a sua origem em algo que Jesus disse. Quando alguns fariseus afirmaram que Jesus expulsava demônios pelo poder de Belzebu (Mt 12:23-24), o nosso Senhor lhes deu uma resposta bastante forte. Entre outras coisas ele disse: "Por isso vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada" (Mt 12:31-32).

Nós, metodistas, cremos que o único pecado imperdoável é aquele do qual as pessoas não se arrependem, ou não conseguem se arrepender. E quando as pessoas, como alguns dos fariseus, se tornavam tão rebeldes que atribuíam a obra de Deus a satanás, não havia mais esperança para elas. Jesus falava de pessoas cujo orgulho era tão grande, e cuja cegueira era tão absoluta, que não havia mais esperança para elas.

Mas, nós, metodistas, cremos que este pensamento poderá ser enfatizado demais. E lamentamos as atividades daqueles que amedrontam certas pessoas tentando convencê-las de que cometeram o pecado imperdoável. É nesse ponto que devemos considerar a mensagem total da Bíblia. E nunca devemos menosprezar o grande poder redentor de Deus através de Jesus Cristo, colocando algumas pessoas além do seu alcance.

Para efeito prático, nós, metodistas, daríamos a todos esta palavra de segurança: se você tem medo de ter cometido o pecado imperdoável, pode ter certeza de que não o cometeu. As pessoas que cometem este pecado nunca se preocupam muito com o fato.

III. O que tem que ser, será

Algumas pessoas dizem: "O que tem que ser, será". E assim deixam tudo por conta de Deus.

Nós, metodistas, não aceitamos esta doutrina. Acreditamos que tudo acontece sob o governo de Deus. Mas acreditamos, também, que Ele criou o ser humano com a capacidade de dizer "sim" e de dizer "não". Do começo ao fim, a Bíblia chama homens e mulheres a "escolher", "vir", "arrepender", "buscar".

Foi Deus que nos criou com liberdade. E os fatos da história provam, sem a menor dúvida, que Deus não interfere nesta liberdade. Por esta razão, Deus permite que as pessoas se matem nas guerras ou se destruam nos viadutos.

Repudiamos, portanto, a doutrina de "o que tem que ser, será", pois é uma forma de fatalismo. Ela torna o ser humano incapaz de fazer algo com o poder que Deus lhe concedeu. Por esse motivo, não acreditamos na astrologia, nas previsões fatalistas, nem qualquer outra crença ou prática que reduz o ser humano a um fantoche.

IV. Uma vez na graça, sempre na graça

Outros dizem: "Uma vez na graça, sempre na graça".

Que significa isto? Significa que depois de nos tornarmos cristãos não podemos abandonar a vida de graça. Em outras palavras, quer dizer que depois de nos tornarmos cristãos não temos mais a liberdade de nos afastarmos de Cristo.

Mas nós, metodistas, acreditamos que continuamos livres para abandonarmos a Cristo, mesmo depois de nos tornarmos cristãos. Neste aspecto também levamos a sério a nossa liberdade humana. Por que pensamos deste modo? Porque tanto a Bíblia como o senso comum o exigem.

A Bíblia está cheia de exemplos de pessoas que começaram bem, mas terminaram tragicamente. Houve o rei Saul, no Antigo Testamento (veja 1Sm 10:9-10,16-24). E houve Demas, no Novo Testamento (veja 2Tm 4:10). Além desses, muitos outros poderiam ser mencionados.

A possibilidade de se desviar do evangelho é algo que os metodistas pregam e todas as denominações praticam.

No entanto, é verdade que uma vez que a pessoa experimenta a vida cristã dificilmente se desviará dela permanentemente.

V. Predestinação

O que é predestinação? É a doutrina pela qual Deus decide quem será salvo e quem se perderá. Significa que algumas pessoas são escolhidas por Deus para serem salvas.

Nós, metodistas, repudiamos esta doutrina. Afirmamos a soberania de Deus e cremos que somente ele poderá nos salvar. Mas acreditamos que as pessoas podem, ou não, se colocar em uma posição tal que Deus as salvará. Deus dá livremente. Mas o ser humano precisa receber. Somos salvos unicamente pela graça de Deus. Mas para recebermos esta graça precisamos confessar nossos pecados e confiar na graça perdoadora de Deus em Jesus Cristo. Além disto, nós, metodistas, achamos que essa doutrina de predestinação contraria a mensagem total da Bíblia e o senso comum a afirmação de que Deus designa de antemão alguns para o inferno. Tomando-a em seu sentido literal, esta doutrina é perniciosa.

Assim, acreditamos em um cristianismo que está aberto a todas as pessoas. Deus deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade (1Tm 2:4). E apelamos a todos a que aceitem a Deus e vivam.

VI. O Batismo e o Batismo infantil

Cremos no batismo infantil. Juntamente com quase todos os cristãos cremos no

batismo de adultos, sempre que a ocasião o exigir. E estamos dispostos a batizá-los por imersão se assim o desejarem. Mas por considerarmos que a quantidade de água não tem importância, recomendamos a prática do batismo por aspersão.

Originalmente, as crianças eram batizadas porque se acreditava que sua natureza humana era tão maculada pelo pecado original que se morressem estariam perdidas para sempre. Se analisarmos este pensamento a partir da visão de Deus, chegaremos à essência da questão. Através dos séculos, os cristãos têm acreditado que as crianças são inefavelmente preciosas para Deus. Ele não deseja que elas se percam. Mas o batismo infantil vai muito além de uma suposta purificação do pecado original.

Para analisarmos a questão do batismo infantil, precisamos compreender o sacramento do batismo em si mesmo, seja de crianças ou adultos. O que é o sacramento do batismo? É o sacramento de incorporação da pessoa à comunidade de fé. Significa que os batizados estão, num sentido verdadeiro, em Cristo, chamados por ele para serem treinados e alimentados dentro da comunidade de fé. Significa o início da nova vida em Cristo. Na verdade, podemos iniciar na nova vida antes do batismo. Porém, o batismo é o modo pelo qual a Igreja reconhece a profunda realidade da incorporação a Cristo e sua comunidade. Significa, também, o reconhecimento público desta identificação com Cristo. Por tudo isso, o batismo significa a incorporação à nova vida do Espírito. No batismo de Jesus, a nova era de graça teve início e foi anunciada pelo Espírito Santo. Assim, no batismo de hoje, o Espírito Santo age misteriosamente no coração do crente e na comunidade de fé, para trazer ao povo os benefícios da nova era.

Mas por que os metodistas se unem à grande maioria dos cristãos no reconhecimento da importância do batismo infantil? Porque pelo nascimento Deus colocou a sua marca e o seu selo nas criancinhas e as reclamou para si e para seu povo. Também acreditamos no batismo infantil, porque a poderosa obra redentora de Deus em Jesus Cristo já foi feita em favor de cada criança e a Igreja comemora este fato. Mais uma vez, acreditamos no batismo infantil porque a comunidade de fé como um todo, juntamente com a família, precisa sustentar cada criança e reclamá-la para Cristo e sua Igreja, em antecipação à era da responsabilidade. Em todas as coisas, incluindo a religião, a criança acompanha a família.

O batismo é um serviço de comunhão. E no batismo infantil a comunidade faz pela criança aquilo que, com oração e orientação apropriada, ela fará quando for confirmada e aceita como membro da Igreja. O batismo dá o verdadeiro significado à confirmação. Pois, no caso das crianças, a confirmação é um mero adiamento no tempo do processo organicamente unificado da incorporação à comunidade de fé que começou no batismo.

Colocando de uma outra maneira, o Espírito Santo age misteriosamente através da comunidade de Cristo para reclamar cada criança para Deus e seu Reino.

Contra este pano de fundo, nós, metodistas, lamentamos certos erros no pensamento e prática em relação ao batismo infantil. Em primeiro lugar, lamentamos o erro de se considerar o batismo como uma cerimônia para o benefício dos pais. Ela lhe dá, ou deveria dar, um maior senso de responsabilidade diante de Deus, para o alimento cristão de seus filhos. Mas o sacramento vai muito além disso.

Em segundo lugar, lamentamos a idéia de que o batismo infantil seja reduzido a uma mera cerimônia de dedicação. É verdade que no batismo a criança recebe um nome cristão através da Igreja. Mas o batismo é um batismo verdadeiro e, portanto, não precisa ser

repetido.

Em terceiro lugar, lamentamos que este sacramento seja "estragado" por alguns pela utilização de uma flor, mergulhada na água e colocada sobre a cabeça da criança. Por quê? Porque isto não tem significado histórico. A flor não deve substituir a mão do pastor diretamente sobre a cabeça da criança. No batismo estamos lidando com um profundo mistério espiritual e não com uma cerimônia comovente.

VII. A comunhão para todos

Os metodistas nem sempre avaliaram a importância do sacramento da Ceia do Senhor. Nesse sentido, não temos reconhecido nossa identidade enquanto comunidade de fé histórica, na linha de Cristo e dos apóstolos. O próprio Jesus inaugurou este sacramento, recomendando que seus seguidores o observassem.

Este sacramento desperta a lembrança sagrada do que Jesus Cristo fez por nós e pelo mundo. Ele mantém nossa mente presa ao fato do nosso pecado e em nossa necessidade de perdão. Comunica o amor de Deus para cada alma. E, misteriosamente, através do pão e do vinho, o Espírito Santo se movimenta em nosso meio, trazendo a todos, tanto pessoal quanto comunitariamente, os efeitos da grande obra de Cristo em nosso favor. Assim, este sacramento é uma celebração do amor redentor de Deus e de sua graça capacitadora. Significa nossa grata aceitação pela dádiva do perdão e da nova vida oferecidos por Cristo. Significa compromisso renovado e determinação. Lamentamos os esforços de inovação que vulgarizam o profundo significado deste sacramento, através de músicas e liturgias que não comunicam autenticamente o que Jesus Cristo fez por nós. Aceitamos experimentações neste sentido. Mas as inovações não devem alterar a substância teológica. E os elementos precisam ser escolhidos com uma conexão histórica, tendo a paixão e morte de Cristo em mente.

Um dos valores duradouros deste sacramento é o seu foco inalterado em Jesus Cristo crucificado como a verdade central da religião cristã. Os sermões podem ou não focar esta centralidade. A música e os pequenos grupos na igreja também podem ou não focá-la. Mas nesse sacramento, a ação de Deus em Cristo é a realidade central.

Lamentamos também a prática comum entre cristãos de excluir outros companheiros cristãos da Ceia do Senhor. Acreditamos na comunhão aberta. Em alguns grupos, os cristãos se sentam juntos e conversam sobre a união da igreja. Mas não podem se ajoelhar juntos diante da Mesa do Senhor. Isso é cômico! É deplorável em todos os sentidos, histórico, teológico, ecumênico e empírico. Nem mesmo um parente de outra denominação pode participar deste sacramento, nem um amigo, nem um companheiro na luta pela liberdade e justiça. Poucos fatos hoje em dia ilustram mais tragicamente o colapso da inteligência e da boa fé.

Que todos os que se arrependem sinceramente e que têm amor por seus companheiros — ou que desejam ter — venham até a Mesa do Senhor!

VIII. A oração e a oração intercessória

Acreditamos na oração.

A oração não é meramente pedir coisas a Deus. Nem é simplesmente recitar orações

(algo mecânico da boca pra fora). É mais que simples meditação. É mais profunda que a contemplação. A oração tem sido chamada de "o desejo sincero da alma". É isso e muito mais. Algumas pessoas identificam a oração com a ação. Mas também isso deixa passar o ponto essencial.

O que é a oração? É a comunhão pessoal e o encontro com Deus. Ela envolve a verdadeira consciência da grandeza, da glória, do mistério e do amor de Deus. Assim, a oração se diferencia, em aspectos importantes, da nossa comunhão pessoal com as outras pessoas. É comunhão com Deus, o Criador, Sustentador, Redentor e Capacitador de nossas vidas.

Deus compartilha a si e seus benefícios conosco. Na verdade, o Pai se alegra na resposta de seus filhos e ele próprio se enriquece com isso. Mas somos nós que recebemos suas bênçãos e benefícios por meio da oração.

Jesus foi o único fundador de uma religião mundial a ensinar seus seguidores a orar a Deus como Pai. Isto é da maior importância no tipo de oração de que estamos falando. Se a oração é uma comunhão pessoal com Deus, ela nos ajuda a orar quando pensamos nele como Pai. Isto significa que, apesar de Deus ter prioridade como Criador e Sustentador, ele é infinitamente acessível. Deve ser visto como a Pessoa suprema. Isto não quer dizer que ele tenha um corpo como nós temos, ou que seja limitado como nós somos.

Ao contrário, significa que as características básicas de uma pessoa — que nos diferenciam da pedra, da árvore ou de uma galáxia — se aplicam a Deus. Ele nos conhece. Sem esse conhecimento, não poderia haver comunhão pessoal. Ele nos ama. Sem esse amor nós o evitaríamos. Ele se comunica conosco. Sem essa comunicação a oração se reduziria a uma conversa conosco mesmo. Deus age propositalmente. Sem esse propósito, a oração não levaria a nada. Deus nos convoca. Sem esta convocação não seríamos capacitados para servir nesta era.

Existem dois tipos de oração — a profética e a mística. Na primeira, a comunhão pessoal com Deus, envolvendo o chamado a servir — é primordial. Na oração mística — representada não apenas pelas religiões do Oriente, mas também por algumas cristãs — existe uma ascendência que leva à visão de Deus ou ao senso de total unidade com Ele. Ambas têm o seu lugar. Mas a revelação bíblica nos leva basicamente ao tipo de oração profética discutida nos parágrafos anteriores. Como Heiler afirmou em seu grande livro, "*PRAYER*" (*Oração*), o ponto mais alto na história da oração foi alcançado quando Jesus orou no Getsêmane: "Contudo não se faça a minha vontade, e, sim, a tua" (Lc 22:42).

A maior resposta à oração é uma vida dedicada ao serviço a Deus e aos outros.

Acreditamos, também, na oração intercessória.

Isto significa que acreditamos na oração pelos outros. Algumas pessoas imaginam que o único tipo de oração que faz algum bem é aquele que age em nossas próprias mentes. Mas, nós, metodistas, vamos muito além disso.

Jesus orava pelos outros (Lc 22:31-32; Jo 17:9-17). E ensinou seus discípulos a orar pelos outros. Paulo e outros seguiram esta prática com grande persistência (veja 2Co 13:7-9; Ef 1:15-17; Fp 1:3-5; 1 Ts 1:2-3; Fm 4).

Mas o que acontece na oração intercessória? Muitas coisas. Consideremos da seguinte forma. Suponha que todas as vezes que oramos a favor de alguém Deus coloque na mente desta pessoa um pensamento ou uma sugestão. Assim, Deus estaria respondendo à nossa oração. Isto não significa que a outra pessoa teria que fazer aquilo que desejássemos. Mas significa que quando orássemos no espírito certo, Deus responderia sempre à nossa oração. E estas orações operam, freqüentemente, verdadeiros milagres.

Não descartamos a cura divina. Nós, metodistas, lamentamos algumas das práticas neste sentido. Sustentamos e apoiamos a profissão médica com seus conhecimentos científicos e suas técnicas comprovadas. Mas sabemos, também, que muitas pessoas se curaram através da oração. Por isso não vemos qualquer conflito entre esses dois processos. No entanto, confessamos que não compreendemos as leis da cura divina. Por isso nos recusamos a enganar as pessoas com falsas esperanças. Em qualquer caso, a oração intercessória, bem como a oração dos pacientes, é um auxílio para o trabalho do médico. Porque é uma poderosa força curativa e consoladora.

Além disso, a oração intercessória é uma das maneiras de Deus unir os corações das pessoas e fazer sua grande obra no mundo.

Acreditamos, também, na oração em favor da Igreja, da paz mundial e do Reino de Deus.

Recomendo a leitura de "*TALKING WITH GOD: A GUIDE TO PRAYER*" (Conversando com Deus: um guia para a oração), um livro que escrevi sobre oração, traduzido e publicado pela Igreja Metodista no Brasil com o título "Como falar com Deus".

IX. Por que as pessoas sofrem?

Muitas pessoas pensam que todo sofrimento humano é causado pelo pecado. Nós, metodistas, repudiamos esta doutrina. Sabemos que muito sofrimento resulta do pecado. Muitas e muitas gerações têm sofrido pelo pecado de seus ancestrais. A ganância e a estupidez provocam a guerra. A deslealdade resulta em lares desfeitos. A bebedeira traz desastre. A corrupção em altos postos traz desgraça. As pessoas colhem aquilo que plantam (Gl 6:7). O caminho do transgressor é duro (Pv 13:15).

Mas o caminho dos inocentes às vezes também é difícil. Por quê? Não sabemos. Examine a questão de qualquer ângulo, e ficará tão confuso quanto o inocente Jó. Certa vez ouvi um pregador dizer: "Se uma criança pegar poliomielite, será porque Deus quis". Nós, metodistas, repudiamos esta doutrina como sendo não somente desumana mas absolutamente contrária à revelação de Deus em Jesus Cristo.

Jesus não veio ao mundo a fim de nos mostrar um Deus de terror. Veio para mostrar o Pai que cura os nossos ferimentos. Ele foi o grande médico. Não podemos usar a Deus para explicar o sofrimento do inocente e ao mesmo tempo pedir-lhe ajuda para vencer o sofrimento.

Sabemos que os inocentes sofrem. E sabemos também que não estão sós no seu sofrimento. O sofrimento é uma coisa solitária. Mas, freqüentemente Deus se aproxima mais de seus filhos na ocasião do seu sofrimento. Não existe noite tão escura que a luz de

Deus não ilumine. E com o seu auxílio, que está sempre disponível, seremos não somente vencedores, mas mais que vencedores (Rm 8:37).

Deus parece consentir em males naturais como os furacões, terremotos, câncer, deforquidades, insanidade etc., por alguma razão que desconhecemos. Mas sabemos que mesmo assim ele nos ama e jamais feriria deliberadamente as pessoas inocentes.

X. A missão mundial do cristianismo

Acreditamos no cristianismo mundial.

Por quê? Porque nós precisamos do evangelho; todos precisam dele. E João Wesley captou o verdadeiro espírito daquela primeira comissão missionária (Mt 28:19-20) quando disse "o mundo é minha paróquia."

Precisamos nos aventurar ou apodrecer. A vida é como andar de bicicleta: se não avançamos, caímos. E o cristianismo que perde sua dinâmica evangelística está perdido. Assim, por intermédio das igrejas, escolas, hospitais e todas as agências de serviço cremos na pregação e no ensino das riquezas insondáveis de Deus em Jesus Cristo ao redor do mundo.

Só Cristo pode responder as perguntas mais profundas da vida. Pecado? Perdão. Medo? Fé. Desespero? Esperança. Ressentimento? Amor. Provincianismo? Visão mundial. Morte? Vida eterna.

Acreditamos na unidade de todos os povos em Cristo. E acreditamos que através de missionários bem qualificados e de líderes bem treinados em suas terras natais precisamos trabalhar juntos para comunicar o amor de Cristo. Isto significa compartilhar nas orações pelo mundo. Significa dedicar tempo e dinheiro para se fazer uma obra tão grande por Deus que ela atinja toda a terra.

XI. O espírito ecumênico

Nós, metodistas, temos orgulho de nossa herança. E acreditamos que a melhor contribuição que podemos dar ao movimento ecumênico é levá-lo a uma profunda apreciação e maior compreensão de nossa própria identidade. Ao mesmo tempo, desejamos, sinceramente, trabalhar cooperativamente e criativamente na direção de uma maior unidade de espírito, organização e liderança entre todos os cristãos. Wesley insistia no "espírito católico". Seu sermão sobre este assunto contém algumas das melhores observações sobre a tolerância em toda a literatura cristã. O espírito ecumênico pode começar com a tolerância — no sentido total da palavra — mas vai, além disso, na busca da concordância e da unidade sempre que forem possíveis.

Neste sentido, tem sido sugerido freqüentemente que o Metodismo é católico, protestante e evangélico. É católico (universal) porque compartilha da revelação bíblica e da vasta, rica e cumulativa tradição do cristianismo. É católico em seu chamado a todos os metodistas para que compartilhem dos esforços na busca da unidade cristã.

O Metodismo é protestante porque leva a Bíblia a sério. É protestante em seu chamado a todas as pessoas para que compartilhem da responsabilidade na procura de almas e na reavaliação crítica. É protestante no respeito à consciência das pessoas e porque

conclama a todos que busquem, observem e compreendam a si mesmos. É protestante em seu protesto contra tudo o que é falso e demoníaco na Igreja e na vida das pessoas "religiosas".

O Metodismo é evangélico em sua ênfase em um relacionamento vivo com Deus através de Cristo. É evangélico em sua vontade de ganhar o mundo para o Reino. É evangélico em sua luta para alcançar este fim através da conversão e rededicação de indivíduos e da transformação da sociedade. É evangélico em seu chamado a todos os metodistas para que, em seu modo próprio, cresçam em sua eficácia como testemunhas vivas daquilo que Deus fez neles e do que pode fazer através deles.

O movimento ecumênico começou com a Conferência de Edimburgo, em 1910. Neste curto período desde então, muitos avanços foram feitos em relação à unidade cristã. Há um longo caminho a perseguir, e jamais faremos a jornada de uma vez. Mas as conversações estão acontecendo. Estamos mais familiarizados uns com os outros. Estão sendo feitas propostas — às vezes sábias, às vezes impraticáveis.

Penso particularmente nos diálogos católico-metodistas que tiveram início, do nosso lado, pelo Concílio Mundial Metodista em 1966 e, do lado católico, pela Secretaria para a Promoção da Unidade Cristã. Estas conversações têm continuado ano após ano. As principais diferenças — algumas das quais são fundamentais — foram identificadas. As grandes áreas de concórdia também já ficaram claras. Por exemplo, nossa concordância com os católico-romanos no diagnóstico dos problemas e enfermidades do mundo moderno é notável. E no aspecto da espiritualidade, compartilhamos não apenas de uma herança comum desde os dias dos apóstolos, mas também na ênfase da busca da santidade. Em ambos os lados, a ênfase da santidade tem suas dimensões individuais e sociais. Pois concordamos que a vida espiritual em comunidade deve se manifestar na justiça, na paz, na boa vontade e na liderança construtiva.

Mas esta é apenas uma pequena dimensão da busca ecumênica. Existem muitas outras, numerosas demais para se mencionar. Mas uma coisa é certa: onde quer que haja cristãos interessados em se encontrar e compartilhar, em trabalhar juntos nas lutas contra a desumanidade e a mediocridade, em louvar e orar juntos e, onde for possível, se organizarem em uma comunhão comum — ali, nós, metodistas, estaremos presentes e trabalhando. Muitas diferenças permanecem.

XII. O ministério pastoral ordenado (pastorado) e o laicato ⁽¹⁾

Nós, metodistas, acreditamos que todos os cristãos, graças ao batismo e à experiência cristã, são chamados por Deus para servi-lo no mundo em que estão. Acreditamos no sacerdócio de todos os crentes. Todas as pessoas têm acesso direto a Deus. A esmagadora maioria dos cristãos é formada por pessoas leigas — homens e mulheres, crianças e jovens. Na verdade, são todos ministros ou servos de Deus. Assim foi nos dias primitivos do cristianismo. As multidões que seguiam a Jesus, os indivíduos que o buscavam e a quem ele pregava, as mulheres que ficaram ao seu lado até o fim — eram todos leigos. As histórias que Jesus contou eram, na maior parte, sobre pessoas leigas. O bom samaritano, a viúva, o pastor à procura da ovelha perdida, o pai e o filho pródigo, o semeador, o mordomo fiel, o homem que procurava a pérola de maior valor, o construtor, os donos e os trabalhadores da vinha, o jovem rico, a mulher e a moeda perdida, o rico e Lázaro, o juiz, o publicano — todas essas eram pessoas leigas.

Um dos motivos pelos quais os leigos têm sido tão responsivos ao Mestre é justamente porque ele se misturou com eles e falou a sua língua. A história do laicato nunca foi contada de maneira adequada. Mas, nós, metodistas, tentamos oferecer o justo reconhecimento ao julgamento e liderança do laicato, pela solicitação de que haja uma pessoa leiga para cada ministro nas principais deliberações da Igreja. E nas igrejas locais, a liderança do laicato, de homens e mulheres dedicados, crianças e jovens, como sem pre, é da maior importância.

Como todo leigo sabe, o ministério ordenado também é essencial para a liderança e direção da Igreja. Não foi por acaso que Jesus escolheu doze discípulos para se dedicarem totalmente à compreensão, pregação e testemunho das boas novas (veja Mc 10:28; At 1:23-26). O ministério ordenado se remete aos apóstolos.

Enquanto todos nós somos chamados a servir a Deus, alguns são chamados para dedicarem totalmente a sua mente, coração e alma à compreensão e interpretação da verdade cristã, para orientarem a vida espiritual da comunidade de fé e oração, e para liderarem em todas as questões morais e espirituais. Assim, este é um chamado especial de Deus. É sagrado. Rola um vasto oceano entre aqueles que pensam no ministério ordenado como profissão e aqueles que o experimentam como um chamado divino.

Assim, os metodistas acreditam que o chamado para o ministério é da maior importância. Esse chamado pode acontecer gradualmente ou subitamente. Pode ser experimentado de muitas maneiras. Pode ser, inclusive, intermeado de dúvidas que vêm e vão. Ele consiste, essencialmente, de duas coisas.

Primeiro, um senso interior de que Deus quer que uma pessoa se dedique integralmente à proclamação do evangelho e à liderança na vida espiritual. Esta parte do chamado é normalmente alimentada em casa, na igreja local, nos campos cristãos, nas lutas e anseios da alma.

Segundo, o chamado exige um reconhecimento desse chamado e uma autorização da Igreja. Na Igreja Metodista, esta autorização começa na igreja local em que a pessoa é membro, e continua na Conferência Distrital, daí passando pelo Conselho do Ministério Ordenado e chegando à Conferência Anual (Concílio Regional). Não é suficiente que um indivíduo apenas se sinta chamado. Isto, juntamente com a resposta apropriada a Deus, faz parte. Mas esta pessoa precisa demonstrar determinação e aptidão para o trabalho exigido ao ministro no mundo contemporâneo. A pessoa que se sente chamada deve provar sua disposição em servir por meio de uma vida disciplinada, adquirindo uma educação teológica e trabalhando sob a direção de um bispo e superintendente distrital.

Na Igreja Metodista existem duas maneiras de se dar autorização total a um ministro; pela ordenação e por todos os membros em uma Conferência Anual (Concílio Regional). Em consequência disso, nossos ministros são ordenados na Conferência Anual (Concílio Regional) para expressar os misteriosos laços que os unem aos seus irmãos e irmãs conferencistas (conciliares), representantes das Igrejas locais e do ministério sacerdotal ordenado. Pois eles compartilham, trabalham e se responsabilizam por eles. Se os ministros metodistas deixarem de fazer o seu trabalho com criatividade e destreza, estarão abandonando suas congregações, estarão abandonando a si mesmos e aos colegas conferencistas (conciliares). A maioria deles abandona o seu Senhor. Por isso, os

ministros metodistas têm uma grande honra e uma pesada responsabilidade sobre seus ombros.

Deste modo, os ministros não devem se considerar servos fracos, desatentos e passivos. Eles são chamados a uma liderança criativa. E com a ajuda de Deus são escolhidos para essa liderança desembaraçada, corajosa e paciente com Cristo, exigida por essa era de mediocridade e tragédia. Eles podem descobrir novas e melhores maneiras de fazer as coisas. Mas o conteúdo essencial de sua mensagem é o mesmo.

Os ministros ordenados, ou seja, os pastores, são nutridos e encorajados pelos cristãos leigos. Estes se alegram pela chegada dos pastores à comunidade de fé como dádivas de Cristo. Os cristãos leigos logo têm a visão de que, quem quer que seja nomeado pastor, é seu ministro e este precisa de suas orações e total cooperação. Pois os ministros não representam a si mesmos, mas a Cristo. Em amor, lembram ao povo que os caminhos de Deus não são os seus caminhos; e os pensamentos de Deus não são os seus pensamentos. Buscam levar as pessoas a Deus, e encorajá-las a crescerem em caráter cristão; tentam melhorar seu testemunho e serviço cristão.

Nós, metodistas, nos unimos a todos os cristãos no reconhecimento de que o avanço da obra de Cristo no mundo depende inteiramente da ânsia do laicato e dos ministros ordenados de unirem seus corações e mentes na realização de um grande trabalho no mundo, com a ajuda de Deus. Pois juntos oramos e trabalhamos para mudar a vida das pessoas através da expansão da santidade bíblica no mundo!

(1) A palavra "leigo", de onde deriva a palavra "laicato", tem origem na palavra grega "*laós*" (= povo). Leigo, portanto, significa, não "o que não é pastor", mas pessoa do povo de Deus, chamada a exercer seus dons e ministérios. É dentre os leigos (pessoas do povo de Deus) que Deus vocaciona em sua imensa misericórdia a algumas pessoas para o ministério pastoral ordenado.